

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

JANAISA MARTINS VISCARDI

O ESTATUTO NEUROLINGÜÍSTICO DO AUTOMATISMO

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL –
UNICAMP**

V821e Viscardi, Janaisa Martins
O estatuto neurolingüístico do automatismo / Janaisa Martins
Viscardi. - - Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Entonação (Fonética). 2. Análise prosódica (Lingüística). 3.
Neurolingüística. 4. Automatismo. I. Morato, Edwiges Maria. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.

JANAISA MARTINS VISCARDI

O ESTATUTO NEUROLINGÜÍSTICO DO AUTOMATISMO

Texto apresentado à Banca de Defesa de Mestrado, no Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/UNICAMP como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Edwiges Maria Morato (IEL/UNICAMP)

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
2005

Banca Examinadora

Profª Drª Edwiges Maria Morato

Profª Drª Eleonora Cavalcante Albano

Profª Drª Rosana do Carmo Novaes Pinto

Profª Drª Ivone Panhoca (suplente)

CAMPINAS

28/02/2005

Agradecimentos

Às Prof^{as} Eleonora C. Albano, Rosana Novaes Pinto e Ivone Panhoca, por terem disponibilizado preciosos momentos de importantes interlocuções na construção deste trabalho.

Um agradecimento especial à Edwiges Morato

*A meu pai (in memoriam),
O maior estímulo para a escrita desta Dissertação*

Nada vos oferto
além destas mortes
de que me alimento
Caminhos não há
Mas os pés na grama
os inventarão
Aqui se inicia
uma viagem clara
para a encantação
Fonte, flor em fogo,
quem é que nos espera
por detrás da noite?
Nada vos sovino:
com a minha incerteza
vos ilumino.

(Ferreira Gullar, Poemas Portugueses 4)

Índice

<i>Abstract</i>	19
<i>Resumo</i>	21
<i>Introdução</i>	23
<i>Capítulo I</i>	25
<i>Do automatismo</i>	25
1. Introdução	25
2. O dito e o não dito sobre o fenômeno do automatismo: dos estudos clássicos aos contemporâneos	26
2.1 Uma releitura dos clássicos: entre Paul Broca e Hughlings Jackson	27
2.2 A Neuropsicologia Moderna sob os pontos de vista de Kurt Goldstein e A. R. Luria	34
3. A linguagem no interior da Afasiologia e Neuropsicologia: algumas dicotomias e distinções.	43
<i>Capítulo II</i>	47
<i>Da semiologia neurolingüística do automatismo</i>	47
1. Introdução	47
2. A terminologia: variações e o estabelecimento de uma nomenclatura comum.	48
3. Traçando a semiologia do fenômeno: o que a Neuropsicologia moderna tem a dizer sobre o assunto.	49
4. Duas vertentes sobre o processamento do automatismo	58
5. A dissociação automático-voluntário	62
6. Uma crítica aos estudos tradicionais	63
<i>Capítulo III</i>	65
<i>A caracterização do sujeito da pesquisa e sua produção: a construção de uma metodologia</i>	65
1. Introdução	65
2. Centro de Convivência de Afásicos: a construção de práticas lingüísticas significativas	66
3. A descrição do sujeito CF	68
4. A composição do corpus	73
4.1 A construção do <i>corpus</i> oral	74
4.2 A transcrição do <i>corpus</i>	76
<i>Capítulo IV</i>	81
<i>O olhar lingüístico sobre o dado: uma rediscussão do automatismo</i>	81

1. Introdução	81
2. A análise	82
3. Caracterizando a produção de CF: o automatismo visto como experiência de subjetividade e a alteração de sua função no discurso	84
3.1 A prosódia e seu papel frente aos processos de significação	88
3.2 O recurso a semioses co-ocorrentes: um primeiro passo para a modificação de sua produção	94
3.3 A utilização do vocativo como forma reconhecida por seus interlocutores: mais um passo para a modificação de sua produção	99
3.4 Interjeições e locuções interjectivas	102
3.5 O papel dos processos dialógicos na alteração da produção	110
3.6 Sobre a função dos marcadores discursivos	114
Capítulo V	121
Considerações finais	121
Anexo	125
Bibliografia	129

Abstract

The aim of this study is to discuss the linguistic features of a phenomenon which hasn't received much attention from Neuropsychology and Neurolinguistics: the recurring utterance. Such phenomenon has been defined as the emission of stereotyped utterances which can be recognized as *lexical* or *non lexical* forms.

According to neuropsychological studies on this phenomenon - which are few - the recurring utterance would be defined as the only possibility of oral production by the individuals called "monophasic", this production been characterized by different perceivable prosodic contours. However, this characteristic is not considered as a way of producing signification/meaning: it is considered, instead, unconscious, mechanical and involuntary.

The definition born of neuropsychological studies is now contested because it disables the questioning about the interaction of the various processes (linguistic and non-linguistic) that take part dynamically and solidarily in the way language works, not only in a pathological context but also in "normal" contexts. Moreover, this definition does not allow a reflection on linguistic-cognitive aspects involved in the functioning of language.

Thus, this study describes and postulates the linguistic features of recurring utterance from the perspective of enunciation taking into account a long-term analysis of data collected from the individual CF, which is a member and participates in the activities of Centro de Convivência de Afásicos (CCA) in Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), at UNICAMP. This work tries to confirm the expectation that conditions of enunciation modify the quality of recurring utterance production.

Resumo

O objetivo desta Dissertação é discutir as características lingüísticas de um fenômeno que tem recebido pouca atenção dos estudos da área de Neuropsicologia e Neurolingüística: o automatismo.

Tal fenômeno tem sido definido como a emissão de enunciados estereotipados e repetitivos que podem ser produzidos tanto através de formas lexicalizadas da língua como através de formas não-lexicalizadas.

De acordo com os poucos estudos neuropsicológicos que tratam do tema, o automatismo seria, em geral, a única forma possível de produção oral dos sujeitos ditos “monofásicos”, produção esta caracterizada ainda por uma variação perceptível na curva entoacional. No entanto, esta característica do fenômeno não é tida como tentativa de produção de significação, sendo considerada inconsciente, maquinal, involuntária.

Tal definição é contestada aqui por impossibilitar, dentre outras coisas, o questionamento sobre a interação dos diversos processos (lingüísticos e não lingüísticos) que atuam de forma dinâmica e solidária no funcionamento da linguagem não somente em contexto patológico como também em contexto “normal”, assim como impossibilita uma reflexão sobre aspectos lingüístico-cognitivos envolvidos nesse funcionamento.

Dessa forma, este estudo descreve e postula as características lingüísticas do automatismo a partir de uma perspectiva enunciativa, tendo em vista a análise longitudinal de dados do sujeito CF, que frequenta o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da UNICAMP, numa tentativa de confirmar a expectativa de que as condições de enunciação alteram a qualidade de produção dos automatismos.

Introdução

Considerar a linguagem sob o plano das afasias é colocar em questionamento diversas reflexões desenvolvidas no âmbito da teoria lingüística. Isto porque os “desvios” presentes na fala dos sujeitos afásicos revelam aspectos da língua que podem, muitas vezes, ser considerados à margem da teorização lingüística, ou ainda, mesmo quando considerados “em tese”, não são verdadeiramente valorizados na prática da análise deste tipo de dado.

Tratar de um tema tão complexo quanto o automatismo, considerando o dito acima, é um verdadeiro desafio: fenômeno a rigor não discutido no interior da teoria lingüística e pouco abordado (em comparação a fenômenos que recebem grande atenção, como o agramatismo) na literatura neuropsicológica, o automatismo constitui um elemento semiológico das afasias que pode clarificar certos fenômenos lingüísticos, dentre eles a prosódia, como parte constitutiva do processo de significação e o papel da interação entre os sujeitos nas práticas lingüísticas significativas.

Como o próprio nome do fenômeno sugere, o automatismo é tradicionalmente caracterizado por sua produção automática, isto é, ele ocorreria independentemente da intenção do sujeito que o produz, sendo, portanto, considerado involuntário.

A produção do sujeito é caracterizada por se constituir quase que única e exclusivamente do automatismo, sendo possível uma alteração deste quadro somente nos casos em que o sujeito se encontra em situação de tensão e produz uma outra palavra ou enunciado, sendo esta produção também considerada de caráter involuntário. A prosódia, elemento característico e saliente na produção do automatismo, não é considerada parte do processo de construção do sentido.

A desconsideração da prosódia como parte do processo de reconstrução da linguagem do sujeito e ainda como parte do processo de construção da significação pode estar relacionada ao fato de que a prosódia é tida, tradicionalmente, como sendo processada no hemisfério direito, não dominante do cérebro. Tendo em vista esta linha de raciocínio, a prosódia não desempenharia papel fundamental no processamento da linguagem, a considerar que este processamento se daria no hemisfério esquerdo do cérebro.

Já a insuficiência destes estudos no que se refere aos aspectos enunciativos da produção lingüística pode estar relacionada à metodologia empregada pelos estudos neuropsicológicos, tendo em vista que é o *teste* o ambiente padrão para avaliação dos fenômenos que ocorrem não só dentro do quadro semiológico das afasias, como também no quadro das neurodegenerescências em geral.

Esta Dissertação tem, pois, por objetivo central chamar a atenção para a importância de uma teorização lingüística acerca do automatismo, numa tentativa de descrever um estatuto lingüístico consistente para ele, o que passa pela consideração das instâncias enunciativas e prosódicas nas quais ele é produzido.

O Capítulo I pretende apresentar alguns dos estudos que deram destaque ao automatismo, assim como pretende trazer o olhar do pesquisador para os autores que são considerados os expoentes de suas épocas com relação aos estudos afasiológicos. Dentro desta perspectiva, o capítulo também traz a visão de linguagem apresentada por estes autores, introduzindo dessa forma a reflexão a respeito da produção científica relacionada ao tema.

Tendo sido feita a apresentação de alguns dos autores que guiaram os estudos da Afasiologia e da Neuropsicologia em suas épocas, o Capítulo II pretende descrever com maior clareza e riqueza de detalhes a semiologia do automatismo, abordando para tanto a literatura tradicional atual disponível sobre o tema. Neste momento serão apresentados os maiores problemas da descrição disponível atualmente sobre o fenômeno.

Tendo em mente as críticas elaboradas no decorrer no capítulo II, será apresentada no Capítulo III uma alternativa metodológica no tratamento de dados afásicos, isto é, será apresentada a forma como se constituiu a metodologia empregada na realização desta pesquisa, descrevendo ainda as características do sujeito a que se faz referência nesta Dissertação.

O Capítulo IV descreve a análise empregada aqui, com vistas à possibilidade de traçar um novo panorama da caracterização do automatismo a partir de uma visão enunciativo-pragmática dos fatos prosódicos e de outros processos afeitos à linguagem.

O Capítulo V pretende voltar o olhar do pesquisador para algumas das conclusões pertinentes ao estudo realizado aqui, ilustrando assim o panorama que pode ser traçado a partir desta pesquisa.

Capítulo I

Do automatismo

Fica na expectativa de ver distender-se diante de si uma paisagem humana finalmente nítida, clara, sem névoas, na qual poderá mover-se com gestos precisos e seguros. E então? Nem por isso. Começa a engolfar-se num enredo de mal-entendidos, vacilações, compromissos, atos falhos; as questões mais fúteis se tornam angustiantes, as mais graves se achatam; cada coisa que ele diz ou faz parece desajeitada, fora de tom, irresoluta. Que será que não funciona?

(Ítalo Calvino, Palomar, 105-106)

1. Introdução

Ao destacarmos um determinado fenômeno ao qual resolvemos nos dedicar, não estamos somente descrevendo e analisando o próprio fenômeno. O estudo do automatismo, assim como o estudo de diversos outros elementos que constituem o quadro semiológico das afasias, nos permite observar as diversas transformações que sofreram as teorias no decorrer dos anos. Porém, não só diferenças podem ser destacadas. Também diversas

similitudes podem ser observadas nos estudos desenvolvidos no decorrer do século passado.

Tendo em vista este movimento, a escolha da apresentação destes autores não foi casual: teve por intenção observar a forma como se desenvolveu o pensamento da Afasiologia e da Neuropsicologia com base nos principais autores de cada época.

Esta apresentação possibilitará que se observe, mais especificamente, o estatuto conferido à linguagem dentro dos estudos afasiológicos, assim como possibilitará observar as perspectivas desenvolvidas pelos autores com relação à correlação entre a localização da lesão e o sintoma desenvolvido pelos sujeitos afásicos. Para tanto, pretendo apresentar algumas concepções de automatismo disponíveis no âmbito da literatura afasiológica, dentre eles, os representantes da Neuropsicologia clássica, como Jackson e Broca; além de apresentar dois grandes representantes da Neuropsicologia moderna, Luria e Goldstein.

2. O dito e o não dito sobre o fenômeno do automatismo: dos estudos clássicos aos contemporâneos

O automatismo é definido, em linhas gerais, como a emissão repetitiva do mesmo segmento lingüístico – sendo este uma sílaba, uma palavra ou uma sentença – podendo constituir a única emissão verbal produzida pelo sujeito. Sua ocorrência é tida como não-contextualizada, de caráter automático e constante na fala.

Dentre os autores clássicos que o descrevem, Lebrun menciona Trousseau, Jackson, Broca, Brissaud e Pötzl. O presente capítulo discute as idéias de dois dos autores citados acima. Isto se justifica pelo fato de terem estes autores, a partir do estudo do automatismo, desenvolvido teorias bastante expressivas no âmbito da teoria afasiológica de suas épocas. Sendo assim, o primeiro conjunto de idéias a ser descrito é o do neurologista Paul Broca, por disponibilizar um caso bastante conhecido da literatura, o de seu paciente Leborgne, também chamado de *Tan Tan*. É com base neste caso que o autor defende a localização da linguagem no cérebro, mais precisamente “ao pé da terceira circunvolução frontal esquerda” (também conhecida como a área de Broca).

O segundo conjunto de idéias a ser descrito é o do neurologista Hughlings Jackson, por ter tido a iniciativa de categorizar o fenômeno – sendo seu trabalho visto por muitos pesquisadores como o responsável pela classificação do automatismo – e por ser o precursor da reação à visão localizacionista, defendida por Broca.

Já dentre os diversos autores que trabalharam a relação entre cérebro e linguagem no decorrer do século XX, destacamos o neurologista Kurt Goldstein, que desenvolveu a idéia de que somente levando em conta todo o organismo seria possível bem descrever suas ações, assim como os fenômenos afásicos; e Alexander R. Luria, neuropsicólogo russo que trabalhou e desenvolveu toda uma reflexão em torno da noção de Sistema Funcional Complexo¹, termo primeiramente utilizado por Anokhin.

2.1 Uma releitura dos clássicos: entre Paul Broca e Hughlings Jackson

2.1.1 Paul Broca: o caso Leborgne

Senão o primeiro, mas talvez o mais conhecido dos relatos sobre o automatismo é o caso de um paciente que ficou sob os cuidados de Paul Broca. Este paciente, chamado Leborgne, passou 21 anos internado no hospital Bicêtre, em Paris, mas somente na última fase de sua vida foi avaliado por Broca. Era sabido que o sujeito havia perdido o “uso da fala” aos 30 anos; no entanto, não se sabia até que ponto outros sintomas acompanharam essa perda ou se ela ocorreu de súbito ou lentamente.

Ao descrever o caso de Leborgne, mais conhecido por *Tan-Tan* (uma referência à única forma de expressão oral proferida pelo sujeito), Broca (1861) ressalta que apesar da “perda da fala”, ele era capaz de compreender tudo o que lhe era dito, porém, quando algo lhe era perguntado, somente respondia com o monossílabo *tan*, repetido duas vezes sucessivamente. Quando não era compreendido, “*he easily became outraged and added a rude swearword to his vocabulary (...)*”².

Ainda de acordo com Broca (1861), Leborgne não era querido por seus colegas também pacientes e por vezes foi chamado de ladrão. Porém, Broca e seus colegas médicos

¹ O Sistema Funcional Complexo, para Luria, consiste na forma como se processam as funções corticais superiores. Sua base explicativa consiste no funcionamento em “concerto” de um grupo de áreas cerebrais que interagem mutuamente.

² “(...) ele facilmente ficava nervoso e acrescentava um palavrão grosseiro ao seu vocabulário (...)”

não viram essas atitudes como problemas psiquiátricos, o que indicava que era considerado responsável por seus atos. A descrição que é feita por Broca sobre Leborgne parece se apresentar como uma clara tentativa de evidenciar que seu paciente estava “consciente” de seus atos e que a linguagem deste sujeito estava preservada. Ao observar, no entanto, que nem sempre as respostas proferidas pelo paciente estavam corretas, Broca conclui:

“So, it is beyond doubt that the intelligence of this man had suffered extreme damage, caused either by his cerebral illness or by the fever which consumed him; but he was evidently much more intelligent than is required for speaking.”³ (Broca, 1861:49)

De acordo com a visão sobre linguagem de Broca (1861) – parcialmente expressa na citação acima – todo sistema de sinais que é capaz de expressar uma idéia de forma mais ou menos inteligível é uma forma de linguagem. Assim, existiria uma faculdade geral da linguagem, que poderia ser definida como “(...) *the faculty of establishing a constant relationship between an idea and a sign, no matter if this is a sound, a gesture, a picture* (...)”⁴ e uma faculdade da linguagem articulada, referente à articulação dos sons da fala.

Broca (1861) defende que há casos em que a faculdade geral da linguagem não está alterada, sendo o sujeito capaz de compreender tudo o que lhe é dito, como no caso de Leborgne, e os movimentos dos articuladores podem ser realizados sem dificuldade. Porém, ele acrescenta:

“(...) the perfectly sensible answer they would like to give is reduced to a very small number of articulated sounds, always the same ones and always arranged in the same way; their vocabulary, if one may call it that, consists of a short series of syllables, sometimes of one monosyllable expressing everything, or rather expressing nothing, for this single word is most of the time unknown to any existing vocabulary.”⁵ (Broca, 1861:43)

³“Dessa forma, está acima de dúvidas que a inteligência deste homem sofreu danos graves, causados ou por sua doença cerebral ou pela febre que o consumiu; porém, ele era evidentemente muito mais inteligente do que é requerido para falar.”

⁴“(...) a faculdade de estabelecer uma constante relação entre idéia e signo, não importando se este é um gesto, um som, uma figura (...)”

⁵“(...) a resposta perfeitamente sensível que eles gostariam de dar é reduzida a um número pequeno de sons articulados, sempre os mesmos e arranjados da mesma forma; seu vocabulário, se assim o puder chamar, consiste de pequenas séries de sílabas, algumas vezes de um monossílabo expressando tudo, ou mesmo expressando nada, considerando que esta palavra é, a maioria das vezes, desconhecida para qualquer vocabulário existente.”

A exceção para esta “atitude lingüística” seria a produção sussurrada de uma palavra, ou frase, ou outro monossílabo, em situação de tensão, nervosismo, emoção. Uma atenção especial deve ser dada a esta característica do fenômeno. Todos os trabalhos que descrevem o automatismo apontam que os sujeitos são capazes de pronunciar alguns vocábulos que não os automatismos, em situação de tensão ou emoção. No decorrer deste capítulo, confrontaremos as diversas análises oferecidas acerca deste aspecto do fenômeno.

Considerando a hipótese de que a faculdade geral da linguagem está intacta, Broca (1861) conclui, com base no estudo do cérebro de Leborgne, que esses sujeitos, portadores do que ele chama de *afemia*, não são capazes de executar as séries de movimentos sistemáticos e coordenados que correspondem às sílabas que eles estão procurando. Estaria aqui afetada, portanto, a faculdade da linguagem articulada.

Assim, para Broca (1861), um sujeito como *Tan-Tan*, com produção “reduzida” ao uso dos automatismos, não perderia a faculdade geral da linguagem, o que o manteria capaz de compreender a fala do outro, ao mesmo tempo em que também seria capaz de se fazer compreender. Esta visão defendida por Broca demonstra a dicotomização entre os aspectos sensório e o motor da linguagem, aqui colocados como faculdades distintas, representadas respectivamente pela faculdade geral da linguagem e pela faculdade da linguagem articulada.

Cabe acrescentar, porém, uma crítica ao fato de que, de acordo com Morato (2001), Leborgne sofria de vários males antes mesmo de ter sofrido uma lesão cerebral, e que, na verdade, não só uma lesão o sujeito teria sofrido. Segundo a autora:

“Muitos admitem, não sem uma ponta de ironia, que a Afasiologia tem sua origem numa espécie de malogro ou equívoco clínico. Somente a história das idéias, a filosofia da ciência ou a teoria das ideologias seriam capazes de identificar as razões da manutenção de um paradigma estabelecido nessas bases.” (Morato, 2001: 150)

2.1.2 Hughlings Jackson: uma reação à visão localizacionista

Se estamos aclimatados à visão sobre cérebro – e também sobre linguagem – vigente no último quarto do século XIX, é bastante provável que a leitura das idéias de Jackson causem um certo estranhamento. Por este motivo, não parece implausível afirmar que seus trabalhos não chamaram a atenção dos afasiólogos de seu tempo: em um debate travado com Broca quando da apresentação de suas idéias, Jackson não obteve sucesso, tendo sido “abafado” pelas idéias localizacionistas de Broca.

É somente com a iminente decadência dos estudos localizacionistas, iniciada com a crescente dificuldade de estabelecer modelos de localização de funções no cérebro, dada a grande quantidade de trabalhos que, muitas vezes, refutavam empiricamente as próprias idéias localizacionistas, que a visão de Jackson passa a ser difundida com maior vigor.

Como apresentado acima, as idéias de Jackson em muito diferiam das idéias de seu tempo. Enquanto o localizacionismo imperava nos estudos do cérebro, Jackson propunha que funções não poderiam ser circunscritas em uma região específica (e única) do cérebro. Ao contrário, essas funções somente poderiam ocorrer a partir de níveis hierárquicos de funcionamento do cérebro. A partir da noção de hierarquização de processamento e das noções de Evolução e Dissolução, retiradas do trabalho de Spencer, o autor apresenta da seguinte forma o que se dá quando do acometimento de uma lesão cerebral que leva ao quadro afásico:

“In all these cases, (...), there are, negatively, degrees of loss of the most voluntary processes with, positively, conservation of the next most voluntary or next more automatic; otherwise put, there are degrees of loss of the latest acquirements with conservation of the earlier, especially of the inherited, acquirements; speaking of the physical side, there are degrees of loss of function of the least organised nervous arrangements with conservation of function of the more organised. There is in each reduction to a more automatic condition: in each there is Dissolution, using this term as Spencer does, as the opposite of Evolution.”⁶ (Jackson, 1880: 149)

Mas não só o aspecto relativo à organização cerebral deve ser destacado. Também a forma como vê a linguagem deve ser observada. Para Jackson (1880), a linguagem é composta de dois elementos, que “agem” em conjunto: a linguagem intelectual e a linguagem emocional. Dentro deste quadro, o autor considera três possíveis diferentes graus de afecção da linguagem, que são: 1. *defeito de fala*, forma de afecção em que o sujeito é capaz de falar mas comete diversas formas de parafasias, 2. *perda da fala*, forma de afecção em que o sujeito praticamente não fala e a expressão por meio dos gestos está afetada e 3. *perda da linguagem*, afecção em que o sujeito, além de ser incapaz de falar, perdeu a expressão por meio dos gestos e teve afetada, em grande parte, a linguagem emocional.

Para tratar destas possibilidades de afecção, Jackson (1880) considera dois aspectos: o que o sujeito retém da linguagem, sendo esta a *condição positiva*, e o que o sujeito perdeu da linguagem, isto é, a *condição negativa* a que está exposto o sujeito. Para o autor, é observando estas condições que se faz possível estabelecer uma relação entre os três diferentes graus de afecção da linguagem, apresentados no parágrafo acima.

“There is a negative and a positive condition in each degree; the comparison is of the three degrees of the negative element and the three degrees of the positive element; the negative and positive elements vary inversely. The condition of the patient n° 1, who made such mistakes as saying “chair” for “table” was duplex; (a) negatively in not saying “table”, and (b) positively, in saying “chair” instead; there is in such a case of *loss* of some speech, with *retention* of the rest of speech.”⁷ (Jackson, 1880:154-155)

E se é dada tanta importância à fala, como ele a caracteriza? Neste ponto reside uma das diferenças entre os trabalhos localizacionistas de sua época e o seu trabalho. Para

⁶ “Em todos estes casos, (...), há, negativamente, graus de perda dos processos mais voluntários com, positivamente, conservação do próximo processo mais voluntário ou mais automático; colocado de outra forma, há graus de perda dos últimos processos adquiridos com conservação dos mais novos, especialmente dos inatos; em se tratando do aspecto físico, há graus de perda da função dos arranjos nervosos menos organizados com conservação da função dos mais organizados. Há em cada um redução para uma condição mais automática: em cada caso há Dissolução, fazendo uso do termo como Spencer o faz, como o oposto de Evolução.”

⁷ “Há, em cada grau, uma condição positiva e uma condição negativa. A comparação se dá entre os três graus do elemento negativo e os três graus do elemento positivo, sendo que os elementos negativo e positivo variam inversamente. A condição do paciente n°1, que cometeu erros tais como dizer “cadeira” em lugar de “mesa” foi dupla: negativa, por não dizer “mesa” e positiva por dizer “cadeira” em troca. Há em cada um, um caso de *perda* de alguma fala, com *retenção* do restante dela.”

Jackson (1880), falar é proposicionar. Neste caso, cabe a pergunta: em que sentido ele trata de proposição?

Para Jackson (1880), as palavras por si mesmas nada significam. Para que adquiram significado, as palavras devem estar sempre em relação umas com as outras. Somente a relação entre as palavras faz com que seja possível um novo sentido, sentido que é considerado único e dado pela relação entre as palavras presentes em cada proposição.

Esta relação que deve ser estabelecida entre as palavras para que haja sentido ocorre tanto internamente quanto externamente. Ainda que não pronuncie aquilo que está pensando, o sujeito faz uso interno da forma proposicional das palavras para fazer sentido.

E o que ocorreria, de acordo com esta visão, a um sujeito que adquirisse o grau 2 de afecção da fala, apresentado anteriormente? Para Jackson (1880), o sujeito perderia aí a capacidade de proposicionar, o que não implica que ele perderia as palavras. É possível que haja palavras, no entanto, é impossível que o sujeito as utilize de forma proposicional, sendo assim incapaz de produzir sentido.

É neste momento que se justifica a divisão da linguagem dada pelo autor em dois componentes. Estando a linguagem intelectual (que permite que o sujeito use as palavras de forma proposicional, isto é, use a língua “racionalmente”) afetada, apenas a linguagem emocional estaria acessível ao sujeito. Este seria o fator que tornaria possível aos sujeitos diagnosticados com *perda da fala* produzir alguns vocábulos, os denominados *automatismos*.

Tais sujeitos, quando “emocionalmente” motivados a falar, seriam capazes de produzir “corretamente” uma palavra ou mesmo uma sentença. Reforça-se, dessa forma, a idéia de que, mesmo tendo perdido a capacidade de proposicionar, o sujeito ainda é capaz de produzir algumas palavras. A descrição a seguir caracteriza, em linhas gerais, o automatismo.

“He can, the rule is, utter some jargon, or some word, or some phrase. With rare exceptions, the utterance continues the same in the same patient: we call these Recurring Utterances⁸.” (Jackson, 1880: 155)⁹

⁸ *Recurring utterance* é o termo, em inglês, utilizado para fazer referência ao automatismo. Sua tradução literal em português é *enunciado recorrente*, sendo o termo referente ao fenômeno, em português, *automatismo*. Optou-se por manter na tradução o nome originalmente

A produção destes vocábulos poderia ocorrer em qualquer circunstância, estando ela dentro do contexto da interação ou não. É nesse sentido que Jackson (1880) considera estes elementos sem função proposicional.

Além disso, para Jackson (1880), o processo de percepção, assim como o de “verbalização” possui duas etapas. A primeira delas, instada no subconsciente, estaria relacionada ao “reviver” das palavras em relação, sendo a outra etapa constituída da própria audição. É essa divisão do processo de percepção em duas etapas que permite que Jackson (1880) afirme que estes sujeitos, mesmo não sendo capazes de falar e, portanto, proposicionar, são capazes de compreender o que lhes é dito, devido à permanência da capacidade de compreender as relações estabelecidas entre as palavras proferidas por aquele que fala ao sujeito afásico.

Levando em conta os elementos descritos acima, para Jackson (1880), os sujeitos não perderiam uma faculdade, seja ela geral da linguagem ou da linguagem articulada, como defendido por Broca (1861). De acordo com a postura defendida por Jackson (1880), não haveria uma faculdade localizável no cérebro que corresponderia à linguagem. As funções seriam processadas, como dito anteriormente, a partir de estruturas hierarquizadas no cérebro. A crítica a esta visão localizacionista pode ser claramente observada no trecho apresentado a seguir:

“(...) he has lost the words which serve in speech, the nervous arrangements being destroyed. There is no “faculty” or “power” of speech apart from words revived and revivable in propositions, any more than there is a “faculty” of co-ordination of movements apart from movements represented in particular ways.”¹⁰ (Jackson, 1880:155)

empregado no texto de Jackson, porém, ao longo deste trabalho será feito uso do termo *automatismo*, o qual é reconhecido em português na referência ao fenômeno.

⁹ “A regra é: o sujeito pode pronunciar um jargão, ou alguma palavra, ou alguma frase. Com raras exceções, a elocução continua a mesma no mesmo paciente: nós a chamamos de Enunciados Recorrentes.”

¹⁰ “(...) ele perdeu as palavras que serviam à fala, os arranjos nervosos das palavras tendo sido destruídos. Não há uma “faculdade” ou ‘força’ da fala separadamente das palavras revividas ou que são possíveis de se reviver nas proposições, assim como não há uma ‘faculdade’ da co-ordenação dos movimentos separadamente dos movimentos representados em formas particulares.”

2.2 A Neuropsicologia Moderna sob os pontos de vista de Kurt Goldstein e A. R. Luria

2.2.1 Kurt Goldstein: a retomada da visão jacksoniana

O trabalho de Goldstein (1948) parece trazer de volta a perspectiva já adotada por Jackson no final do século XIX. Sua concepção de processamento das funções psicológicas (ou mentais) superiores envolve o comportamento de todo o organismo, tendo sido retomada na tentativa de contestar a perspectiva localizacionista e associacionista predominante, porém na eminência do esgotamento, por volta da primeira metade do século XX.

Já no prefácio do seu livro *Language and Language Disturbances*, Goldstein (1948) critica a visão localizacionista, declarando-a reduzida, já que, de acordo com este autor, relacionar determinado sintoma a uma lesão em uma região específica do cérebro é simplificar o problema, o que faz com que a descrição do mesmo muitas vezes seja feita de forma incorreta, equivocada. Um mesmo sintoma poderia ser causado por lesões em diferentes pontos no cérebro. Isto porque, para Goldstein (1948), os sintomas surgem em função de quatro diferentes reações do organismo à lesão, podendo estar direta ou indiretamente relacionados a ela.

O primeiro “tipo” de sintoma tem relação direta com a lesão e foi chamado de *deficiência no desempenho*. O segundo “tipo”, nomeado *sintoma indireto*, está relacionado à separação de uma área não-afetada da área que foi lesionada. O terceiro “tipo” de sintoma está relacionado ao efeito que o processo patológico pelo qual passa a lesão exerce em outras partes do sistema nervoso, como, por exemplo, por irritação da região próxima à lesão. Este tipo de sintoma é chamado *sintoma secundário* ou *dependente*. O último “tipo” de sintoma descrito por Goldstein (1948) representa os mecanismos de “defesa” do organismo contra os efeitos do problema em toda a personalidade do sujeito. Este tipo de sintoma evita que ocorra o que ele chama de *condição catastrófica*. A condição catastrófica poderia ser definida como a “perturbação” ocorrida em todo o organismo do sujeito em

função de uma reação a uma situação que não lhe é própria, situação esta que caracteriza a lesão.

Esta condição com a qual lida o sujeito afásico é tema constante de sua análise. Interessante apresentar como isso se dá segundo Goldstein (1948):

“But, when faced with a task to which he was not equal – even if it were only, as instanced, an elementary arithmetic problem – he invariably fell into a state of violent trembling and finally even into a brief state of unconsciousness. In this case, a “catastrophic reaction,” of the severest type, a reaction leading to unconsciousness, could be experimentally produced. (...) The organism will, therefore, commonly seek protection in another way, namely, by seeking out situations which promise a minimum of irritating stimuli. The patient seeks tranquility, and avoids company.”¹¹ (Goldstein, 1948:13)

É interessante destacar que no trabalho de Goldstein não só os sintomas estão divididos em diferentes unidades, como também assim estão definidas, e divididas, as nossas atitudes perante o mundo. De acordo com o autor, nossas atitudes, ou ainda, o nosso pensamento, seriam constituídas de dois elementos, que são a atitude abstrata e a atitude concreta. Este é um apontamento bastante caracterizado no decorrer de toda a obra de Goldstein (1948), sendo também referente à divisão no qual opera, de acordo com o autor, a linguagem.

Por atitude concreta, entende-se a atividade que é desenvolvida de forma “automática”, isto é, sem que passe por uma “reflexão” consciente sobre o que deve ser feito. O exemplo dado por Goldstein (1948) consiste no seguinte: quando entramos em um quarto escuro, geralmente colocamos imediatamente a mão na tomada para acender a luz. Esta atitude é considerada concreta por ser uma reação imediata a uma situação ao qual fomos expostos. Mas, se ao contrário de acender a luz, nós freamos essa reação porque nos

¹¹ “Mas quando se depara com uma tarefa a qual ele não está apto a realizar – mesmo que seja, como já exemplificado, um problema aritmético simples – ele invariavelmente cai em um estado de tremor violento e finalmente em um curto estado de inconsciência. Neste caso, uma “reação catastrófica” de tipo mais severo, uma reação levando à inconsciência, poderia ser experimentalmente produzida. (...) O organismo irá então procurar proteção de outra forma, como através do afastamento de situações que parecem suscitar um mínimo estímulo irritante. O paciente procura tranquilidade e evita companhia”

“lembramos” de que há a possibilidade de acordarmos alguém, então esta ação passou de uma atitude concreta para uma atitude abstrata do pensamento.

De acordo com essa perspectiva, a atitude abstrata seria fundamental para a sobrevivência dos seres humanos, por ser uma espécie de “função reguladora” de nossas reações perante os fatos da realidade. Para Goldstein (1948), é através deste tipo de atitude que assumimos uma direção voluntariamente, tomamos iniciativas e damos início a uma atividade; fazemos uma escolha; somos capazes de manter atenção em diversos aspectos de uma mesma situação e de reagirmos a dois diferentes estímulos ao mesmo tempo; extraímos o que é essencial de um todo, quebrando-o em partes e reagrupando-o em novos “todos”; agimos e pensamos de forma simbólica e destacamos o nosso ego do mundo exterior.

Levando em conta os aspectos considerados acima, fica claro que Goldstein é um crítico da visão localizacionista, propondo, inclusive, um novo sentido para a idéia de localização:

*“A particular locality in the brain matter is characterized by the influence which the structure of this locality exercises on the total process, by the contribution of the excitation of this locality to this process – as effect of its particular structure.”*¹² (Goldstein, 1948:50)

Este trecho é bastante interessante por trazer claramente sua reação à visão localizacionista, a considerar que uma região é considerada importante para Goldstein na relação que estabelece com o todo (e não mais individualmente, como se pressupunha na visão localizacionista) e pelas diferentes reações que uma determinada área no cérebro cria por estar em contato com suas regiões vizinhas.

No entanto, essas relações não estão claramente evidenciadas no trabalho de Goldstein. Seus estudos, centrados na crítica à postura localizacionista e voltados para uma perspectiva mais holística, destacam o papel de todo o cérebro no desenvolvimento e realização das funções cognitivas, sem, entretanto elucidar pontos que são requeridos com maior ou menor intensidade na produção da linguagem.

¹² “Uma região particular na massa cerebral é caracterizada pela influência que a estrutura dessa região exerce sobre todo o processo, pela contribuição da excitação desta região para este processo – como efeito de sua estrutura particular.”

A descrição do trabalho de Goldstein, apresentada nos parágrafos anteriores, nos permite estabelecer ao menos duas dicotomias, que estão relacionadas tanto à atitude dos sujeitos, quanto à sua linguagem: a primeira delas está ligada ao que é automático e ao que é voluntário e será tratada em seção adiante. A segunda está relacionada à capacidade do sujeito em realizar atividades *meta*. Nesse sentido, uma alteração na atitude abstrata impossibilitaria o sujeito de realizar, em diferentes graus, atividades *meta*, o que nos permite fazer uma digressão e relembrar uma das grandes questões que concernem aos estudos afasiológicos: seria a afasia um problema de *metalinguagem*? Para Lebrun (1986), é exatamente este o ponto. De acordo com este autor, Goldstein não deixa claro o que estaria em questão ao estabelecer que a afasia seria um problema relacionado à atitude abstrata dos sujeitos. Para Lebrun (1986), a melhor forma de descrever a afasia seria considerá-la um problema de *metalinguagem*. Contudo, o problema não deixa de existir se não se esclarece a maneira como se está conceituando metalinguagem, que não se reduz às operações metalingüísticas *stricto sensu*, cuja existência ou funcionamento é creditado a parâmetros logicistas ou conteudistas (Morato, 1999; Busato, 2001).

2.2.2 Sistema Funcional Complexo: a proposta de funcionamento integrado do cérebro defendida por A. R. Luria

De acordo com Luria (1973), tanto a visão localizacionista quanto a repulsa a ela – que levou ao desenvolvimento de trabalhos como o de Goldstein (1948), descrito acima – levaram ao reviver de idéias obsoletas a respeito do cérebro como massa nervosa primitiva, não-diferenciada. Essa crise levou à revisão do entendimento do termo “função” e dos princípios básicos que regem sua localização. Sobre o abandono das idéias apresentadas nas seções anteriores, o autor afirma:

“(…) foi imprescindível rejeitar as tentativas de correlação direta entre formações verbais complexas e focos patológicos locais isolados. Foi imprescindível assimilar a idéia de que as afecções cerebrais estão ligadas às alterações da linguagem de uma forma complexa. Por isso, a questão a respeito de que setores do cérebro estão na base de uma ou outra forma da atividade verbal teve que

ser modificada para outra pergunta: como está estruturada a linguagem do homem e que fatores psicofisiológicos encontram-se na base de cada elo responsável pelo surgimento das formas complexas de alocação verbal? Somente investigando as condições não-verbais que estão na base das formas complexas de atividade verbal, separando os fatores que garantem as diferentes etapas do processo verbal, pode ser realizada uma análise de como a alteração destes fatores, como consequência da afecção de umas ou outras zonas do córtex, repercute na modificação da atividade verbal em seu conjunto.” (Luria, 1986:216)

É nesse contexto que Luria (1973) defende a idéia de que o funcionamento cerebral se dá através de um sistema funcional complexo. Ele argumenta que, diferentemente de funções como a visão, que claramente podem ser “localizadas” no cérebro, as funções corticais superiores, como a memória, a percepção e a linguagem têm funcionamento na forma do que ele chama de sistema funcional complexo, envolvendo diversas áreas cerebrais.

Este funcionamento se daria pela inter-relação entre três unidades funcionais principais, presentes na efetivação de todas as funções corticais superiores. O que mudaria de uma função cortical superior à outra seria o papel que cada uma dessas unidades desempenharia na realização das diferentes funções. De acordo com o autor, a primeira unidade funcional seria a de regulação do tônus e da manutenção da atividade mental. A segunda delas seria a de recebimento, análise e armazenamento da informação e a terceira seria a responsável pela programação, regulação e verificação das atividades.

A primeira unidade funcional teria a estrutura de uma rede nervosa não-especificada, tendo como principal função modificar a atividade cerebral gradualmente, sem ter correlação direta com o recebimento de informações do mundo exterior ou com o planejamento, intenção e programação do comportamento.

A segunda unidade funcional seria composta por um sistema organizado hierarquicamente, composto por três zonas distintas. A primeira destas zonas seria responsável pelo recebimento da informação e análise dos seus componentes elementares. A segunda área seria responsável pela codificação destes elementos e conversão das projeções em uma organização funcional. A zona terciária seria responsável pelo trabalho

conjunto de vários analisadores e a produção de esquemas simbólicos, sendo estes a base para as formas complexas da atividade gnósica.

A terceira unidade funcional teria sob sua responsabilidade a programação, regulação e verificação da atividade consciente. Considerando que, de acordo com Luria, o homem cria suas intenções e planeja suas ações de acordo com as informações recebidas, faz-se necessário que uma unidade tenha a função de verificar, regular e programar esses elementos da atividade consciente, decorrentes do recebimento de informações do mundo exterior. O funcionamento da terceira unidade funcional depende em grande parte da atividade dos lobos frontais. A realização dos movimentos voluntários estaria primordialmente relacionada à atividade da segunda e terceira unidades funcionais.

De acordo com o autor, o homem procede da seguinte forma após o recebimento das informações:

“Man not only reacts passively to incoming information, but creates *intentions*, forms *plans* and *programmes* of his actions, inspects their performance, and *regulates* his behaviour so that it conforms to these plans and programmes; finally, he *verifies* his conscious activity, comparing the effects of his actions with the original intentions and correcting any mistakes he has made.”¹³
(Luria, 1973: 79-80)

A descrição pormenorizada e integrada do funcionamento cerebral resumidamente apresentada acima já em muito difere dos trabalhos anteriores ao de Luria. E para dar base ainda mais sólida às suas críticas sobre o funcionamento do cérebro disposto no decorrer do século XIX e início do século XX, Luria (1973) se refere a Vygotsky e à idéia de que as funções corticais superiores se constituíram ao longo do desenvolvimento histórico, são sociais em sua origem e complexas em suas estruturas. É com base nessa complexidade que Luria (1973) defende a revisão do conceito de localização.

Parece plausível considerar que, se Luria reconhece a complexidade do funcionamento cerebral, reformulando o conceito de função e de localização, também é

¹³ “O homem não reage somente passivamente à informação recebida, como também cria *intenções*, formula *planos* e *programas* de suas ações, inspeciona o seu desempenho e *regula* o seu comportamento de forma que ele esteja de acordo com seus planos e programas. Finalmente, ele *verifica* sua atividade consciente, comparando os efeitos de suas ações com suas intenções originais e corrigindo os erros que ele cometeu.”

bastante provável que sua visão sobre linguagem seja diferenciada. Para ele, vale lembrar, a linguagem é ela também um sistema funcional complexo. O funcionalismo córtico-cognitivo professado por ele, dessa forma, acolhe e se estende em sua reflexão sobre a linguagem, em muito apoiada nos postulados vygotskianos e na teorização jakobsoniana das afasias. Neste sentido, pode-se observar um movimento bastante profundo no que concerne à reflexão sobre o papel da linguagem na ação humana.

No entanto, Luria não deixa de centrar-se na *palavra*, considerada a unidade de análise mais importante na permeação das relações entre o homem e o mundo. Contudo, ainda que trabalhe segundo a inspiração teórica de sua época, suas formulações são bastante importantes no sentido de considerar não só o contexto e as situações reais de práticas lingüísticas como também o caráter sócio-histórico na gênese e desenvolvimento da linguagem. Além disso, a própria forma como caracteriza a palavra (polissêmica e multifacética, como será visto a seguir) já o faz diferente de outros autores da área de Neuropsicologia de seu tempo.

Neste ponto, cabe o apontamento feito por Morato (1996) a respeito da visão de linguagem trabalhada em Luria:

“Tanto a concepção de linguagem de Luria quanto a sua semiologia e classificação das afasias podem ser criticadas a partir de vários pontos de vista, ainda que sua contribuição aos estudos neuropsicológicos e neurolingüísticos seja incontestável” (Morato, 1996: 114)

Tendo em vista sua contribuição, a consideração do desenvolvimento histórico na constituição da linguagem é um dos aspectos que salta aos olhos na teorização sobre a linguagem proposta em Luria. Estas formulações são também derivadas dos estudos produzidos por Vygotsky, importante psicólogo bielorusso que vê a constituição da linguagem e da cognição a partir do prisma histórico e social.

Este caráter histórico, que permite inclusive que Luria afirme que o uso de uma determinada palavra remete a experiências anteriores, pode ser observado a seguir:

“(…) a palavra não somente gera a indicação de um objeto determinado, mas também, inevitavelmente, provoca a aparição de uma série de enlaces complementares, que incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata, pela experiência anterior, etc. Sendo assim, a palavra “jardim” pode evocar involuntariamente as palavras “árvores”, “flores”, “banco”, “encontro”, etc (…)” (Luria, 1986: 35)

Dessa forma, o autor destaca o caráter polissêmico da palavra, mostrando que a delimitação de um determinado significado somente se dá a partir da situação em que é produzida, isto é, o contexto em que aparece:

“Mais freqüentemente, a particularização do significado da palavra ou sua escolha se realizam por “marcadores semânticos” e “distintivos semânticos” que tornam preciso o significado da palavra, diferenciando-o de outros possíveis significados. Habitualmente esta função está determinada pela *situação*, pelo *contexto* nos quais a palavra está e, às vezes, pelo *tom* em que se pronuncia.

Tudo isto forneceu fundamentos para muitos investigadores considerarem que a palavra quase nunca possui uma referência objetal única, fixa e unissignificativa, sendo mais correta a afirmação de que qualquer palavra é sempre multissignificativa e polissêmica.” (Luria, 1986: 34)

Os elementos apontados acima já seriam significativos para mostrar o grande movimento ocorrido no que se refere à visão de linguagem defendida por Luria e derivada do estudo de alguns autores, como Vygostky. Estes pontos podem ser considerados a base para uma reflexão ainda maior sobre o papel da linguagem sobre a ação humana. Isto porque para Luria a fala é tida como uma atividade complexa que incorpora diversos componentes diferentes, sendo considerada uma forma diferenciada de comunicação *social*:

“However, there are other aspects of speech: as a *tool for intellectual activity*, and finally, as a method of *regulating* or organizing human mental process.

Speech, based on the *word*, the basic unit of language, and on the sentence (or syntagma, or combination of words) as the basic unit of narrative expression, automatically uses these historically formed facilities, firstly, as a method of *analysis and generalization of incoming information* and secondly, as a method of *formulating decisions and drawing conclusions*. That is why speech, a means of communication, has at the same time also become a mechanism of *intellectual activity* – a method for use in operations of *abstractions and generalization* and a basis for *categorical thinking*.”¹⁴ (Luria, 1974: 306-307)

Para o autor, a atividade de fala do homem cria novas condições para a regulação do comportamento humano. Nesse sentido, assim como Vygotsky, Luria (1973) defende a hipótese de uma função reguladora, mediadora, organizadora da linguagem, considerando que é a partir dela que se cria uma dimensão geral e abstrata do mundo. É através dela que se é capaz de realizar tarefas pré-estabelecidas, isto é, a linguagem pode ser considerada uma das condições de produção também dos movimentos. Ao se encontrar debilitada, dificulta o processo de execução destes:

“A fala nos permite escolher os aspectos essenciais do estímulo que nos influenciam, analisar as condições das tarefas a que somos expostos, a formular uma intenção, planejar sua solução e coletar os resultados a partir dos planos iniciais.” (Luria, 1986: 217)

Nesse sentido, para o autor a linguagem não permitiu somente que houvesse uma “duplicação do mundo” como também permitiu o nascimento da “ação voluntária” do homem, o que pode ser ilustrado a partir das palavras do próprio autor:

¹⁴ “(...) há outros aspectos relacionados à fala: como uma ferramenta da atividade intelectual e finalmente como um método de regulação ou organização do processo mental humano.

A fala, baseada na *palavra* – a unidade básica da língua – e na sentença (ou sintagma ou combinação de palavras) como a unidade básica da expressão narrativa, automaticamente se vale destas facilidades historicamente formadas, primeiramente, como um método de *análise e generalização da informação recebida* e em segundo lugar, como um método de *formulação de decisões e desenvolvimento de conclusões*. É por isso que a fala, um meio de comunicação, se tornou ao mesmo tempo um mecanismo da atividade intelectual: um método utilizado nas operações de *abstrações e generalização* e uma base para o *pensamento categorial*.”

“Conseqüentemente, com a aparição da linguagem como sistema de códigos que designam objetos, ações, qualidades e relações, o homem adquire algo assim como uma nova dimensão da consciência, onde se formam imagens subjetivas do mundo objetivo que são dirigíveis, ou seja, representações que o homem pode manipular, inclusive na ausência de percepções imediatas. Isto consiste na principal conquista que o homem obtém com a linguagem.” (Luria, 1986: 33)

Sendo assim, a linguagem não seria, para Luria, apenas um instrumento que reflete a realidade, seria também um meio de regulação da conduta humana. Nesse sentido, as reflexões propostas por Luria não só são relevantes por disponibilizarem uma nova visão sobre o funcionamento cerebral, visto agora como um sistema funcional complexo, como também são relevantes por conferirem à linguagem um papel central na regulação da ação humana.

3. A linguagem no interior da Afasiologia e Neuropsicologia: algumas dicotomias e distinções.

Até o presente momento, este capítulo se dedicou a apresentar algumas das principais idéias que permearam a história da Afasiologia e da Neuropsicologia. Tendo apresentado, ao menos parcialmente, a visão de linguagem desenvolvida por estes autores, faz-se necessário apontar alguns elementos que a constituem e a herança que os estudos tradicionais atuais trazem desta visão.

Ao ler o trabalho de Paul Broca, talvez a primeira questão que nos salte aos olhos seja uma distinção entre dois elementos bastante conhecidos e discutidos no interior da literatura lingüística: os aspectos *sensório* e *motor* da linguagem. Ao promover a divisão entre a faculdade da linguagem articulada e a faculdade geral da linguagem, Broca acaba por declarar que estes dois elementos não funcionam de forma conjunta na linguagem dos sujeitos.

Tal forma de dicotomização colabora para que, até o momento atual da pesquisa científica em Lingüística, os elementos sensório e motor da linguagem se vejam apartados, disjuntos. Fruto deste *apartheid* estão a Fonética e a Fonologia, tendo sido relegada à Fonética, por muitos anos, a posição de “carta fora do baralho” da Lingüística, tendo em vista que os aspectos motores e articulatórios não eram considerados tão relevantes quanto os aspectos sensórios, simbólicos, da linguagem, integrantes da análise desenvolvida pela Fonologia. Tal visão prevalece até hoje para muitos, o que dificulta um melhor conhecimento de uma série de elementos que são fundamentais para a compreensão do funcionamento da linguagem. Entre estes elementos podemos destacar a prosódia, que nesta Dissertação é enfocada enunciativamente, de forma integrada aos demais processos que fazem parte do funcionamento da linguagem.

Neste ponto, torna-se importante lembrar o estatuto simbólico que de forma pioneira Jakobson confere à produção da fala, considerando-a integrante do quadro lingüístico, ainda que o espírito de seu trabalho esteja vinculado a uma perspectiva que não deixa de ser estruturalista. Neste caso o que é importante destacar é a relevância dos fenômenos (contextuais, interacionais, funcionais) inerentes à produção da fala apontada por Jakobson em seus trabalhos dedicados à afasia (Jakobson 1972, 1987, 1988). Este espírito de valorização do som e suas variações, bem como sua integração à linguagem e ao lingüístico está presente neste trabalho, numa tentativa de demonstrar que manter a dicotomia entre o sensório e o motor pode prejudicar a compreensão da forma como se relacionam diferentes níveis ou processos da linguagem, incluído aqui o fonético, que possibilita, por exemplo, que o enunciado seja estruturado e cadenciado pela prosódia.

Além disso, não se pode esquecer da importância de outra distinção para esses estudos tradicionais, aquela que opõe língua e fala. A *língua* é o objeto de estudo destes autores, ainda que passem pela análise da *fala* para alcançá-la. Ainda assim, não é a variação lingüística o ambiente para o qual se destinam os olhares. O que temos são tentativas de sistematização, de estruturação de regras que regem a língua para que se possa compreender a forma como se constitui a linguagem. Essa postura estruturalista ainda hoje está bastante presente nos estudos não só neuropsicológicos da linguagem como também nos estudos lingüísticos.

O que se faz importante para o presente trabalho é destacar que, ainda que haja hoje alterações no que tange à formulação da distinção língua e fala, sua base epistemológica se mantém, de forma que a atenção dos pesquisadores se volta para a estrutura da língua, na tentativa de reconhecê-la como um *sistema*, sendo assim desconsideradas as variações pertinentes a ela. Tal escolha teórica dentro da área de Neuropsicologia faz até mesmo que se espere do sujeito afásico uma postura frente à linguagem que os próprios pesquisadores são incapazes de sustentar. É estabelecido um *modelo* do que seria a fala *ideal*, o que faz com que a produção destes sujeitos seja sempre desconsiderada como tentativa de produção de significação. A *fala* destes sujeitos, permeada por desvios que são em parte resultado da lesão que o acometeram, é tida como excrescente, reflexo da *língua* que teria sido plenamente afetada pela lesão. O capítulo II ilustrará as implicações desta forte dicotomia, assim como apontará para outras que permeiam a teorização dos trabalhos que se dedicam atualmente à descrição do fenômeno do automatismo.

Tendo em vista os aspectos apontados anteriormente, todo o esforço desta Dissertação está em mostrar, através das análises realizadas aqui, caminhos alternativos para a reflexão sobre a linguagem, não só no que diz respeito às afasias como também aos contextos ditos normais.

Capítulo II

Da semiologia neurolingüística do automatismo

1. Introdução

O automatismo é um fenômeno encontrado em uma parcela pequena das pessoas que são acometidas pela afasia. De acordo com as estatísticas disponibilizadas pelos estudos tradicionais, somente 2% da população afásica desenvolveria este “sintoma”. O que podemos notar é que esta baixa incidência dos casos de automatismo nos quadros afásicos parece ter influência sobre o desenvolvimento de pesquisas acerca do fenômeno, tendo em vista que são poucos os autores que se dedicaram a ele até o presente momento. Porém, mesmo não tendo chamado a atenção de um grande número de autores para a sua ocorrência, o discurso promovido pelos poucos que o estudam atualmente parece bastante consolidado e, em uma série de aspectos, unificado.

A base deste discurso bastante consolidado é a mesma que permeia a caracterização dos demais fenômenos pertencentes ao quadro semiológico das afasias e das neurodegenerescências: uma visão bastante mecanicista e instrumental da linguagem, a considerar que sua presença nos estudos é dada quase que única e exclusivamente para atestar este ou aquele “sintoma”. Nos casos em que se toma algum nível da linguagem para

análise, a mesma pode ser considerada insuficiente e ainda vinculada a uma visão essencialmente estruturalista, o que acaba por excluir o sujeito da análise, levando em conta somente a *estrutura* da língua, isto é, os fonemas ou a formação sintática das sentenças produzidas. Esta postura é reforçada ainda mais pelas análises feitas tendo como base baterias de testes padronizados.

Tendo em vista este panorama, o que se verá adiante é a descrição da semiologia do automatismo de acordo com a perspectiva dos estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre o tema na área de Neuropsicologia. O intuito desta descrição é mostrar o que tem sido registrado sobre o fenômeno na literatura neuropsicológica atual, mostrando também que essa perspectiva não traz explicações qualitativas sobre o automatismo. Contrapontos à abordagem defendida por estes estudos serão apontados no decorrer de todo o capítulo, com o intuito de apresentar as principais insuficiências de definição da semiologia deste fenômeno por parte dos estudos tradicionais.

2. A terminologia: variações e o estabelecimento de uma nomenclatura comum.

Deve-se destacar a variação que ocorre quanto à nomenclatura utilizada em língua inglesa para se referir ao fenômeno. Blanken & Marini (1997) identificam ao menos três formas distintas de se referir a ele.

“Hughlings Jackson [1] introduced the self descriptive term of “recurrent” or “recurring utterance”, Alajouanine [2] called it “permanent verbal stereotypy” and Huber et al. [3] preferred the term “speech automatism”.” (Blanken & Marini, 1997:19)¹⁵

A esta variação, Code (1994) propôs que o termo *speech automatism* fosse utilizado em referência ao automatismo que é constituído por uma palavra reconhecida na língua do

¹⁵ “Hughlings Jackson [1] usou o termo auto descritivo “recorrente” ou “sentença recorrente”, Alajouanine [2] o chamou de “estereotipia verbal permanente” e Huber et al. [3] preferiu o termo ‘automatismo de fala’.”

falante. O termo *recurring utterance* seria utilizado para designar o tipo de automatismo que é constituído de não-palavras. Porém, mesmo tendo proposto o uso de uma nomenclatura padronizada, na literatura sobre o tema podem ser encontradas suas variantes.

Em português, a variação gira em torno dos termos *estereotipia* e *automatismo*. Se nos dirigimos ao dicionário em busca de uma definição destes dois termos, encontramos que o significado de *estereotipia* está relacionado tanto àquilo que é imutável, fixo, quanto àquilo que é feito de forma repetida, duplicada. Já o significado de *automatismo* está vinculado àquilo que é involuntário, definindo aquilo que se produz sem orientação consciente.

Se nos reportamos aos poucos estudos que tratam deste tema em português, reconheceremos o termo *estereotipia* sendo utilizado para se referir à produção dos sujeitos monofásicos, porém, estes estudos se concentram no tipo de automatismo conhecido como *recurring utterance* em inglês, isto é, ao automatismo que é constituído por não-palavras e que é produzido de forma repetida e, em geral, duplicada.

Tendo em vista o que foi descrito acima, parece que há correspondência entre a tentativa de sistematização do uso do termo *recurring utterance* em inglês (sugerida por Code) e o termo *estereotipia* em português. Neste trabalho, no entanto, nos permitiremos fazer uso do termo *automatismo* como um hiperônimo às duas formas supracitadas tendo em vista que, em português, cunhou-se o uso do termo *estereotipia* para o automatismo de tipo não-lexical.

3. Traçando a semiologia do fenômeno: o que a Neuropsicologia moderna tem a dizer sobre o assunto.

De acordo com recentes estudos – representados de um lado por uma equipe alemã encabeçada por Gerhard Blanken (2000, 1997, 1992, 1991) e do outro por um pesquisador inglês chamado Chris Code (1994, 1997) – a principal característica que define o automatismo é a grande dificuldade em produzir as palavras pertencentes ao léxico da

língua do falante, estando o sujeito resignado a produzir um número bastante reduzido de elementos, que podem ou não fazer parte do léxico de sua língua.

A produção destes elementos é considerada automática, como o próprio nome do fenômeno sugere, o que implica dizer que o sujeito não tem controle sobre ela, sendo comum a ocorrência dos mesmos nos casos em que não fazem parte do contexto da interação. Estes autores apontam, assim como também o fizeram Broca e Jackson, que somente haveria possibilidade de alteração deste quadro nos casos em que o sujeito se encontra em situação de tensão e produz uma outra palavra ou enunciado, sendo esta produção também considerada de caráter involuntário, isto é, sua ocorrência se dá sem a intenção do falante. Alguns autores chegaram inclusive a sugerir que, após a produção deste segmento, haveria a possibilidade de substituição da produção automática anterior pela que acaba de se dar ou ainda poderia ocorrer uma mesclagem entre a produção anterior e a que acaba de ser pronunciada, gerando uma terceira produção que passaria a ser utilizada também de forma automática.

Mas o que significa – para estes estudos – dizer que a produção é automática e constituída de poucos vocábulos? Implica dizer que o sujeito produz estes segmentos em todos os momentos em que é incitado a falar, *independentemente de sua vontade* e, em alguns casos, sem estar consciente desta produção.

Os autores afirmam ainda que mesmo nos casos em que o sujeito tem como automatismo característico de sua produção um enunciado presente em sua língua materna, esta produção não se dá voluntariamente, isto é, aquela expressão (formada pelo léxico da língua e, portanto, constituída de significado) não seria aplicada de forma contextualizada, com a intenção do falante em significar através daquele enunciado naquele momento.

Essa descrição argumenta em favor de uma postura pouco ativa do sujeito monofásico, estando o mesmo resignado a uma produção que não pode ser alterada por ele, tampouco utilizada em seu favor. O sujeito é aqui excluído da análise e considerado incapaz de alterar seu quadro afásico, estando relegado a permanecer nas mesmas condições até o fim da vida, salvo os casos em que o quadro de *automatismo* se dá somente por um curto período (como no caso de lesões cerebrais “provisórias” ou ainda, menos severas).

Com base na categorização do automatismo disponível já em Jackson¹⁶ e considerando suas próprias observações das ocorrências do fenômeno, tanto Blanken quanto Code sistematizam a produção *automática* em dois grupos.

O primeiro grupo é caracterizado pela produção de uma palavra (ou ainda, sentença) pertencente à língua do falante e o segundo grupo seria caracterizado pela produção de uma forma que não integra o léxico da língua do falante. No primeiro grupo, a produção de uma palavra ou sentença que integra a língua do falante não garante que ele possa produzir sentido através dela. Ao contrário, de acordo com os estudos tradicionais, esta produção (assim como a produção do automatismo do segundo grupo) não se daria dentro de um contexto apropriado, sendo empregada a todo momento que o sujeito tenta se comunicar.

No segundo grupo, o sujeito produziria uma sílaba que, em geral, ocorreria de forma duplicada, repetida e também de forma “descontextualizada” e automática. A estrutura mais recorrente nestes casos seria a de tipo CV, ou seja, formada por uma consoante e uma vogal, como já apontado por Broca no famoso caso de seu paciente *Tan Tan*.

Para se referir a esta variação presente na produção do fenômeno, os autores sugerem o uso do termo (em inglês) *lexical* para a primeira classe e *non-lexical*, ou ainda *non-word*, para a segunda classe.

Mas poderia haver casos em que os sujeitos produzem ambos os tipos de automatismo ou o fenômeno seria “puro”, não havendo a possibilidade de ocorrência dos dois casos na produção de um sujeito?

O que se observa na descrição dos estudos tradicionais é que há uma linha divisória entre eles no que se refere a esta questão. O *corpus* analisado por Blanken & Marini (1997) apontou para nove sujeitos (entre 30) que produziam tanto o automatismo do tipo lexical quanto o automatismo do tipo não lexical, havendo alguns casos de aproximação fonética entre a produção do automatismo lexical e não lexical (como apontado por Blanken & Marini (1997) em *mama* e [anana]). No entanto, o *corpus* descrito em Code (1997) aponta para apenas um sujeito com produção deste tipo, o que fez este autor considerar esta produção estatisticamente pequena e, portanto, caso raro.

¹⁶ O neurologista Hughlings Jackson é um autor bastante citado pelos estudos tradicionais, sendo suas idéias muitas vezes utilizadas como a base argumentativa e teórica destes trabalhos.

Esta constatação é importante para estes autores porque ela é informação fundamental na construção dos modelos de produção do automatismo. Isto porque as duas diferentes linhas de pesquisa tentam constatar se há dois mecanismos que geram a ocorrência de uma ou outra forma de automatismo ou se há apenas uma fonte que o faça¹⁷.

No entanto, ainda que a possibilidade de produção de ambos os tipos de automatismo seja afirmada, os estudos se concentram na caracterização dos sujeitos que – em consequência da metodologia empregada por eles – produzem apenas um tipo de automatismo: o de tipo CV.

Um outro aspecto que é bastante assinalado na caracterização do automatismo é a presença da prosódia como elemento bastante saliente na fala dos sujeitos. Tendo em vista que esta produção é bastante destacada pelos estudos, De Bleser & Poeck (1985) empreenderam uma análise para verificar se este uso se dava voluntariamente, em uma tentativa de empreender de sentido os vocábulos produzidos pelos sujeitos monofásicos ou se, ao contrário disso, esta produção também ocorreria de forma maquinal e inconsciente.

Ao estudar esta característica, tentando apreender se ela faz parte de uma tentativa de dar significação à própria fala através de recursos suprasegmentais, De Bleser & Poeck (1985) analisaram os contornos entoacionais referentes às respostas produzidas por sujeitos com fala exclusivamente monofásica através de uma entrevista semipadronizada, caracterizada por perguntas abertas do tipo “qual sua profissão?”, “como você passou a fazer isso?” ou ainda, “qual seu hobby?”.

Para analisar a fala dos sujeitos monofásicos, as respostas proferidas diante das perguntas citadas acima foram submetidas a uma análise auditiva das características de seus *pitch* correspondentes. A transcrição tonal foi feita por dois transcritores diferentes e em casos de discrepância na transcrição, o trecho era ouvido novamente para sanar as possíveis dúvidas. Para a transcrição, foi utilizada a notação tonal prevista em Kingdon (1958), sendo justificada sua utilização no fato de que esta notação não considera que *pitch* e acento são completamente diferentes.

Para separar os trechos em unidades menores, os autores se valeram das pausas surgidas no decorrer do turno de fala dos sujeitos, tendo sido este o parâmetro utilizado porque, para De Bleser & Poeck (1985), nos casos estudados “(...) *there is no semantic-*

¹⁷ Este aspecto do trabalho destes autores será discutido com maior profundidade na seção 4, parte integrante deste capítulo.

*syntactic information to rely on (...)*¹⁸. Sendo assim, os autores consideraram que as pausas eram os únicos elementos que estariam envolvidos na estruturação da fala dos sujeitos.

A análise que permeia este estudo tem base estatística, não sendo as entrevistas analisadas do ponto de vista da enunciação. Foram medidas as durações das unidades recortadas pelos autores e foram realizadas as marcações da entoação nessas mesmas unidades. A seguir, foi observada a variação na duração das unidades, assim como foi observada a variação na constituição das curvas entoacionais. De posse destes dados, os autores concluíram que “(...) *these patients’ utterances are quite stereotyped with respect to length, in that they predominantly utter one or two length types even though they have a larger repertoire at their disposal.*”¹⁹.

Faz-se importante destacar que, mesmo assumindo que os sujeitos possuem um repertório variado no que se refere à duração das unidades produzidas por eles, os autores não promovem uma análise enunciativa destas unidades, deixando de destacar o *contexto* de ocorrência das mesmas, desconsiderando assim a produção do sujeito como uma tentativa de produzir estruturas que sejam significativas para seus propósitos comunicacionais.

Dessa mesma forma, a análise da entoação não leva em conta os contextos em que é produzida uma determinada estrutura prosódica, tampouco se tem acesso à forma como essas unidades foram produzidas no decorrer da entrevista semipadronizada. Os autores apontam para a existência de variedade na produção das curvas entoacionais por parte dos sujeitos, no entanto todo o repertório lingüístico empregado por eles é desconsiderado em função de uma análise que não toca, em toda a sua trajetória, nos aspectos referentes à interação entre os sujeitos. Com base nesta metodologia, os autores concluem que a entoação também é produzida de forma estereotipada, ainda que eles não os considerem monotônicos, tendo em vista que os sujeitos produzem alguns tipos distintos de contornos entoacionais (de 1 a 7 tipos, a depender do falante).

Em um trabalho anterior, Poeck et al. (1984) já haviam afirmado que parecia bastante questionável que os sujeitos com produção reduzida a automatismos do tipo CV pudessem usar a prosódia em seu favor.

¹⁸ “(...) não há informação sintático-semântica em que se basear (...)”

¹⁹ “(...) a produção destes pacientes é bastante estereotipada no que diz respeito à duração das unidades tendo em vista que eles produzem predominantemente um ou dois tipos de duração mesmo tendo à sua disposição um repertório maior.”

De acordo com este trabalho, uma análise destes contornos revelaria mais sobre a postura do interlocutor que está diante deste sujeito do que sobre sua própria intencionalidade. Isto é, para estes autores, ocorreria um esforço por parte dos interlocutores para tentar interpretar as curvas entoacionais produzidas por estes sujeitos.

Dessa forma, o que se tem é a negação do papel da prosódia na produção dos sujeitos monofásicos. Essa negação parece ser reforçada pela desconsideração de uma análise enunciativa. Se uma perspectiva enunciativa fosse empreendida, considerando portanto dados de fala espontânea para análise, a variação no contorno entoacional e na duração das unidades poderia ser explicada tendo em vista seu contexto de produção.

Neste mesmo trabalho, Poeck et al. (1984) afirmam que os sujeitos caracterizados no estudo somente produzem as formas silabadas (CV) e não são capazes de compreender o que lhes é dito, o que para eles está em desacordo com o que foi dito por Broca sobre seu paciente *Tan Tan*.

A metodologia empregada em Poeck et al. (1984) e em De Bleser & Poeck (1985) para a classificação da afasia dos sujeitos é a mesma que é empregada nas análises desenvolvidas por Blanken (2000, 1997, 1992, 1991). Tal metodologia consiste na aplicação de uma bateria de testes padronizada que pretende avaliar as condições de produção e compreensão da linguagem nos sujeitos afásicos. Entre os elementos que são avaliados dentro desta bateria de testes inclui-se o que eles chamam inadvertidamente de “fala espontânea”.

O emprego do termo “fala espontânea” nas baterias de testes não corresponde ao emprego que é feito dentro da área de Linguística para se referir às situações de uso efetivo da linguagem, enunciativamente contextualizado e pragmaticamente investido e mobilizado. Tudo isso implica dizer que aquilo que é chamado de fala espontânea pelos autores de testes diagnósticos não considera o caráter interativo da linguagem. O que se tem é o uso de perguntas de caráter informacional direcionadas aos sujeitos afásicos (“Qual o seu endereço?” “Desde quando ficou doente?”, etc.). Este tipo de produção é visto como fala espontânea somente por permitir que o sujeito responda à pergunta de forma menos *dirigida* que nos testes. Cabe, porém, destacar que isso não caracteriza propriamente uma fala espontânea. Neste caso, o que temos é também uma forma de *teste*, onde não há troca entre os interlocutores, a considerar que o *entrevistador* não se porta como tal, estando ali

presente numa situação assimétrica e finalisticamente orientada como avaliador das respostas proferidas pelo sujeito afásico. O diálogo se constitui nestes casos de forma artificial e altamente dirigida como uma via interlocutiva de mão única, que vai do *entrevistador ao entrevistado*.

A bateria de testes realizada nestes trabalhos intitula-se Aachen Aphasia Test (AAT), sendo este o teste padrão utilizado para enquadramento dos sujeitos afásicos na Alemanha. O AAT é constituído de seis parâmetros de análise.

A primeira parte do teste corresponde à análise da fala espontânea do sujeito. A avaliação do que tais autores chamam de “linguagem espontânea” está dividida em *comunicação verbal, articulação e prosódia, elementos automáticos da fala, semântica, fonologia e sintaxe*.

De acordo com Axer et al (2000), o *Token Test* corresponde a um teste de compreensão geral da linguagem, em que o sujeito deve escolher – mediante comando – o quadro correto em meio a diferentes quadros de diferentes tamanhos e cores. Esta parte do teste está dividida em cinco partes que estão dispostas em ordem crescente de dificuldade. A terceira parte do AAT é composta por um teste de repetição de diferentes sons, palavras e sentenças, sendo estes níveis também pontuados de forma crescente. A quarta etapa do teste consiste na avaliação da linguagem escrita, realizada com base em quatro partes: leitura em voz alta, escrita de um ditado, seleção ou combinação de elementos no ditado. A quarta parte é constituída de um teste que avalia a capacidade do sujeito em descrever objetos a partir das palavras *corretas*. A última parte do teste avalia se o sujeito é capaz de compreender palavras ou sentenças de forma acurada, sendo a compreensão dividida em duas partes: a audição e a leitura. Abaixo, segue uma tabela que apresenta todos os subtestes realizados dentro do AAT, e a pontuação máxima possível em cada um deles.

CODE	TEST RANGE OF SCORE
P0	Communicative behaviour
Spontaneous speech	0 – 5 [points]
P1	Articulation and prosody (melody of speech)
P2	Automatized language (e.g. stereotypes, automatisms)
P3	Semantic structure (e.g. verbal paraphasias, word retrieval difficulties)
P4	Phonologic structure (e.g. literal paraphasias, neologisms)
P5	Syntactic structure (structure of sentences, grammar)

T0	Token test 0 – 100 [%]
T1 - T5	Token subtests 0 – 10 [points]
N0	Repetition 0 – 100 [%]
N1	Single phonemes 0 – 30 [points]
N2	Monosyllabic nouns
N3	Loan and foreign words
N4	Compound words
N5	Sentences
C0	Written language 0 – 100 [%]
C1	Reading aloud 0 – 30 [points]
C2	Selecting/combining on dictation
C3	Writing on dictation
B0	Confrontation naming 0 – 100 [%]
B1	Nouns 0 – 30 [points]
B2	Colour terms
B3	Compound nouns
B4	Sentences
V0	Comprehension 0 – 100 [%]
V1	Auditory for words and sentences 0 – 60 [points]
V2	Reading for words and sentences

Tabela 1. Subtestes do Aachen Aphasia Test. Retirado de Axer et al (2000).

A sucinta descrição da bateria de testes apresentada acima já aponta para o caráter da análise efetuada por estes autores. A forma pontuada de avaliar a produção do sujeito e a divisão empreendida entre os elementos avaliados (e o próprio caráter avaliativo do teste) são suficientes para mostrar como é entendida a linguagem por estes autores. Estes têm uma visão bastante instrumental e mecanicista da linguagem, além de desconsiderarem a interação como elemento estruturador da fala dos sujeitos, o que faz com que a linguagem sirva apenas de suporte para avaliar o grau de afecção dos sujeitos.

Essa desvalorização do repertório lingüístico dos sujeitos afásicos faz com que os mesmos sejam constantemente “pegos em flagrante”, sendo cada produção considerada uma constatação da afecção que os acometeu. Isto significa que o sujeito não tem sua produção valorizada, não sendo reconhecidas as possibilidades de produção de sentido a partir daquilo que está presente em sua fala. Se as formas que estão presentes na fala dos sujeitos afásicos não são reconhecidas por estes autores, também não é reconhecida a manutenção da linguagem na afasia, sendo, portanto, desconsiderada como elemento presente, estruturador e permeador das relações dos sujeitos afásicos (assim como o é para os sujeitos não-afásicos) com o mundo.

Considerando este panorama e retomando a análise que empreendem De Bleser & Poeck (1985) sobre a interação entre o sujeito *monofásico* e o seu interlocutor, é possível afirmar que estes autores incorrem em, pelo menos, um equívoco, qual seja, o de considerar que o falante dá todas as informações ao ouvinte no decorrer de sua fala. Isso seria considerar a linguagem como clara, transparente – sendo esta forma de ver a linguagem um reflexo de sua idealização – instrumento de comunicação e informação ao invés de considerá-la como mediador da inter-ação social (Koch, 2001).

Essa visão tampouco pode ser defendida em contextos não-patológicos, onde a inferência é fundamental para o empreendimento de interação. Isto é, ao atuar num diálogo, muito se deixa por dizer e é apreendido pelas inferências construídas pelo interlocutor, recurso construído com base em pelo menos dois fatores: o conhecimento de mundo do ouvinte e os conhecimentos que são partilhados entre eles. Dessa forma, parece claro o trabalho lingüístico-cognitivo efetuado tanto pelo interlocutor quanto pelo falante:

“(…) a *produção de inferências* desempenha um papel particularmente relevante. *Nenhum* texto apresenta de forma explícita *toda* a informação necessária à sua compreensão: há sempre elementos implícitos que necessitam ser recuperados pelo ouvinte/leitor por ocasião da atividade da produção de sentido.”
(Koch, 2001:26)

Tendo em vista esta visão de linguagem e conseqüente consideração da produção dos sujeitos monofásicos como excrescente e inescapavelmente mórbida, os autores chegam a sugerir a supressão do uso do automatismo por parte dos sujeitos afásicos, fazendo com que eles “aprendam” elementos mais produtivos que substituam a fala monofásica.

Esta postura somente reforça o caráter excrescente e pouco produtivo que é conferido ao automatismo por estes autores. Por apresentarem uma visão bastante reducionista do fenômeno – fruto dessa idealização normativa e da forte distinção língua/fala – os autores apostam nessa supressão para que o sujeito passe a dar sentido à sua fala.

Porém, cabe a pergunta: seria mesmo importante a supressão desta produção? Se considerarmos a língua como possibilidade de subjetividade e de identidade social, a resposta certamente seria não, já que essa forma de expressão constitui de alguma forma a reconstrução da subjetividade após o acidente que o acometeu.

Se considerarmos que é a partir da própria linguagem que se dá a reorganização daquilo que ainda está lá, a produção do automatismo aliada ao uso da entoação pode exercer papel importante na estruturação da fala do sujeito afásico, sendo importante considerá-la como elemento constituinte do processo de significação ao invés de considerá-la como excrescência.

Além disso, é através desta produção que se faz possível manter a subjetividade destes sujeitos. Suprimir seu uso é retirar deles a possibilidade de reconstruir sua fala.

Nesse sentido, Lebrun (1986), nas últimas linhas de seu artigo, apresenta um trecho que parece ser interessante se tentamos compreender o fenômeno de forma mais abrangente, ao invés de considerá-lo uma excrescência:

“If, on the contrary, he knows he is monophasic but prefers using his stereotypy rather than remaining silent, there may be some cruelty in requiring him to suppress it, unless one can immediately teach him to utter more meaningful words.”²⁰ (Lebrun, 1986:9)

4. Duas vertentes sobre o processamento do automatismo

Os estudos tradicionais que tratam do automatismo podem ser divididos em dois grupos em função do modelo que desenvolveram para o processamento do fenômeno no cérebro.

O primeiro grupo seria “encabeçado” pelo autor Chris Code, neuropsicólogo inglês. Na tentativa de investigar a produção do automatismo, o autor enviou questionários para cinquenta clínicas inglesas que tinham como seus pacientes sujeitos afásicos. Cada um

²⁰ “Se, ao contrário, ele sabe que é monofásico, mas prefere usar sua estereotipia ao invés de permanecer em silêncio, pode haver aí certo grau de crueldade em requerer que a suprima, ao menos que alguém possa imediatamente ensiná-lo a pronunciar mais palavras que signifiquem.”

destes questionários continha perguntas acerca do tipo de lesão que o paciente desenvolveu, o tipo de afasia que possuía e quais as formas verbais (automatismos) produzidas pelos sujeitos. O autor recebeu informações sobre 75 sujeitos afásicos com produção de automatismos, o que possibilitou ao autor um levantamento de 97 automatismos diferentes, sendo estas produções caracterizadas como *lexicais* e *não lexicais*, como já apontado na seção anterior. Diante do uso de tal metodologia, o autor não teve contato com os sujeitos que têm seu repertório lingüístico estudado por ele. A base de sua análise se dá em dados que foram recolhidos pelos médicos das clínicas para onde o autor enviou os questionários.

De acordo com este levantamento, Code (1997) constatou que a produção de automatismos não lexicais era menor que a produção de automatismos lexicais e basicamente constituída de sílabas repetidas em seqüência. A produção de automatismos lexicais era composta de palavras isoladas e frases, tendo ocorrido apenas alguns casos em que os sujeitos produziram ambas as formas de automatismo lexical. Além disso, foi constatada a produção tanto da forma lexical quanto da forma não lexical por um dos sujeitos descrito. A maioria dos sujeitos descritos nos questionários foi diagnosticada com afasia global, caracterizada por uma grande dificuldade de compreensão e de produção. A descrição dos automatismos e a definição do quadro afasiológico dos sujeitos foram atestadas com base na aplicação de baterias de testes padrão. É com base neste levantamento que Code (1997) desenvolverá sua caracterização sobre o automatismo, o que desencadeará na criação de um modelo de processamento do fenômeno.

A visão de linguagem desenvolvida pelo autor e utilizada para definir a forma de seu processamento no cérebro remonta ao trabalho do neuropsicólogo Hughlings Jackson. De acordo com este autor, a linguagem estaria dividida em duas formas: proposicional e não-proposicional, o que nos remete à dicotomia automático-voluntário discutida no capítulo I.

Dessa forma, Code (1994, 1997) acredita que a linguagem proposicional somente poderia se dar a partir de complexos mecanismos gerados no *hemisfério esquerdo* do cérebro, enquanto a linguagem automática (caracterizada também como emocional) seria ativada pelo *hemisfério direito* do cérebro e por isso seria bastante recorrente na produção dos afásicos *monofásicos*, a considerar que a lesão estaria mais fortemente concentrada no

hemisfério esquerdo, referente à linguagem proposicional. Sendo assim, para Code (1997), o processamento da linguagem se dá através de *duas* vias.

Em contrapartida à perspectiva desenvolvida por Code, um grupo encabeçado pelo neuropsicólogo alemão Gerhard Blanken defende a idéia de que o processamento das duas formas possíveis de automatismo se dá a partir de *uma* única fonte.

A metodologia empregada para captação dos dados utilizada por Blanken e seu grupo difere em grande parte daquela empregada por Code a considerar que Blanken não enviou questionários para diversas clínicas em busca de informações sobre a produção automática dos sujeitos. Neste caso, os sujeitos monofásicos foram submetidos à aplicação de uma bateria de testes (o Aachen Aphasia Test – AAT) com o intuito de fazer um levantamento das ocorrências de automatismos. Este levantamento levou a resultados distintos daqueles obtidos por Code, o que levou Blanken a refletir sobre a hipótese de processamento elaborada por Code, chegando à conclusão de que uma hipótese que explicasse o processamento através de uma única fonte seria mais plausível.

Na tentativa de defender sua hipótese, o autor levanta uma série de fatores que dificultam a visualização do processamento em duas fontes. O primeiro deles se refere ao fato de que em seu *corpus* uma série de sujeitos produziu tanto automatismos lexicais quanto não lexicais. Estabelecendo uma crítica direta ao modelo proposto por Code, Blanken & Marini (1997) afirmam que:

“(...) the fact that so many patients uttered word and non-word automatism in parallel forms a major obstacle to this hypothesis which would rather predict a dissociated occurrence of both types. A patient with real-word automatism should not produce non-lexical ones, and vice-versa, because both symptoms are traced back to completely different pathological mechanisms.”²¹ (Blanken & Marini, 1997: 29)

O argumento acima é reforçado ao descrever que alguns sujeitos produziram formas lexicais e não lexicais fonologicamente semelhantes. De acordo com Blanken & Marini

²¹ “(...) o fato de que muitos pacientes produziram tanto automatismos lexicais quanto automatismos não lexicais constitui um grande obstáculo para esta hipótese que determina uma ocorrência dissociada de ambos os tipos. Um paciente com automatismos constituídos de palavras da língua não deveria produzir os automatismos do tipo não lexical e vice-versa porque ambos os sintomas são derivados de mecanismos patológicos completamente diferentes.”

(1997), este fato seria mais um argumento contrário à realização do processamento por duas fontes distintas. Além disso, o autor questiona também a explicação adotada por Code para a produção de vocábulos que fazem parte da língua do falante. Para Blanken & Marini (1997) a proposta que divide o processamento da linguagem proposicional e o processamento da linguagem não proposicional não explica a produção de palavras que, aparentemente, não tem motivação *emocional* como, por exemplo, *Reisdose* (caixa de arroz).

Há ainda um outro argumento que, de acordo com Blanken & Marini (1997), prejudicaria o modelo sugerido por Code e poderia ser mais bem explicado por um modelo que considerasse uma única fonte de processamento para ambas as formas de automatismo: o caráter repetitivo da produção dos sujeitos *monofásicos*. Os autores apontam que:

“Whereas non-lexical automatisms are assumed to be caused by a severe phonological disorder that reduces the speech production to a few and relatively invariant forms, it remains completely unclear, why lexical automatisms also show this repetitive character. If a non-propositional generation of language by right-hemisphere and limbic structures due to a severely damaged left hemisphere were possible, it is hard to understand why this speech production should be limited to one or very few stereotypical forms.”²² (Blanken & Marini, 1997:29)

Tendo em vista as críticas levantadas acima, o autor defende o processamento das duas diferentes formas de automatismo em uma única fonte. Um planejamento fonológico gravemente afetado pela afasia seria o responsável pela produção dos automatismos lexicais, o que não geraria um problema nos casos em que os sujeitos produzem ambos os tipos de automatismo, dado que todos teriam sido gerados por um componente do processamento da fala lesionado no hemisfério esquerdo. A produção de segmentos não relacionados a um caráter emocional também estaria contemplada por um processamento que se dá a partir de somente uma fonte, a saber, o hemisfério esquerdo.

²² “Mesmo que se assuma que os automatismos não lexicais são causados por uma desordem fonológica severa que reduz a produção da fala a algumas formas relativamente invariáveis, mantém-se completamente obscuro porque os automatismos lexicais também apresentam este caráter repetitivo. Se a geração de linguagem pelo hemisfério direito e pelas estruturas límbicas fosse possível em função de um hemisfério esquerdo severamente lesado, é difícil compreender porque esta produção deveria se limitar a uma ou poucas formas estereotipadas.”

5. A dissociação automático-voluntário

Ao nos remetermos ao estudo do fenômeno do automatismo, estaremos obrigados a tratar de um aspecto de referência recorrente na Lingüística desde seu estabelecimento como ciência. O aspecto a que fazemos referência aqui é a dicotomia entre o que é automático e o que é voluntário na produção da linguagem.

É reforçado constantemente na literatura tradicional que os sujeitos monofásicos têm grandes dificuldades na produção espontânea e, portanto, voluntária, de palavras, frases, sentenças e que usam os segmentos que lhes restam de forma automática, não sendo capazes de recorrerem a outros vocábulos para se expressar em sua produção oral, o que faria deles sujeitos incapazes de significar.

Porém, apesar deste caráter automático, isto é, da inicial “impossibilidade” de acesso a outros vocábulos, o que foi possível observar neste estudo é que o sujeito monofásico faz uso proposicional, ou ainda, voluntário, de outros elementos lingüísticos que, mesmo na linguagem dita não-patológica, exercem grande importância na produção do sentido. Quero dizer com isso que, por mais que o sujeito possa não estar mais apto a produzir com maior “fluidez” aquilo que é de seu interesse, como costumava fazer antes da lesão cerebral, é através destes enunciados que ele marca e produz significação.

No caso do sujeito a que fazemos referência neste estudo, mais precisamente no capítulo III, um dos elementos utilizados na produção de sentido é a prosódia, marcada voluntariamente sobre os poucos enunciados restantes em seu repertório para dar significado e expressão àquilo que está a produzir. É nesse sentido que não se pode concordar com a postura presente nos estudos tradicionais que consideram que em nenhum momento o sujeito monofásico se utiliza voluntariamente dos elementos constituintes da linguagem para fazer sentido.

Em um dos parágrafos anteriores, o termo *impossibilidade* foi marcado propositalmente por não considerar que a produção dos sujeitos monofásicos seja restrita aos automatismos descritos nos estudos tradicionais. Um olhar sobre os dados do sujeito CF²³, estudado nesta Dissertação, permite afirmar que não só de automatismos é caracterizada a sua fala. É possível perceber que o sujeito é sim capaz de produzir outros

²³ Para uma descrição neurolingüística e neuropsicológica do sujeito e de sua produção, ver o capítulo III, parte integrante desta Dissertação.

enunciados, que servem para marcar seu acompanhamento do que está sendo dito no diálogo, além de marcar sua concordância ou não sobre o tema em questão.

Além disso, considero relevante retomar o já dito anteriormente sobre a visão de linguagem presente nos estudos tradicionais. A produção lingüística a que se compara a produção do sujeito afásico está distante de ser o que encontramos em nosso dia-a-dia. O sujeito detentor do poder e controle sobre a fala, capaz de produzir, através das palavras e enunciados, tudo aquilo que lhe interessa parece não ser o sujeito com quem nos deparamos diariamente: um sujeito que não é capaz de descrever com exatidão situações porque “lhe falta a palavra”, o sujeito que tem sua fala entrecortada e modificada todo o tempo ou, ainda, o sujeito que perde o que estava por dizer em consequência das idas e vindas constantes no decorrer de um diálogo.

Nesse sentido, parece relevante apresentar de forma mais detalhada a forma como é abordado o automatismo para que, em seguida, se possa empreender um novo olhar sobre ele, tentando trazer para o primeiro plano uma análise que leve em conta a *linguagem* que ali está presente e em constante tensão e modificação.

6. Uma crítica aos estudos tradicionais

As duas perspectivas apresentadas aqui têm como objetivo estabelecer como se dá o processamento da linguagem com relação à produção dos automatismos. Para tanto, levam em conta dados obtidos de sujeitos afásicos para empreender suas análises. O que temos no entanto é que, apesar de ser um trabalho que se volta para o processamento da *linguagem*, o enfoque dado é para o “produto”, não sendo abordadas as características lingüísticas da produção dos sujeitos afásicos. O que se tem é uma descrição sumária e parcial da produção que desconsidera o trabalho do sujeito com a linguagem, além de vê-la unicamente como forma de acesso aos sintomas desenvolvidos pelos sujeitos. A descrição apresentada não aborda de forma integrada os níveis lingüísticos, tampouco considera a hipótese de que eles estejam preservados em sujeitos *monofásicos*.

A leitura desses textos nos permite apontar que a linguagem é vista como instrumento de análise das condições patológicas já pré-estabelecidas, isto é, a aplicação de testes é efetuada – tendo a linguagem como mediadora da avaliação – no sentido de averiguar se as características presentes no interior do quadro semiológico das afasias de fato se aplicam em larga escala, isto é, em estudos com um grande número de sujeitos. Este argumento justifica o discurso consolidado e unificado sobre o fenômeno. O que se observa são nuances de diferenças, como no caso do processamento, mas nunca na postura frente à linguagem.

Nesse sentido, vale ressaltar que a linguagem nestes estudos é vista como mero instrumento e não como processo de significação, sendo desconsiderada sua função de mediadora da inter-ação social. A aplicação de testes é a única forma de “avaliação” da sintomatologia presente nos sujeitos. Essa avaliação, tendo como objetivo a confirmação de uma hipótese lingüística sobre a compreensão e produção dos sujeitos, pouco tem a dizer sobre a linguagem e sobre ações que sobre ela e com ela fazem os sujeitos.

Esta tentativa de descrição e classificação do automatismo não leva, portanto, a um melhor conhecimento do próprio fenômeno, de sua ação sobre o sujeito e como proceder diante de sua presença. A descrição que não leva em conta aspectos enunciativos e também que não leva em conta o sujeito no qual o fenômeno se manifesta, leva os estudos tradicionais a considerarem o automatismo, e não só ele como também os demais fenômenos inscritos no quadro semiológico das afasias, uma excrescência. Se sua produção é excrescente, também o sujeito é visto como “debilitado”, incapaz de empreender um diálogo, uma conversação; o sujeito é desprovido de “atitude lingüística”.

Além disso, a classificação das dificuldades apresentadas tem como parâmetro de avaliação a linguagem “ideal”, produzida por um virtual falante-ideal, isto é, a análise leva em conta basicamente aspectos comparativos de sujeitos não-afásicos “irreais”:

“Os parâmetros para a avaliação dos sujeitos afásicos não têm sido (...) a linguagem dos sujeitos não afásicos *reais*. A distância entre sua produção e a linguagem *normal* é ainda muito maior, se considerarmos que o parâmetro para a avaliação é geralmente o *falante-ideal*”. (Novaes-Pinto, 1999: 181)

Capítulo III

A caracterização do sujeito da pesquisa e sua produção: a construção de uma metodologia

“(…) no empirical data can ever become really intelligible unless grasped from an ideational frame of reference, and unless viewed from a conceptual plane.”

(Kurt Goldstein, *The Organism*, 1995, 385)

1. Introdução

A delimitação do objeto constitui um aspecto de importância fundamental para as ciências que são consideradas empíricas, ou seja, ciências que fazem uso de dados para atestar (ou mesmo refutar) hipóteses teóricas. Dessa forma, se faz relevante para esta Dissertação dar destaque aos aspectos referentes à obtenção dos dados e sua análise. Nesse sentido, o presente capítulo pretende destacar os princípios metodológicos que amparam e ajudam a articular os interesses teóricos que fundamentam esta Dissertação. Para tanto,

serão apresentados os dados escolhidos para análise e a forma através da qual estes foram escolhidos, isto é, os motivos pelos quais fui movida a considerar este conjunto de dados, transformando a pesquisa em um estudo de caráter longitudinal.

Os aspectos metodológicos serão descritos após uma apresentação do sujeito a que se faz referência neste estudo, objetivando através desta apresentação mostrar o enfoque abordado aqui: o sujeito não está *fora* da análise dos dados. É ele (através de seus propósitos e intuítos conversacionais e enunciativos) quem – imerso em práticas diversas – produz e modifica sua fala, sendo de vital importância fazer referência não só à sua competência lingüística, como também à sua competência pragmática, que se constitui intersubjetivamente. Esta descrição virá acompanhada de uma caracterização neurolingüística da afasia de CF.

Para que a descrição dos dados seja completa, antes da apresentação do sujeito e dos aspectos metodológicos que permeiam a construção desta pesquisa, será feita uma apresentação das atividades desenvolvidas no Centro de Convivência de Afásicos (doravante CCA), na UNICAMP. Essa descrição se faz importante para a caracterização do espaço onde se desenvolveram as atividades e para a contextualização do leitor às práticas que são desenvolvidas pelo grupo.

2. Centro de Convivência de Afásicos: a construção de práticas lingüísticas significativas

Para que melhor se compreenda em que consiste cada sessão realizada no CCA, segue uma breve descrição das atividades desenvolvidas pelos grupos. O CCA, projeto inserido dentro do Laboratório de Neurolingüística (LABONE), está localizado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na UNICAMP.

As sessões do CCA ocorrem semanalmente e possuem cerca de três horas de duração. O grupo coordenado pela Prof. Dra. Edwiges M. Morato tem as sessões organizadas da seguinte maneira: a primeira hora é dedicada às atividades de expressão

teatral, realizadas por um profissional da área, que trabalha em especial a expressão corporal dos sujeitos afásicos, bem como a instalação de cenas dramatúrgicas. Na sequência, tem vez a hora do café, momento em que os participantes compartilham o que trouxeram para o lanche e descontraem com os demais integrantes do grupo. Em seguida, têm início as atividades de *linguagem*, onde os sujeitos tratam das notícias referentes aos assuntos da semana (trazendo também os recortes das manchetes mais importantes), relatam o que fizeram durante a semana (ou algo que seja do seu interesse relatar) e apontam temas que parecem relevantes para que o grupo possa discutir. Esta parte da sessão é coordenada por uma pesquisadora, que organiza os trechos trazidos pelos integrantes e auxilia, quando necessário, na introdução de temas para conversação.

No entanto, a estrutura atual não se mantém a mesma desde o início do trabalho, que data de 1989. Os dias correspondentes às sessões e o número de participantes dos grupos sofreram alterações ao longo dos anos. Isso implica dizer que CF nem sempre participou do mesmo grupo, o que não impede que se faça um estudo de caráter longitudinal, tendo em vista que as atividades desenvolvidas pelos diferentes grupos se assemelham no que compete à consideração de práticas linguísticas significativas. Os sujeitos que participam dos grupos são todos pacientes do Hospital das Clínicas da UNICAMP e de lá foram direcionados ao CCA.

Dessa forma, as atividades desenvolvidas no CCA podem ser caracterizadas como se segue:

“Resumidamente, do ponto de vista teórico, metodológico e assistencial, o CCA recobre a proposta de acompanhamento longitudinal em grupo de sujeitos afásicos, cujo ponto central é a exibição dos sujeitos ao exercício vivo da linguagem em diversas situações de uso social e práticas discursivas (diálogos, narrativas, comentários, alternância de interlocutores, diferentes posições enunciativas e configurações textuais). Dele participam pacientes e pesquisadores, vivenciando situações de uso sociocultural da linguagem, em contextos verbais e não-verbais. Esse trabalho com a linguagem requer a mobilização de vários processos cognitivos envolvidos na construção do sentido, alterados em sujeitos cérebrolésados. Assim, o objetivo do acompanhamento em grupo é tornar

visíveis tanto as alterações que o sujeito afásico apresenta quanto as tentativas de superá-las, tanto a motivação para identificar suas dificuldades quanto para eleger processos alternativos de significação.” (Morato, 1997: 8)

3. A descrição do sujeito CF

A reflexão acerca da metodologia a ser empregada neste estudo foi permeada pela importância de uma descrição do sujeito CF e sua relação com seu quadro afásico.

O intuito desta descrição é apresentar como a linguagem é modificada pelo sujeito e como este mesmo sujeito é capaz de usá-la a seu favor, construindo sentido a partir de suas experiências de contato com seu interlocutor. Considerar a linguagem sob o ponto de vista da enunciação implica considerar que há um sujeito presente no processo de interação e que este sujeito modifica e é modificado pela fala do outro e pelo reflexo de sua própria fala em seu interlocutor, garantindo a constituição da intersubjetividade. Martins (1990), ao descrever a construção da intersubjetividade discutida em Bakhtin, aponta para a importância desta troca:

“Essa exterioridade e partilha do conteúdo do discurso permitem passar do estudo da subjetividade numa perspectiva psicológica de conteúdos anímicos, isolados no interior do locutor, para o estudo da intersubjetividade enquanto possibilidade de comunicação através de um material semiótico comum, o discurso, não diferenciado em sua natureza do conteúdo interior, da consciência.”
(Martins, 1990: 19)

Dessa forma, parecem claras as razões pelas quais este trabalho se dedica a analisar os dados sob uma perspectiva enunciativo-pragmática, considerando a importância da partilha do conteúdo do discurso para a manutenção não só da subjetividade como também para a construção contínua da intersubjetividade. Estes aspectos parecem atuar de forma crucial para a ressignificação do automatismo produzido por CF, assim como para a

“reconstrução” de seu repertório lingüístico a partir de suas experiências com seu interlocutor.

Nesse sentido, segue abaixo uma descrição do sujeito CF, tendo como foco não a estrutura de sua lesão, mas este processo de construção da intersubjetividade que garante a CF sua competência pragmática. Assim, não só os aspectos *lingüísticos* em sua natureza (como as características da produção de seu automatismo e a inserção de novos vocábulos a seu repertório) serão descritos, como também serão descritas suas impressões diante da própria fala e da fala de seus interlocutores, elementos que, como dito anteriormente, são fundamentais na constituição de CF como falante de sua língua.

CF graduou-se em Terapia Ocupacional e praticava sua profissão trabalhando com crianças deficientes. Em 1985, quando contava com 29 anos, CF foi acometida por uma forte dor de cabeça, tendo sido constatada ruptura de aneurisma. CF foi submetida a uma cirurgia e, seis anos após este acometimento, foi encaminhada ao Hospital de Clínicas da UNICAMP, onde foi diagnosticada uma afasia de Broca do tipo eferente. Tendo em vista o diagnóstico de CF, ela foi encaminhada ao CCA.

Após o acometimento da afasia, CF não mais voltou a exercer sua profissão, porém, ela está sempre em contato com atividades bastante diversas e que lhe motivam, como no caso em que lhe foi sugerido que atuasse junto a uma escola com crianças portadoras de deficiência ou que aprendesse a fazer trabalhos de artesanato, como bordar a partir da técnica do arraiolo ou ainda pintar. Esta postura mostra o caráter ativo de CF frente às possibilidades de realização de novas atividades.

Nesse sentido, o que parece mais fortemente caracterizar a personalidade de CF é a disposição e a perseverança. CF está sempre atenta aos acontecimentos ao seu redor e participa de forma bastante dinâmica das sessões que frequenta no CCA. Além de ser bastante falante, CF adora cantar e diversas vezes pediu à Prof^a Edwiges Morato que trouxesse o violão para que as duas pudessem fazer um dueto. Nestes momentos de cantoria, a música que mais a agrada é “Carinhoso”, de Pixinguinha.

O fato de CF poder cantar deixou os participantes do grupo bastante surpresos quando de sua chegada ao CCA, em 1991. Tendo bastante dificuldade para se valer do léxico da língua quando dialogava com os participantes, ela se mostrou uma cantora bastante “competente”, cantando com pouquíssimos *desvios* as músicas que já faziam parte

de seu repertório antes do episódio neurológico que a levou ao quadro afásico. E mesmo nos momentos em que os participantes cantavam músicas que não faziam parte de seu repertório, ela se mostrava também bastante animada em cantar, mesmo que fosse somente entoando as músicas. Nestes casos, acompanhar a letra da música através da leitura não é uma atitude válida para ela, isto é, ela não se beneficia do *prompting* escrito de uma maneira geral. Sendo de seu conhecimento a *melodia*, ela é capaz de acompanhar a música através do contorno entoacional, usando em lugar da letra original alguns sons preenchedores (como, por exemplo, *lá lá*), como qualquer sujeito não-afásico o faz.

Esta atitude nos mostra o quanto CF faz uso de sua competência pragmática, valorizando os recursos que se mantêm em sua linguagem em favor de sua inserção na interação.

O uso de sua competência pragmática pode ser notado também no fato de que sua afasia em pouquíssimos momentos a impede de interagir com os demais participantes e raramente ela se vê prostrada ou inibida diante de alguma situação. Somente nos casos em que realizou diversas tentativas de se fazer compreender e não conseguiu é que ela demonstra cansaço e certo desânimo, o que em alguns momentos faz com que ela desista do tópico que tentava introduzir, indicando o fato ao seu interlocutor (através de gestos ou mesmo da prosódia).

É o uso desta forte competência pragmática que a auxilia e estimula todo o tempo a participar da interação e produzir significação de várias formas, verbais e não-verbais, o que confere a ela um *ethos* de falante, a considerar que mesmo tendo diversas dificuldades com relação ao planejamento da produção de vocábulos pertencentes à sua língua materna, ela se faz compreender e se mostra parte integrante e ativa dos processos de interação.

E como se caracteriza essa *competência pragmática*? CF tem sua produção bastante marcada pelo uso de um automatismo que não se constitui como palavra da língua portuguesa. Tendo em vista este quadro, ela investe nos recursos lingüísticos que lhe restam para produzir significação, além de investir também nos recursos chamados paralingüísticos, como a expressão fisionômica, a atitude corporal, a gestualidade, etc. Dentre os recursos lingüísticos utilizados, o que mais salta aos olhos – e aos ouvidos – é a prosódia, constantemente produzida com o intuito de auxiliar nos processos de construção

do sentido, na estruturação do discurso, além de atestar sua participação na interação e processos afeitos a ela.

Porém, não só a prosódia exerce papel de importância em sua produção. O uso dos processos dialógicos para auxiliar na construção da interação assim como o uso de semioses distintas, como o emprego de gestos na construção do sentido, são determinantes para sua produção. Está claro, portanto, que CF se vale dos elementos verbais e não-verbais que estão acessíveis a ela para se constituir como sujeito da interação. Através deste uso dos elementos que lhe são familiares, foi possível que ela acrescentasse novos itens lexicais (ou ainda, variações de *esaw*) em sua produção, fazendo com que estes novos elementos ganhassem significação, constituindo-se como marcas de subjetividade.

Para melhor descrever a constituição do repertório lingüístico de CF, tem vez a seguir uma caracterização dos elementos que constituem sua fala. A produção oral de CF é caracterizada por um automatismo formado por um segmento que não constitui uma palavra presente na língua do falante: *esaw*. Este segmento pode ser produzido tanto de forma repetida, constituindo *esaw esaw*, como também pode ser produzido uma única vez. Do uso do *esaw*, surgiram duas variantes: *esa*, que pode ser produzida tanto em conjunto com *esaw* (*esa esaw*) quanto isoladamente e *esew*, que também pode ser produzido isoladamente ou ainda acompanhado de *esa* ou *esaw*.

Estes segmentos são produzidos quase todo o tempo em sua fala, preenchidos por uma rica marcação prosódica e, em diversos casos, acompanhados de outros vocábulos que CF parece ter “readquirido” ao longo dos anos. O que parece ocorrer, no entanto, no decorrer de sua participação no CCA é uma alteração nas funções que o automatismo desempenha em sua fala. Essas funções parecem se alterar porque os novos elementos que vão constituir seu repertório lingüístico ganham importância em sua fala, “preenchendo” alguns ambientes de utilização do automatismo.

A constatação da “reaquisição” de vocábulos contradiz as expectativas dos estudos tradicionais que não acreditam na possibilidade de alteração do quadro e de aquisição de “novos” vocábulos. Como visto brevemente no capítulo I e mais atentamente no capítulo II, alguns estudos consideravam a possibilidade de fazer com que os sujeitos aprendessem outros vocábulos, mas em substituição ao automatismo, o que de forma alguma parecia ser possível.

O que se verá nesta Dissertação, no entanto, é que os vocábulos não são “adquiridos” em função de uma prática que faça com que o sujeito suprima o uso de seu automatismo. Eles surgem como um acréscimo à produção do fenômeno, que passa a ganhar outras funções em seu discurso. Estes vocábulos são utilizados dentro de um “campo semântico” específico e não de forma aleatória e automática.

Uma outra característica da produção oral de CF é o uso de interjeições e locuções interjectivas que também conferem sentido à sua fala. Estas locuções estão presentes no repertório lingüístico de CF desde sua chegada no CCA, o que indica que elas já tinham importância mesmo antes de sua vinda ao grupo. As locuções as quais nos referimos são *ai eu preciso falar*, *ai senhor*, *puta pariu*, *amém Jesus*. Essas locuções podem ser reproduzidas por completo ou apenas em partes (“ai eu...”, “eu preciso”), sempre dentro de um contexto apropriado. Há casos, porém, em que a produção de apenas parte da locução interjectiva constitui a produção de uma interjeição, como nos casos de *senhor*, *puta* e *ai*. Além dessas interjeições, que podem ser consideradas “desdobramentos” das locuções interjectivas, há ainda a ocorrência de *saco* e *ótimo*.

Em nenhum caso a produção destes elementos é aleatória ou mecânica, o que mais uma vez contradiz as expectativas dos estudos tradicionais, a saber, de que os enunciados que constituem elementos presentes na língua do falante podem ser produzidos dentro do contexto esperado ao mesmo tempo em que podem ser produzidos de forma aleatória e inconsciente, indicando que o sujeito *monofásico* não teria a intenção de uso contextualizado destes enunciados.

Aliado ainda ao uso destes vocábulos, CF também faz uso voluntário de *sim* e *não*, utilizando-os também de forma contextualizada, em resposta às perguntas e comentários proferidos por seus interlocutores. Há ainda outros elementos que fazem parte de seu repertório lingüístico: os marcadores discursivos, também chamados de marcadores conversacionais, que indicam sua intenção perante a interação, além de mostrar sua atenção sobre a fala do outro.

Além disso, da mesma forma que nos valem da fala de nossos interlocutores para constituir nossa própria fala, CF se vale da fala do outro. Isto se dá, por exemplo, através do processo de especularidade (De Lemos, 1982), muitas vezes repetindo o que foi dito por seu interlocutor, em geral com a intenção de concordar, discordar ou então comentar o

assunto destacado por ele. No entanto, mesmo estando apta a produzir todos os segmentos do inventário fonético de sua língua, CF não é capaz de implementar a produção das seqüências combinadas. Considerando a afirmação anterior, um outro dado que confirmaria tal expectativa seria o fato de que CF tem sua produção bastante caracterizada pela presença das vogais, que podem ser consideradas de mais fácil produção, dado que a passagem do ar é livre pelo trato vocal, sem haver necessidade de realizar nenhum tipo de constrição no trato.

Todos os aspectos apontados brevemente acima serão detalhadamente descritos e discutidos no capítulo IV, parte integrante desta Dissertação. Cabe, neste momento, passar à descrição de como se construiu o *corpus* que permite a análise desenvolvida neste trabalho.

4. A composição do *corpus*

Ao entrar em contato com o automatismo e suas descrições no interior da literatura neuropsicológica, salta aos olhos a forma como se descreve o sujeito afásico classificado como *monofásico*. Como já reproduzido no capítulo II e retomado em alguns pontos desta Dissertação, a descrição do sujeito monofásico o coloca como inerte, incapaz de produzir significação (inclusive porque em alguns casos era considerado que nada havia sido retido) e de alterar ao menos minimamente seu quadro afásico. Além disso, também está fora de cogitação o uso da prosódia como estrutura significativa do seu discurso.

Tendo em vista este panorama, pareceu bastante plausível que o estudo do automatismo fosse realizado tendo em vista as possíveis alterações feitas pelo sujeito afásico no decorrer de sua convivência com a patologia. Um bom quadro que levantasse as *reais* características do fenômeno somente parecia possível se fosse considerada toda a trajetória do sujeito afásico em confronto com sua condição.

Dessa forma, o estudo de caráter longitudinal e heurístico foi o que melhor pareceu se encaixar nessa perspectiva. A partir desta consideração, passamos a levar em conta

outros aspectos, também de bastante importância, para dar início à escolha e análise dos dados.

A chegada de CF ao CCA se deu seis anos após a ocorrência da ruptura de aneurisma, o que já não permitia, de acordo com o que se sabe sobre a plasticidade cerebral, que uma alteração de grande porte se desse no seu quadro afásico. As estruturas cerebrais já estavam há muito alteradas pela lesão e não poderiam se reconfigurar novamente de forma notável.

Por outro lado, uma descrição lingüística do automatismo poderia ser feita de forma absolutamente distinta das descrições dos estudos tradicionais, caso considerássemos dados de linguagem espontânea, sendo esta perspectiva um quadro novo nos estudos do automatismo, a considerar que os mesmos levam em conta somente baterias de testes (através de perguntas e respostas) como fonte de análise do fenômeno. Esta mudança na postura utilizada tanto para “captação” dos dados (agora obtidos em linguagem espontânea) quanto para a análise dos mesmos (considerados longitudinalmente) possibilitaria uma modificação bastante significativa no olhar sobre o fenômeno e na descrição de sua semiologia.

4.1 A construção do *corpus* oral

CF participa do CCA desde o ano de 1991. A considerar o apontado no final da seção anterior, isto é, o fato de que ela passou a participar do grupo seis anos após ter tido o aneurisma, as possíveis alterações que poderiam se dar em sua produção lingüística ocorreriam mais provavelmente em um intervalo maior de tempo, e não de súbito. Assim, a primeira decisão a ser tomada foi com relação ao intervalo de tempo em que seriam selecionadas as sessões que continham sua participação.

Foi considerado que um intervalo de seis meses seria suficiente na observação de possíveis modificações ocorridas em sua produção lingüística, como a tomada de novo vocabulário, introduzindo a possibilidade de uso de um “campo semântico” significativo para compreensão de sua fala; o uso de um determinado tipo de entoação; sua posição

frente ao discurso ou até mesmo a alteração de sua competência pragmática diante da (im)possibilidade de expressar algo.

A escolha das sessões que caracterizariam cada etapa deste processo se deu, inicialmente, através da leitura do caderno que descreve o que ocorre no decorrer de todas as sessões de cada grupo que participa do CCA. Através das descrições das sessões obtidas neste caderno, foi possível visualizar em quais delas CF parecia estar mais presente, fazendo mais comentários e participando mais ativamente dos assuntos discutidos. Considerando que CF é um sujeito bastante ativo e comunicativo, teve início uma tarefa bastante árdua de escolha das sessões em que ela parecia ter participação mais significativa para os propósitos desta Dissertação.

Esta escolha foi feita através de uma primeira análise das imagens ou, ainda, do áudio disponível em fitas cassetes (a considerar que houve diversos casos em que não foi possível ter acesso à fita de vídeo, sendo possível somente a audição das fitas cassetes). Nos casos em que foram encontrados pontos interessantes de sua produção em duas fitas correspondentes a sessões diferentes dentro de um mesmo período de seis meses, os dois trechos eram copiados para que fossem, em seguida, transcritos.

Desse modo, as vinte e duas sessões selecionadas para análise (características de um período que vai de 1991 a 2002) não foram transcritas por completo. As gravações, depois de transferidas para um arquivo pessoal, foram assistidas de duas a três vezes enquanto eram tomadas anotações mais específicas sobre a participação de CF. A partir destas anotações, foram selecionados 85 trechos para transcrição.

É importante destacar que a gravação das sessões ocorridas no CCA é iniciativa das pesquisadoras que deram início ao projeto e faz parte da metodologia de trabalho do Grupo de Pesquisa e tem o intuito de melhorar a qualidade dos estudos desenvolvidos dentro do CCA. Isso pode ser observado no trecho, parte integrante do Projeto de Pesquisa “*Centro de Convivência de Afásicos: práticas discursivas, processos de significação e propriedades interativas*”, em que é dito que “(...) o objetivo da filmagem tem sido registrar todas as sessões do CCA em tempo real, ampliando a qualidade do dado e sua condição de interpretabilidade (editando-os)”. (Morato, 1997:20)

Essas gravações têm sido feitas desde o início da formação dos grupos que participam do CCA, o que possibilitou resgatar as fitas que continham as sessões ainda do ano de 1991, quando da chegada de CF.

Com o intuito de manter este material que faz parte do acervo do CCA em boas condições, ele não pode ser retirado. Isso explica o fato de as sessões selecionadas terem sido gravadas em fitas de vídeo que passaram a compor meu arquivo pessoal.

4.2 A transcrição do *corpus*

O *corpus* passou por duas etapas de transcrição. Na primeira delas, a transcrição foi feita com base em algumas das convenções estabelecidas e propostas pelo Projeto NURC²⁴ para a transcrição de *corpora* orais. A considerar que o *corpus* é constituído de fala espontânea, a escolha pela transcrição a partir das formulações do NURC pareceu a mais sensata.

Dessa forma, a primeira notação realizada não teve como objetivo a transcrição prosódica da produção de CF. Pode-se considerar que esta primeira transcrição atentou para a postura de CF com relação à própria produção como também à produção de seus interlocutores, isto é, foi levada em conta a interação de CF com os demais participantes do grupo. Nesta primeira etapa, foram apenas descritas as primeiras impressões sobre aspectos prosódicos que pareciam mais salientes, sendo deixada para uma segunda etapa a transcrição das curvas entoacionais que constituíam a produção de CF (e quando necessário, quando constituíam a produção de seu interlocutor).

Para que houvesse uma melhor caracterização e compreensão de sua produção e de seus interlocutores e a considerar a importância de tais elementos na produção da significação, em diversos momentos foram descritos os *gestos* realizados pelos sujeitos (sendo estes afásicos ou não). Quando pareceu necessário, foram inseridos comentários de caráter *atitudinal*, isto é, a reação dos sujeitos frente à produção de sua fala ou em reação à fala do outro. Além disso, antes de ter início a transcrição de cada trecho, é feita uma

²⁴ Retiradas de http://www.fflch.usp.br/dlcv/nurc/normas_para_transcricao.htm

contextualização sobre o que se passa naquele momento da sessão. Veja o exemplo que mostra o cabeçalho gerado antes de ter início a transcrição de cada trecho das sessões selecionadas:

FRAGMENTO 2-02

Contexto: EM acaba de voltar de uma viagem à França. Os participantes contam as novidades ocorridas no grupo no período em que ela não esteve presente.

A considerar que o *corpus* contém um número elevado de trechos, a identificação de cada um deles se deu através de sua nomeação. Esta nomeação foi feita com base na ordem de ocorrência do trecho na sessão e no ano em que ocorreu. Por exemplo: o fragmento 2-02 se refere ao trecho nº 2, ocorrido no ano de 2002. Cada página que contém os fragmentos reproduz a data em que se deu a sessão.

A seguir é apresentado o quadro que caracteriza a primeira etapa da transcrição dos dados:

SÍMBOLO	OCORRÊNCIA
()	Incompreensão de palavras ou segmentos
(hipótese)	Hipótese do que se ouviu
/	Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)
Maiúscula	Entoação enfática
:: podendo aumentar para ::: ou mais	Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)
-	Silabação
?	Interrogação
...	Qualquer pausa
((minúsculas))	Comentários descritivos do transcritor
[ligando as linhas	Superposição, simultaneidade de vozes

(...)	Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.
“ ”	Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.
EM	O uso do negrito na sigla utilizada para fazer referência aos sujeitos que participam do diálogo indica que o mesmo é pesquisador, sujeito não-afásico ²⁵ .

Uma análise inicial dos 85 trechos escolhidos, caracterizada pela observação das regularidades e alterações presentes na produção de CF, permitiu que fosse realizada uma segunda seleção dentro do *corpus* inicialmente transcrito. Essa segunda seleção teve por objetivo destacar trechos que deixavam claras as principais características do automatismo e que possibilitavam a generalização das características deste fenômeno, além de apontar as principais mudanças ocorridas em sua reflexão sobre sua produção lingüística e conseqüente alteração desta produção e de sua competência pragmática.

Sendo assim, na segunda etapa de notação, o *corpus* teve a transcrição conversacional completada pela transcrição prosódica da produção de CF, embasada nas convenções utilizadas por Scarpa (2001). Cabe neste ponto uma justificativa para o uso desta convenção. Dentro do quadro dos estudos da área, não parece haver uma sistematização das convenções empregadas na transcrição da prosódia. Cada linha de trabalho define suas próprias convenções de acordo com a perspectiva teórica a que pertencem, sendo as mesmas também passíveis de variação de autor para autor.

Além disso, são poucos os trabalhos na área de prosódia que se situam sob uma perspectiva enunciativa e que, portanto, consideram a conversação seu objeto de análise. Dentro deste quadro, a escolha das convenções propostas em Scarpa (2001) foi feita a considerar que esta é uma autora que desenvolve trabalhos nas áreas de aquisição de linguagem (fazendo diversas vezes um paralelo entre a aquisição e a afasia) voltados a uma

²⁵ O emprego desta notação se deu com o intuito de melhorar a visualização do dado no que compete à produção dos sujeitos afásicos e não-afásicos.

perspectiva mais próxima também das características deste trabalho no que se refere à constituição de seu *corpus*, isto é, o uso de dados de fala espontânea. Esta afinação entre as duas propostas permitiu a utilização dessas convenções para marcar a prosódia nos dados desta Dissertação.

A seguir é apresentada a tabela referente às marcações prosódicas previstas no *corpus*.

SÍMBOLO	OCORRÊNCIA
↑	Subida na curva entoacional, em sílabas nucleares.
↓	Descida na curva entoacional, em sílabas nucleares.
→	Neutralidade na curva entoacional, em sílabas nucleares.
//	Marcação de fronteira de enunciado, com pausa.
][Marcação de fronteira de enunciado, sem pausa.
/	Interrupção/corte na fala.

Para que a análise das curvas entoacionais fosse realizada de forma mais precisa, os dados selecionados foram digitalizados sob uma taxa de amostragem de 22,5kHz com o auxílio do programa CSL, gentilmente cedido pelo Laboratório de Fonética Acústica e Psicolinguística (LAFAPE), do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da UNICAMP. Em seguida, os dados foram transferidos para o computador, o que permitiu que as curvas fossem analisadas através do uso do programa Praat²⁶, software bastante utilizado na análise de dados na área de Fonética Acústica.

²⁶ Uma breve análise da duração de alguns segmentos produzidos por CF e realizada a partir do uso do programa Praat está disponível no Anexo, parte integrante desta Dissertação.

Capítulo IV

O olhar lingüístico sobre o dado: uma rediscussão do automatismo

1. Introdução

O presente capítulo pretende destacar os diversos processos que foram fundamentais no desenvolvimento do quadro de CF e, portanto, na alteração do automatismo que constitui sua produção, apontando assim a importância da interação entre estes diversos processos na constituição da fala não só dos sujeitos afásicos como também dos sujeitos não afásicos.

A divisão aqui proposta para a análise dos dados não tem como objetivo caracterizar a ordem em que operam os níveis lingüísticos. A separação estabelecida entre os diversos fenômenos que ocorrem *concomitantemente* na produção de CF se deu em função de uma tentativa de dar destaque ora a um ora a outro fenômeno para que melhor sejam visualizadas as alterações e também a relevância destes processos na produção deste sujeito.

Dessa forma, a divisão introduzida aqui tem caráter metodológico, com o intuito de destacar a importância dos processos descritos na produção de CF e apontar que a alteração

do quadro afasiológico de CF se deu a partir da inter-relação entre estes diversos níveis (e até mesmo diferentes semioses) e da experimentação do uso de vários elementos que foram ganhando espaço na construção de sua subjetividade (e também da intersubjetividade).

2. A análise

A base inicial para a realização da análise destes dados foi a listagem dos pontos que mais fortemente caracterizavam a produção do automatismo na literatura tradicional. Uma primeira observação dos dados já trouxe uma série de contrapontos frente à análise tradicional, o que reforçou a idéia de que uma análise consistente e robusta sobre a linguagem presente no automatismo seria crucial para a modificação do discurso já bastante consolidado acerca da linguagem nas afasias.

Este movimento levou à constatação de que a descrição tradicionalmente oferecida pela literatura neuropsicológica sobre o automatismo parece ser uma “vontade de verdade” (como já apresentado em Foucault, 1994, e também desenvolvido em Morato, 2000) de uma época acerca não só deste fenômeno como também de todo o quadro semiológico das afasias:

“Se é bem verdade que condições neurológicas e psíquicas são capazes de conferir um estatuto patológico muitas vezes indiscutível à linguagem, é também verdade que os limites da normalidade e da patologia não são esboçados apenas pela língua, pelo sujeito e seu cérebro defeituoso. São esboçados sobretudo pelas nossas “vontades de verdade”, que é como Foucault se refere à mentalidade de uma época, de um país, de uma comunidade.”
(Morato, 2000: 64)

A passagem acima é clara ao destacar que parece mesmo haver um discurso bastante consolidado dentro da área de Neuropsicologia, o que dificulta o desenvolvimento de uma reflexão sobre a linguagem presente nestes quadros, empobrecendo as descrições dos fenômenos.

Sobre o surgimento dessas descrições e, portanto, de “*significações intoleráveis*”, Morato (2000) aponta três aspectos que seriam suas bases explicativas. Em primeiro lugar, a idéia de que a comunicação é a função primordial exercida pela linguagem. Em segundo lugar, temos o fato de que, em função de um princípio natural de cooperação entre os homens, sugere-se que nós somos inevitavelmente instados à comunicação. E em terceiro lugar, há o caráter instrumental conferido à linguagem, tida como uma forma de acesso aos nossos processos cognitivos internos.

Dessa forma, o que se vê nos estudos tradicionais é uma concepção logocêntrica e normativa de linguagem. Morato (2000), a propósito, assinala que

“A linguagem cuja perda é lastimada é aquela que seria por excelência a expressão do poder racionalizante da mente, e que portanto é tida como objetiva, clara, transparente, verdadeira, comunicativa.” (op.cit.: 66)

Em uma tentativa de mudança deste panorama – em conjunto com outros trabalhos já desenvolvidos dentro da área de Neurolingüística – este trabalho pretende dar enfoque ao olhar sobre a linguagem na afasia, mais especificamente, o reconhecimento de seu papel fundamental na produção e modificação do automatismo. Para valorizar este aspecto, a unidade de análise a ser trabalhada não será a palavra, mas sim o enunciado, pois é através dele (e, portanto, da troca que se dá a partir da enunciação) que são reconhecidas as possíveis mudanças ocorridas no interior do fenômeno. Neste sentido, vale a descrição presente em Gebara (1976):

“Para explicar o uso que está sendo feito aqui [do termo enunciação], contraponho-o ao conceito de ato de enunciação: um ato de comunicação lingüística, para o qual, além da seqüência verbal emitida, há a concorrência da interação falante-ouvinte-contexto. O enunciado é a seqüência verbal resultante do ato de enunciação (emitido por um dos locutores participantes dele) para o qual não se estabelece limite em extensão: pode coincidir com uma palavra de uma só sílaba, como pode se constituir de um longo período composto por várias orações”. (Gebara, 1976: 5)

A importância de se analisar os dados sob o ponto de vista da enunciação, levando em conta o processo interacional, pode ser ainda justificada no trecho a seguir, em que Brait (1997) descreve a constituição do diálogo:

“Os falantes não somente trocam informações e expressam idéias, mas também, durante um diálogo, constroem juntos o texto, desempenhando papéis que, exatamente como numa partida de um jogo qualquer, visam a atuação do outro.” (Brait, 1997: 195)

É somente sobre esta base, portanto, que se faz possível compreender as alterações ocorridas no quadro de CF. Dessa forma, passo ao início da análise do automatismo tendo em vista o desenrolar das práticas linguísticas significativas dentro do CCA.

3. Caracterizando a produção de CF: o automatismo visto como experiência de subjetividade e a alteração de sua função no discurso

Como apontado no capítulo III, a chegada de CF ao CCA é marcada por uma produção bastante preenchida pelo automatismo, pelo uso de algumas interjeições (*ai!*, *saco!*) e locuções interjectivas (*ai eu preciso falar!*, *puta pariu!*, *Ai senhor!*) produzidas quando se sentia incapaz de falar o que planejava (estes enunciados constituindo então reclamações e imprecações) e pela repetição de parte da fala do outro. A falha no planejamento de sua produção verbal gerava em CF tensão e ansiedade, trazendo para a fala longas seqüências de automatismos, cadenciados pela alteração de duração das seqüências vocálicas e pelas variações de altura.

Nesse “estágio” de sua produção, era pequena a utilização de outros vocábulos, tampouco a utilização de locuções interjectivas era tão produtiva quanto passou a ser no

decorrer dos anos. A tensão gerada pela dificuldade na predicação tornava mais frequentes as desistências diante do desenvolvimento de um determinado tópico. Nestes momentos, seu engajamento era, então, estimulado pelos demais participantes e pelas pesquisadoras, que reconheciam o sentido de suas construções orais e de seus gestos.

É possível afirmar que essa tensão caracteriza a *consciência* de CF diante de suas dificuldades em pregar. No entanto, essa consciência não é atestada somente nos casos em que se sente inapta a pregar. Ela pode ser atestada nos momentos em que CF começa a falar, percebe que não proferiu aquilo que pretendia e se corrige, ri ou reclama (se valendo, nestes casos, de locuções como *ai eu preciso falar, puta pariu* entre outras).

O trecho que será apresentado a seguir (ocorrido em 1991) é característico dessa atividade epilingüística, presente em sua produção desde sua chegada ao CCA. CF está fazendo uma leitura juntamente com a investigadora EM. Em um determinado momento da atividade, ao invés de produzir “tipo”, ela inicia a produção com “pin”; nota que errou, comenta o “erro” de sua fala produzindo *ai esaw* e em seguida, retoma a leitura, tendo sido incentivada por EM para tal.

Trecho 1-92

1. **EM:** ...este...
2. **CF:** [este
3. **EM:** ...tipo...
4. **CF:** [pin// →ai][e ↓ saw ((*notando que “errou”*))
5. **EM:** vamo lá... tipo...
6. **CF:** [tipo

É importante destacar neste trecho não só sua *consciência* diante do “erro” cometido por ela mesma e conseqüente “correção” de sua fala, mas também deve-se observar que CF não tenta suprimir o uso do automatismo para comentar a “falha” em sua produção. Ao contrário, ela faz uso dele mesmo quando não é compreendida por seu interlocutor, o que é visto logo no início de sua participação no CCA. Nos momentos em que não era

compreendida, CF retomava sua produção com longas seqüências de *esaw* e *esaw esaw*, enfatizando esse uso através da saliência dos recursos prosódicos, a saber, a duração e as variações de altura e de intensidade, além de fazer uso da gestualidade para garantir o sentido do que pretendia dizer.

Isso pode ser percebido no trecho destacado a seguir, retirado de uma sessão ocorrida em abril de 1991. Os participantes estão tentando descobrir qual é o cantor ao qual CF faz referência durante a sessão. No entanto, por terem insistido no tema sem muito êxito durante um longo trecho da sessão, CF parece se aborrecer com o assunto. Neste caso, na “falta” de outros recursos que não os prosódicos e a gestualidade, ela produz uma longa seqüência de *esaw esaw*, parecendo “reclamar” da insistência dos colegas.

Trecho 2-91

1. **EM:** mas aí/ mas cê falô que era cantor brasileiro né?
2. **CF:** →ah// esaw e ↑ saw
3. **RR:** exatamente!
4. **EM:** falô ou não falô?
5. **RR:** exatamente!
6. **MI:** cê falô que era brasileiro!
7. **CF:** →ah// esaw e→saw// e→as::w// e→sa::w
8. **RR:** ()
9. **CF:** e→sa::w// e→sa::w// e→sa::w ((*enfadonha*))
10. **EM:** é o Julio Iglesias que tá escrito aqui
11. **CF:** →ô ((*gesto afirmativo com a cabeça*)) e ↓ saw

Depois de uma série de produções de *esaw*, sem ter sido compreendida, ela empreende no uso de *ô*, seguido de marcação gestual para demonstrar que é mesmo este o cantor a que faz referência e dar fim ao assunto, sem empreender em uma nova e longa seqüência de *esaw* (que poderia sugerir sua tentativa de continuidade do tópico).

A prosódia, em boa parte deste trecho, marca o aborrecimento de CF em relação ao tema discutido. Na segunda linha é esse o uso conferido à prosódia, assim como também o é nas linhas sete e nove. Nestes trechos, três elementos prosódicos são utilizados para marcar a insatisfação de CF diante da insistência de seus colegas sobre o assunto: o alongamento das seqüências vocálicas *aw* nas linhas 7 e 9, a direção da curva entoacional e a qualidade vocálica. Na última linha do trecho, no último uso de *esaw*, a marcação prosódica é utilizada para indicar o papel conclusivo de sua resposta, o que é percebido por seus interlocutores, que dão fim à temática levantada.

Um outro trecho também parece bastante interessante na ilustração do uso das longas seqüências de *esaw* no início de sua participação no CCA. Mais uma vez falando sobre o “cantor misterioso”, CF fica ansiosa na tentativa de responder quem é o cantor e usa mais uma vez uma longa seqüência de *esaw*.

Trecho 3-91

1. **MI:** é o () que tá cantando
2. **CF:** →ah// esa e→saw!//
3. **EM:** que ()? Que ()?
4. **CF:** e→saw!//
5. **RR:** a MI tá por dentro ()
6. **CF:** esaw e→saw!//
7. **EM:** ((*ri do comentário feito por RR*))
8. **CF:** esaw e→saw!// esaw e→saw// ↑ah// esa e→saw!//
9. **EM:** esse cara canta isso não? aquele cara?
10. **CF:** esaw e ↓ saw//
11. **MI:** aí ó
12. **CF:** e ↑ saw// e ↑ saw!//
13. **MI:** CF... este é o cantor?
14. **CF:** ↓ é::][↓ é::// →ô// →ih::! ((*parece reclamar*))

O que ocorre aqui é que, mesmo tendo dado pistas prosódicas quando perguntada sobre quem é o cantor, e inicialmente ter tido a questão como resolvida, percebe-se através

da seqüência do turno que ainda há dúvida sobre o assunto, o que parece ter sido gerado em função do uso de seqüências contínuas de *esaw esaw*, que acabam por “confundir” seu interlocutor. Este trecho poderia então, ser “dividido” em dois tempos: o primeiro, até a linha sete, quando EM ri do comentário feito por RR. MI parecia ter “matado a charada”.

No entanto, tem início um segundo tempo onde a interpretação inicial parece ser desfeita, surgindo novamente a dúvida (desencadeada, como descrito acima, pela longa seqüência de *esaw esaw*, na oitava linha). A dúvida é concretizada pela pergunta de EM a CF, que responde com o uso de *esaw esaw* (com formato da curva indicando afirmação) e parece ser compreendida, a princípio, por MI (ao dizer: “ái ó”). Apesar dessa aparente compreensão, o comentário de CF (“*esaw! esaw!*”) é replicado mais uma vez pela pergunta sobre o cantor. Neste instante, CF demonstra claramente sua insatisfação ao “reclamar” da pergunta, fazendo uso do marcador discursivo *ih*, produzido de forma alongada.

Nestes casos, o que temos é que *esaw* preenche uma série de funções no discurso: tanto vale como complemento do que é afirmado ou negado quanto pode ser utilizado como a própria afirmação ou negação, constituindo-se muitas vezes como elemento principal na negociação do sentido. Ainda, essa produção parece estar mais ligada à resposta ou comentários feitos por seu interlocutor que às suas próprias iniciativas de iniciar um tópico.

O que se tentará mostrar nas próximas seções é que, com o passar dos anos, esta produção alongada de *esaw* é substituída por outros elementos que passam a fazer parte de seu repertório lingüístico, passando *esaw* a ser requisitado em um campo específico de contextos.

3.1 A prosódia e seu papel frente aos processos de significação

Por mais que haja um discurso em torno das funções da prosódia no que concerne à construção de sentido e à estruturação do discurso, os estudos na área de Lingüística raramente se dedicam à descrição deste aspecto como parte constitutiva do funcionamento lingüístico. Uma justificativa para tal comportamento pode estar associada à tardia consideração da Fonética como disciplina da Lingüística e, portanto, à tardia consideração de seus aspectos constitutivos como elementos propriamente lingüísticos. Uma outra justificativa que pode estar vinculada a tal comportamento é a de que não há normas de

transcrição internacionais para a prosódia como há tais normas para a transcrição dentro da fonética segmental (como o alfabeto fonético IPA). É possível destacar também a dificuldade em separar, dentro do campo da prosódia, a forma de sua função. Em geral, o que se tem são estudos que se dedicam a estabelecer essa relação direta entre a forma e a função de uma curva entoacional. Nesse sentido, este trabalho é inovador ao destacar os elementos que constituem a prosódia e dar a eles caráter explicativo junto aos processos de construção do sentido e de funcionamento da linguagem.

Nota-se que é através da conjunção de três fatores (todos os três reconhecidos como atuantes na constituição da prosódia) que se dá o processamento das formas lingüísticas e da distinção de sentido e intenção de CF.

A seguir, se tentará mostrar como se dá este processo de interação entre os três elementos, a saber, a duração, a intensidade e a curva entoacional e como o cruzamento do uso destes três elementos traz a CF a possibilidade de produzir significação.

Cabe, porém, antes de dar início ao trabalho de análise dos dados, destacar o papel da correlação entre sistemas semióticos, isto é, entre a linguagem oral e a gestualidade. Durante o decorrer de todo o processo de transcrição, a gestualidade foi considerada constitutiva do processo de significação. Em muitos momentos, a produção oral vinha acompanhada de gestos que auxiliavam na construção do sentido, o que não é característico somente da fala dita patológica. O “recorrer” à gestualidade é um processo que faz parte da construção de significação por todos os indivíduos. No entanto, em função da delimitação do objeto de estudo desta Dissertação, não será prioritária a análise da composição dos gestos na produção de CF.

Não obstante, é também importante assinalar que o presente trabalho não considera a prosódia constituída de um papel autônomo na produção de significação, da mesma forma que não considera que o léxico tem autonomia sobre a prosódia e que os significados dependem apenas de um ou outro elemento na análise lingüística.

Considera-se aqui que é a inter-relação entre os diferentes níveis lingüísticos e também entre diferentes sistemas semióticos, como é o caso da gestualidade, que permite ao sujeito construir o sentido e é essa inter-relação entre os diferentes níveis lingüísticos que permite o funcionamento da linguagem. Pode haver, no entanto, a sobreposição de um

nível sobre o outro nos casos em que há o déficit ocorrido em função da afasia. Porém, isso não implica dizer que, por haver este tipo de déficit, somente o nível prosódico atua no funcionamento lingüístico, mas sim que ele adquire saliência no sentido de *compensação* da dificuldade adquirida em função de seu quadro afásico.

Neste sentido, este trabalho reclama para a prosódia um papel de relevância no funcionamento lingüístico, tanto em contexto patológico quanto em contexto dito normal, mas não sua supremacia ou autonomia diante dos demais níveis lingüísticos. A prosódia, como será apontado nesta seção, é uma das formas encontradas pelo sujeito de organizar as estruturas que lhe estão acessíveis, mas não a única, como pode ser observado em seção posterior, que trata do papel conferido aos marcadores discursivos no funcionamento lingüístico.

Ainda sobre a prosódia, é importante destacar que não se pretende aqui trabalhar sob uma perspectiva que determine significados específicos para diferentes formatos de curvas entoacionais. A idéia deste trabalho não é criar uma “legenda” que interprete as variações entoacionais empreendidas por CF, como no caso de estudos como o de Liberman e Sag (1974), que chegaram inclusive a definir o que viria a ser, por exemplo, o contorno referente à contradição, ligando a forma de uma determinada curva entoacional diretamente a uma função específica. Tais estudos falham no sentido de desconsiderarem a polissemia presente na produção lingüística, tanto no nível segmental quanto no nível suprasegmental.

Este trabalho, diferentemente dos estudos apontados no parágrafo anterior, pretende destacar a importância da prosódia analisada dentro de um contexto de produção, sem considerá-la de forma isolada e à parte da construção textual.

Tendo em mente os pontos destacados acima, tem início a análise de dados. O primeiro trecho que será apresentado faz parte da sessão ocorrida em outubro de 1992. Neste trecho, os participantes estão comentando sobre as eleições, ocorridas na semana anterior à sessão. LM, afásico, justificou seu voto e CF pergunta a ele o motivo que o levou a justificar. Neste caso, observa-se a inter-relação entre dois elementos constituintes da prosódia, que são a duração e a curva entoacional. Vejamos o trecho:

Trecho 3-92

1. LM: eu voto... lá em Minas
2. CF: →ah:// esaw e→sa::w?
3. **MI**: o título dele é lá em Minas então...
4. CF: →ah:// esaw e→saw ((*afirmativa*))
5. LM: [complicô né?
6. CI: complicô
7. CF: e↓saw
8. **EM**: é perto de Pouso Alegre... num vô nem fazê a pergunta
9. CF: [→ah// esaw e↑saw?

A inter-relação entre estes dois elementos pode ser observada na segunda e na quarta linha do trecho, tendo tal inter-relação o papel de auxiliar na organização prosódica dos enunciados. A escuta do trecho sugere que a primeira seqüência de *ah esaw esaw* é uma pergunta, enquanto a segunda seqüência, mesmo tendo a mesma forma da curva entoacional, é claramente uma afirmativa. O que poderia haver então de diferente entre ambas e que caracterizaria esta distinção?

O que parece haver de diferente entre as duas sentenças, com curvas bastante semelhantes, é que no primeiro caso o encontro vocálico final de *esaw esaw* possui duração maior que no segundo caso, o que conferiria o aspecto de pergunta ao primeiro.

Este caso difere do caso em que há claramente a produção de uma pergunta, como ocorre também nesta seqüência, no último trecho da interação. Neste último caso, a seqüência vocálica produzida é curta, o que não interfere na interpretação da modalidade do enunciado, a considerar que a curva tem tendência final ascendente, o que claramente denota a pergunta.²⁷

Mas não só neste tipo de enunciado a ação conjunta entre a curva entoacional e a duração está presente. Ela também pode ser observada na produção de *é* – enunciado bastante recorrente na produção de CF e empregado de forma bastante produtiva, da mesma

²⁷ Tendo em vista as observações realizadas sobre a duração dos segmentos apontados no decorrer desta análise, foi criado um quadro ilustrativo (que está contemplado no Anexo I, parte integrante desta Dissertação) que apresenta os valores numéricos de tais durações. No Anexo I também estão contemplados os valores da duração dos demais segmentos analisados no interior desta seção.

forma como o *é* em contexto dito normal – diferenciando os casos em que há concordância com a fala do outro dos casos em que há tentativa de planejamento da própria fala. Para mostrar esta diferença, apresento a seguir um dado extraído da sessão de março de 1993. Nesta sessão, são apresentadas aos participantes algumas situações para que eles tentem resolvê-las. O tópico da atividade se desenvolve em torno de como proceder quando é preciso desmarcar um compromisso seja com um parente chato ou com um amigo.

Os participantes estão elaborando formas de desmarcar tal compromisso quando MF pergunta a AF e CF que tipo de justificativa eles dariam. CF faz uso do *é* neste trecho tanto para planejamento da fala quanto para responder afirmativamente ao que foi sugerido pela pesquisadora MF. Vejamos:

Trecho 3-93

1. MF: ...então você disse: “eu não posso ficar”
2. CF: →*é*
3. MF: ...por que que você não pode ficá?
4. AF: aula... aula
5. CF: [→*é*::::// ↑*ai*// *esaw e*→*saw*// *e*↓*saw*//
6. MF: porque eu tenho...
7. AF: aula
8. MF: porque eu...
9. CF: [que eu
10. MF: ...tenho...
11. CF: [tenho
12. MF: ...aula
13. CF: [aula// ↓ *é*::// *e*↓*saw*// ((*afirmando*))

O primeiro *é*, produzido na segunda linha do trecho, é uma afirmação breve, que confirma o já dito por um outro interlocutor. Visto que sua produção não traz consigo um dado novo, ela é bastante curta. Já a produção do segundo *é* (na quinta linha), que representa uma *pausa preenchida*, é bastante alongada em função do planejamento que está sendo realizado. Veja que, nos dois casos, a curva entoacional é representada da mesma

forma e o que irá auxiliar o interlocutor a reconhecer a função exercida por cada um deles é a duração da vogal. O terceiro *é* (na 13ª linha), de duração mediana com relação à duração dos demais, introduz uma afirmação enfática, garantida também pela leve tendência terminal descendente na curva entoacional. Observe que, neste caso, são dois os aspectos que interagem para garantir a compreensão do enunciado: a duração e a curva entoacional. Os valores referentes à duração destes segmentos podem ser visualizados no Anexo I.

Além disso, na última linha, o que temos é o uso do processo de especularidade (que resulta na produção de *aula*); o uso de *é*, que constitui neste caso uma afirmação enfática (sugerida pelo alongamento de vogal e pela tendência terminal descendente da curva entoacional) no sentido de confirmar a resposta dada, e o uso de *esaw*, conclusivo, dando fim ao tópico que estava sendo discutido neste turno. Por ser conclusivo, simples e direto, o *esaw* tem a duração de seu encontro vocálico final bastante curta. Esse mesmo tipo de *esaw*, caracterizado por sua postura conclusiva, pode ser observado na última produção da quinta linha do dado anterior.

Um outro caso que apresenta o enunciado *é* claramente denotando a tentativa de planejamento da fala pode ser observado no trecho a seguir, ocorrido em agosto de 1993. Os participantes do grupo estão comentando algumas notícias ocorridas no Brasil e EM está tentando se lembrar de uma propaganda que tratava da fome. CF reconhece a propaganda e tenta lembrar o que *é* dito nela, juntamente com EM.

Trecho 9-93

1. **EM:** (...) falando assim olha... ai eu não me lembro o... o texto que *é* muito bom mas *é*
2. algo do tipo... ãh: “desculpa entrá assim no seu almoço no seu jantar... desculpa invadí
3. assim né mas a miséria *é* uma coisa muito feia/”
4. **CF:** [feia
5. **EM:** ...“num sei quê tal né?”
6. **CF:** ↓ *é*:::
7. **EM:** como *é* que *é*... a fome...
8. **CF:** [↓ *é*:::
9. **EM:** cê lembra como era CF?
10. **CF:** ↑ ai! //ri//

11. **EM:** a fome não é uma coisa muito bonita de sê vista...
12. **CF:** [→is
13. **EM:** ... e tal né? Então aparentemente é uma propaganda de comida... então pra quem
14. entra mostrando a propaganda...

Na sexta linha podemos observar a tentativa de CF em lembrar-se da propaganda, tentativa que é reconhecida por seu interlocutor, que dá a ela a oportunidade de descrever a propaganda. Reconhecendo a tentativa de planejamento, EM incentiva a produção de CF, que mais uma vez demonstra que está tentando se lembrar da propaganda, sendo sua atitude reconhecida novamente por EM, que lhe pergunta se ela se lembra de como era a propaganda (na linha 9). As duas produções têm suas durações bastante alongadas, o que novamente sugere a utilização de dois recursos na discriminação de diferentes intenções do falante: a duração e a curva entoacional.

A presente subseção discutiu a importância da consideração da prosódia dentro de uma perspectiva enunciativa. A seguir, outros aspectos também considerados importantes terão destaque, o que não implica dizer que a prosódia não será descrita e comentada daqui por diante. Ao contrário, ela permeará a discussão da maioria dos dados, concomitantemente à análise das outras características que se entrecruzam na produção lingüística de CF.

3.2 O recurso a semioses co-ocorrentes: um primeiro passo para a modificação de sua produção

As longas seqüências de *esaw* descritas no início desta seção constituem um aspecto interessante quando relacionadas à produção gestual. Neste caso, a presença de distintas semioses (isto é, a fala, o gesto, a expressão fisionômica) que co-ocorrem de forma solidária e dinâmica tem papel significativo no desenvolvimento de sua produção oral, a considerar que é esta junção de elementos que permitirá a ela construir o sentido. Dessa forma, a construção do sentido através dos gestos leva CF a formar uma espécie de “léxico gestual” que é reconhecido por seus interlocutores.

Tal co-ocorrência pode ser descrita na produção de CF nos trechos que serão apresentados a seguir. É importante assinalar que esta produção faz parte da modificação do uso de processos semióticos acessíveis a ela, portanto, o que temos a seguir é a reorganização destes recursos (e não sua desconsideração na produção de significação), tendo os gestos característicos de sua produção conquistado um lugar destinado a contextos mais específicos e produtivos, constituindo o que poderíamos chamar de verdadeiras “cristalizações gestuais”.

O trecho a seguir é considerado um exemplo da concomitância da ocorrência da fala e do gesto. Neste trecho, retirado de uma sessão em abril de 1991, CF está comentando uma notícia de jornal e tenta mostrar como se deu a morte do sujeito relatado na notícia. É através da gestualidade que CF encontra o caminho para transmitir aquilo que pretende.

Trecho 1-91

1. **MI:** ...do quê... do quê... do que que ele morreu CF?
2. **CF:** →é::// →é::// esaw e ↓ saw// e/ e/ e/ ((*mostra a língua e aponta para a própria boca*))
3. **MI:** engasgô?
4. **CF:** e/ a/ o/ →ô// esaw e ↑saw// →é::// ↑ ai][eu pre ↑ ciso// ↑ ai!
5. **MI:** péra... calma!
6. **CF:** ↓ é// e::→saw// ((*e faz “tossida”*)) esa::w esa::w
7. **MI:** tosse?
8. **CF:** ((*balança negativamente a cabeça*))
9. **MI:** infarto?
10. **CF:** →arto// ((*balança positivamente a cabeça*)) ↓ é
11. **MI:** infarto

O que vemos aqui é que os gestos desempenham papel fundamental na narração da forma como se deu a morte do sujeito relatado. Esses gestos fazem parte do processo de construção de sentido por CF e, em alguns momentos, são “introduzidos” pelo uso de *esaw* (como na linha 6), com o intuito de chamar a atenção de seus interlocutores para a importância do gesto que será produzido a seguir.

O uso de *esaw esaw* se constitui no final da linha 6 como comentário do que foi gestualizado. No entanto, seu gesto não é inicialmente compreendido, tendo em vista que o mesmo indica, de forma mais “imediate”, uma “tossida”. Sendo assim, a narrativa passa por uma espécie de *derivação* do significado do gesto empregado. Ao ser mal interpretada, CF balança a cabeça negativamente, o que faz com que MI derive novo sentido do gesto produzido por ela, como se vê na linha 10. Dessa vez, o significado é identificado e a narração deste pequeno episódio tem fim na afirmação de MI, na linha 11.

Além disso, o que se confirma com base na análise do dado anterior é que ela não se vale simplesmente ora do recurso gestual ora do recurso lingüístico. Estes recursos ocorrem de forma integrada no ato da enunciação. Neste caso, o que temos é que, além de utilizar o gesto para relatar a notícia, CF se apropria da fala de seu interlocutor para afirmar aquilo que é sugerido por eles. Este recurso pode ser observado na linha 10, em que ela se vale da palavra produzida por MI (“infarto”) para reproduzir sua resposta ao que está sendo sugerido a ela.²⁸

O próximo trecho é também marcante no que concerne à produção gestual de CF. Nessa sessão, os participantes estão falando das eleições que ocorrerão em Campinas. EM pergunta a todos em quem pretendem votar.

Trecho 1-96

1. MI: ela vota aonde? Aqui?
2. CF: pi/ peracaba ((*aponta uma direção e ri ao ter tido a iniciativa de dizer a palavra*))
3. MI: você vota aqui? Aqui?
4. CF: →ah// ↓ não ((*e aponta novamente para a mesma direção indicada anteriormente*))
5. RN: não... EU voto aqui... ela...
6. ((*corte na fita. Na retomada, a câmera está de frente para CF*))
7. CF: e// ↑ ó// →é::// esaw ((*e produz gesto que indica cabelo comprido*)) ↑ ó// →é:://
8. ((*aponta para MI*))
9. MI: cabelo comprido?
10. CF: pri::do// ↓ é// e→saw// →é::// ↑ ó ((*apontando para JT*)) esaw e→saw//
11. MI: ah::!!

²⁸ Na seção que trata dos processos dialógicos, a questão que remete à apropriação de trechos produzidos por seu interlocutor assim como à apropriação de características prosódicas presentes na fala do outro será mais detalhadamente trazida.

12. CF: e ↓ saw ((*acena positivamente a cabeça*))
13. MI: o Jacó?
14. CF: ↓é::// ↓ não// →é::// ai// →é// →é// ((*bate a mão na perna*)) →é::// ↑ ai][eu preci/
15. MI: daqui de Campinas?
16. CF: →a::i// e ↓ saw ((*acenando positivamente a cabeça*))
17. MI: a Célia Leão?
18. CF: ↓ não
19. MI: não?
20. CF: não// →é::// →não// ((*aponta mais uma vez para JT*)) →ah// ↓ não ((*dá batidinhas*
21. *com a mão no peito*)) e ↓ saw
22. MI: em Piracicaba?
23. CF: →é ((*acena positivamente a cabeça*))
24. MI: ah::
25. RN: lá tem uma candidata...
26. CF: ((*aponta para RN, que é de Piracicaba, e acena positivamente a cabeça*))
27. MI: ...do cabelo comprido
28. RN: cer::to... que é mulher de um amigo meu
29. CF: →é
30. RN: ()
31. MI: é essa?
32. CF: ↓ é ((*acena positivamente a cabeça*))

Aqui a produção conjunta de fala e gesto é bastante evidente e rica, sendo o sentido construído por CF e seus interlocutores tanto no decorrer de sua produção quanto no final dela. Na linha 4, CF mostra que não vota em Campinas, apontando o dedo para uma direção. A direção apontada é a mesma realizada em sua fala anterior, sendo que tal produção faz referência à Piracicaba, produzida por CF como *peracaba* em conjunto com o gesto que indica a direção. Este gesto é interpretado por RN, que explicita ser ela a votante de Campinas, indicando ser CF a votante de Piracicaba.

Na retomada da fita, os participantes estão falando os candidatos nos quais votarão nas eleições. CF está tentando dizer em quem irá votar e é bastante expressiva e significativa sua produção gestual, como pode ser notado já na linha sete, ao declarar (através do gesto que indica o cabelo comprido) que é numa mulher em quem irá votar. Para reforçar este significado, aponta para a pesquisadora MI, mulher.

No entanto, ao apontar para o pesquisador JT, homem, CF acaba por confundir seus interlocutores, o que resulta na pergunta de MI “*é o Jacó?*”, um candidato a prefeito em Campinas. Todavia, JT possui cabelo comprido, o que sugere que na verdade ao apontar para o mesmo ela pretendia destacar a característica *cabelo comprido*. Na seqüência, ao perceber a falta de compreensão de seus enunciados por seus interlocutores, CF bate a mão na perna, indicando ansiedade por não conseguir falar, o que é reforçado pelo início da produção *ai eu precil*, interrompida por MI.

O tópico é retomado e CF, já na linha 20, aponta mais uma vez para JT. Percebendo que seu gesto não está sendo bem interpretado por seus interlocutores, ela produz um novo gesto, batendo a mão no peito. Este gesto sugere a MI que ela está se referindo a Piracicaba, a considerar que ela havia respondido anteriormente que era de Campinas e negou na seqüência. Ela responde positivamente através da produção de *é*, seguido de um gesto afirmativo com a cabeça.

Neste momento, a pesquisadora RN – que também é de Piracicaba – se lembra de uma candidata desta cidade que é esposa de seu amigo, o que é imediatamente reconhecido por CF como o significado desejado, apontando para RN e acenando positivamente a cabeça. A partir daí, seus gestos são “retomados” por MI e RN, nas linhas 27 e 28. A confirmação é dada nas linhas 29 e 32, ao ser perguntada se é essa a candidata a que fazia referência. A resposta é dada tanto gestualmente (com o aceno da cabeça) quanto verbalmente (através da produção de *é*).

Há ainda um ponto interessante a destacar com referência à ocorrência concomitante entre a produção gestual e a produção verbal. Da mesma forma como foi apontado no trecho discutido anteriormente, CF mais uma vez “introduz” sua produção gestual se valendo de *esaw* (o que parece garantir ao *esaw* uma função *indicativa*, preparatória do que virá a ser produzido gestualmente). Essa observação já sugere uma das funções linguístico-cognitivas exercidas pelo *esaw* e que será consolidada com o passar dos anos.

Os trechos apresentados anteriormente tiveram o intuito de mostrar como a utilização de gestos é produtiva (e importante) na produção de CF. No entanto, a produção gestual não é discutida e tampouco apontada pelos estudos tradicionais que tratam do automatismo. Nota-se, porém, que o uso dos gestos não é apagado por CF (tampouco tem função “coadjuvante”) no decorrer de sua “jornada”; ao invés disso, eles passam a ter significações específicas que são reconhecidas por seus interlocutores. Exemplo disso é o caso em que CF estende o braço para cima e desenha uma linha no céu com o auxílio de seu dedo indicador com o intuito de introduzir um tópico referente à viagem. Ou ainda o gesto (mandar um beijo) que indica agradecimento a algo que foi dito por seu interlocutor, em geral acompanhado de um comentário introduzido por *esaw esaw*.

Tais gestos fazem parte dos gestos que adquiriram determinado sentido nas interações de CF, podendo ser considerados uma espécie de “cristalização gestual”. Da mesma forma que algumas expressões utilizadas por CF foram se estruturando como marca discursiva de sua produção, assim também ocorreu para alguns elementos gestuais. Este fato só pôde se dar em função de uma participação ativa nas interações e a partir de um processo contínuo de construção conjunta do sentido em sua fala e em seus gestos.

Além dos gestos descritos anteriormente, há ainda alguns que são característicos de alguns períodos de suas atividades no CCA, isto é, eles estão fortemente arraigados à sua história de vida. Dentre estes gestos, podemos citar o que ganhou força no período em que ela praticava natação em sua cidade. Quando então tinha interesse a se remeter a este tema ou ainda comentar algo referente ao esporte, CF levantava o braço direito fazendo um movimento para trás e dizendo concomitantemente a essa produção gestual o vocábulo *dadá*.

A descrição da produção gestual de CF parece importante no sentido de mostrar, mais uma vez, que estes elementos que constituem seu repertório não são suprimidos tampouco fazem com que a produção do automatismo deixe de existir.

3.3 A utilização do vocativo como forma reconhecida por seus interlocutores: mais um passo para a modificação de sua produção

Um outro aspecto que pode ser visto como aprimoramento da competência pragmática a partir de um movimento de mudança em sua produção linguística pode ser observado quando CF passa a fazer uso de um vocativo específico para chamar a atenção dos interlocutores para o que tem a dizer e, portanto, iniciar um turno de fala. Antes de fazer uso dessa estratégia, CF dava início aos turnos (ao tentar introduzir um novo tópico) se valendo de *ó*, muitas vezes acompanhado de *esaw*. A partir de 1993, no entanto, ela passa a utilizar *mê*, que pode ainda variar para *iê*, ao querer destacar um tópico ou comentar um aspecto já destacado através da nomeação de seu interlocutor.

Sendo assim, *mê* passa a ser reconhecido por seus interlocutores como o vocativo e *ó* será utilizado para indicar ou mesmo apontar um objeto (ou pessoa) ao qual ela se refere em seu discurso, acompanhando inclusive a produção de *mê*.

A seguir, são apresentados dois trechos que trazem essa alteração em seu repertório linguístico. O primeiro destes trechos mostra os participantes do grupo discutindo as últimas notícias sobre o Brasil. EM está comentando uma notícia e CF produz *mê*, em uma tentativa de assaltar o seu turno. No entanto, CF não mantém o turno e EM dá continuidade à sua fala (como pode ser observado na linha 4). CF tenta assaltar o turno outras duas vezes, inserindo inclusive um comentário à fala de EM na linha 7. Na linha 9 ela comenta novamente o tema da conversa, valendo-se tanto de enunciados que compõem seu vocabulário quanto de um enunciado trazido da fala de seu interlocutor.

Trecho 9-93

1. **EM:** (...) mas têm coisas hoje alguns dispositivos assim da sociedade que não tinha
2. antes... por exemplo... essa campanha contra a fome...
3. **CF:** →ó][↑*mê*...
4. **EM:** ...nunca teve...
5. **CF:** →ah][→*mê*][→ó...
6. **EM:** ...agora...
7. **CF:** [...e→saw][olha ↑ hein?
8. **EM:** ... é muito pouco mas...
9. **CF:** →PÔco// ↑ ó// ↑ ó// esaw e→saw][↑ ó// ↑ ó

Não só o uso de *mê* merece destaque na análise deste trecho como também a utilização da expressão *ó mê* para iniciar seu turno, argumentando em favor da campanha contra a fome, postura reforçada pelo comentário *esaw olha hein?*, chamando a atenção do interlocutor para a importância dessa iniciativa. Esta produção já é característica do movimento ocorrido na produção linguística de CF, alterando seu papel no discurso (de ouvinte e “comentarista” especular da fala do outro a produtor de seus próprios comentários a partir do uso de expressões que lhe estão acessíveis).

O segundo trecho escolhido para mostrar o uso do vocativo faz parte da sessão de outubro de 2001. É aniversário de um dos participantes do grupo, MI, e todos estão comendo bolo, quando CF inicia um tópico.

Trecho 11-01

1. CF: →mê// é/
2. AP: muito bem
3. CF: →é::
4. AP: num qué bolo?
5. CF: bolo// ↑ ó][→ mê// esaw e→saw// ((*segurando no ombro de MI*)) //“Parabéns pra
6. você”// ((*cantando*)) →o::lha!
7. MI: ((*acena positivamente a cabeça, afirmando que é seu aniversário. Em seguida, fala*
8. *cantando*)) eu não gosto de aniversário
9. CF: ((*ri*)) →ah][esa e ↑ saw?
10. MI: ah eu detesto aniversário...
11. CF: →ah:: ((*lamentando*))

Neste trecho, CF não só faz uso de *mê* como dá início ao turno através de seu uso. E mesmo o assalto consecutivo de seu turno por IAP não faz com que ela desista de tomá-lo, o que finalmente ocorre na quinta linha do trecho, quando mais uma vez ela se vale de *mê* para chamar seu interlocutor e dar início a um tópico, o aniversário de MI. Um outro aspecto interessante levantado pelo dado é a produção de *parabéns a você* para remeter ao

aniversário de MI. Neste caso, seu uso não sugere que os demais participantes comecem a cantar a música mas sim indica que é o aniversário de um participante do grupo.

A escolha dos dados apresentados anteriormente não foi em vão: observe que eles são característicos de períodos bastante distintos da produção de CF. O primeiro data ainda de 1993, quando *mê* começa a ser utilizado. Já o segundo é característico da produção mais recente de CF, período em que sua fala está preenchida por outros elementos além do *esaw*. Esta seleção se deu com o intuito de mostrar que *mê* de fato se consolidou no repertório lingüístico de CF, tendo uso bastante produtivo.

3.4 Interjeições e locuções interjectivas

Uai! é o que se diz, se o tempo vai
ou fica preso em nós, e lastimável.
Uai! para a manhã, o outono, o espasmo,
para os muros da infância e o amor sumido.
Dizer uai! uai! agora, e nunca
dizer senão uai! aos que fugiram,
tempos do mesmo uai! desirmanados.
(César, Guilhermino. Sistema do imperfeito &
outros poemas, 17)

Ao nos dirigirmos a um dicionário de Lingüística em busca de uma definição para o termo *interjeição*, deparamo-nos com o que se segue:

“Chama-se *interjeição* uma palavra invariável, isolada, que forma uma frase por si mesma, sem relação com as outras orações e que exprime uma reação afetiva viva: onomatopéias (*ah, oh*, etc), substantivos (*céus, Deus, diacho*), advérbios (*bem*, etc), locuções (*ora bolas!, valha-me Deus!*, etc)” (Dubois et al, 1997: 349)

O que pode ser retirado desta breve definição é que a interjeição parece ser uma forma lingüística bastante rica no que concerne aos aspectos interacionais, podendo, portanto, exercer papel fundamental na construção do sentido por parte dos interlocutores.

Tendo em vista que há uma série variada de trechos que ilustram a utilização de algumas expressões da forma como apontado anteriormente, foi feito uso desta categoria para agrupar estes elementos bastante produtivos do repertório lingüístico de CF. A importância na descrição das interjeições para a presente Dissertação reside no fato de que o seu uso produtivo também aponta para a mudança no uso do automatismo.

O primeiro trecho que será apresentado a seguir, bastante interessante não só para apontar a utilização de algumas interjeições como também a utilização de diversos elementos para a construção do sentido, deu-se em agosto de 1993. O grupo está participando de uma atividade que foi intitulada “pintura surpresa”: as pessoas colocam tinta em uma parte do papel, dobram-no ao meio e em seguida, tentam descobrir com o que se parece a figura formada. Neste momento, CF tenta dizer com quê o desenho se assemelha. Vejamos:

Trecho 5-93²⁹

1. MF: e aí? Que cê acha que é isso aí?
2. PX: ()
3. CF: ((ri)) u:: ((com voz grossa)) →ah][esaw e→saw// e→saw// →é:
5. MF: ma...
6. CF: maca→cá// →ãh// ↓ não// →é// e→saw// →u:: ((imitando o que seria o desenho))
7. MF: dinossauro?
8. CF: →não
9. MF: gorila?
10. CF: →ih::// →não// →é::][e→saw][↑ ó // ((indicativa)) esaw e→saw
11. MF: gado?
12. CF: →ada// →não// →ai][e ↓ saw ((muda o tom de voz, parece desanimar))
13. MF: não... vamo lá... vamo lá CF!
14. CF: ↑ ó// ↑ ó// e→saw// ((indicativa)) →ó// e→saw// ↑ ó][→ó// u:: ((imitando o que
15. seria o desenho)) →é][e→saw][↑ ó// ↑ esa][↑ ó
16. MF: tá carregando alguém?

²⁹ Não foi possível inserir a transcrição dos gestos – também de fundamental importância na construção do sentido neste trecho – em função de estar disponível somente a fita cassete.

17. CF: →é// e→saw][↑ ó// ((*indicativa*)) ai eu// puta pariu// ↑ ó// e→saw ((*indicativa*))
18. ((*o grupo ri do xingamento de CF*))
19. MF: tirando o palavrão CF... que que é? ((*ri*))
20. CF: ↑ ó][e→saw// →ó// e→saw][→ó// esaw e→saw][↑ ó// esaw e→saw ((*indicativa*))
21. MF: braço?
22. CF: aç// esaw e→saw// esaw e→saw
23. MF: essa parte de cima é o quê?
24. CF: →é// →é::][e→saw ((*respondendo à pergunta de MF*))
25. MF: cabeça?
26. CF: →beça
27. PX: i::sso!
28. CF: →ah][esaw e ↑ saw// e→saw
29. MF: halterofilista?
30. CF: →é// →é// ↑ é// ↑ ah][↑ saco!

Este trecho é bastante interessante para ilustrar o papel das locuções “*ai eu preciso falar*” e “*puta pariu*” presentes na produção de CF. Em primeiro lugar, é importante destacar que estamos no ano de 1993, momento em que CF nem sempre se vale destas locuções. Sendo assim, *esaw* é um elemento bastante presente e utilizado diversas vezes com função indicativa – possivelmente de um gesto produzido em conjunto com sua fala – o que já demonstra certo “afunilamento” de suas funções dentro dos enunciados.

As locuções presentes neste trecho são parte de seu repertório desde sua chegada no CCA. A primeira delas, *ai eu* (parte de *ai eu preciso falar*), vista na linha 17, surge quando CF se aborrece (pela segunda vez) ao perceber que não está conseguindo descrever aquilo que pensa ser a figura desenhada no papel. Até este momento, o uso de *u::*, recurso segmental e também prosódico empregado na tentativa de caracterizar o que seria o desenho, ainda não foi compreendido por seus interlocutores, mesmo tendo feito uso de gestos para indicá-lo. Na linha 12, a mudança na qualidade vocálica e na altura da curva entoacional sugere o início de seu aborrecimento, ao parecer que ela não conseguirá dizer

aquilo que está pensando (e parece indicar desistência do tópico), porém, é incentivada por MF, o que faz com que CF dê continuidade ao seu trabalho de construção do sentido.

Ainda na linha 17, logo após o uso de *ai eu*, CF faz uso de *puta pariu*, também bastante característica de sua produção nos momentos em que se vê com dificuldades para expressar o que está pensando e reclama desta situação. A imprecação causa risos no grupo, o que faz com que MF comente esta produção e na seqüência estimule CF a continuar o tópico.

Na linha seguinte, número 20, CF indica o que seria o desenho através de gestos (que não podem ser descritos neste caso em função de não haver a fita de vídeo contendo este trecho). Neste trecho, *esaw ó* preenche esta função indicativa, chamando a atenção de seus interlocutores para os gestos que reproduz.

Na linha 21, MF parece ter uma “pista” do que CF está tentando dizer, o que é confirmado pela repetição de *aço* e afirmação através de *esaw esaw* de CF na linha 22. Parte do que seria a figura parece ter sido identificada. O próximo passo, sugerido por MF, é saber o que é a outra parte do desenho. CF responde (possivelmente com gestos que apontam a cabeça). Depois de todo este movimento, MF sugere que o desenho seria o de um halterofilista. No entanto, não é possível saber com clareza se essa era realmente a intenção de CF porque sua resposta é ambígua, tendo em vista que não somente se vale de *é* (que indicaria a confirmação da resposta), mas também de *ah! Saco!*, que poderia indicar reclamação diante do alongamento do tópico, mostrando certa resistência à continuidade do mesmo. Dessa forma, o alvo pode não ter sido atingido e “halterofilista” pode significar então somente a proximidade do sentido inicialmente proposto (e não descoberto) por CF.

É importante observar que, após a tentativa de utilização de recursos segmentais e prosódicos para caracterizar o desenho – o que não foi compreendido por seus interlocutores – CF abandona o uso destes recursos (não mais produzindo *u:::*) e passa a utilizar gestos. As locuções interjectivas produzidas na linha 17 demonstram o desapontamento de CF por não conseguir mostrar aos interlocutores sua idéia. Como sugerido no parágrafo anterior, *ah! Saco!* pode sugerir uma reclamação de CF frente à demora no alcance da interpretação. Porém, por não dispormos do vídeo deste encontro, não é possível estabelecer uma interpretação direta do enunciado final de CF (o que altera a interpretação de todo o dado), tendo em vista que ele poderia inicialmente indicar tanto a

confirmação frente à sugestão de MF quanto a reclamação de CF frente à dificuldade de compreensão de sua produção e conseqüente desistência de uma interpretação precisa, estando *halterofilista* apenas próximo do que era a idéia de CF sobre o desenho.

No trecho a seguir, CF tenta trazer como tópico o problema de saúde que acometeu o pai de RN. Depois de algumas investidas sem sucesso, RN compreende que se trata de um assunto sobre o qual elas falaram durante a viagem de Piracicaba até Campinas. Por não conseguir dizer de pronto aquilo que pretende, CF *reclama* dizendo *eu preciso falá*. Esta reclamação é complementada por *saco*, proferido no turno seguinte, depois de o grupo achar graça da forma como produziu *ai eu preciso falá* (gesticulando muito e alterando a qualidade vocálica da produção deste trecho). Vejamos:

Trecho 2-96

1. CF: →é::: // →é::: ((*gesticulando com os dedos, apontando para frente e volta para si, repetidamente enquanto fala*))
2. **MI**: cê vai voltá?
3. CF: ↓ não
4. **MI**: não tô entendendo o que cê tá falando
5. CF: →ó ((*se levanta, caminha até RN e diz*)) →não // →é // e→sa::w // →ó //faz gesto com a mão, em frente à RN))
6. **MI**: ah! O carro! O carro especial?
7. CF: →não // e→saw // ↑ ó ((*coloca a mão na cabeça, continua em pé*)) e→sa:: // →é::
8. **RN**: de quem cê tá falando?
9. CF: →é // e ↓ saw ((*e coloca a mão em RN*))
10. **MI**: de você
11. **RN**: de mim?
12. CF: →é // →ó // ((*começa a se virar e volta*)) ↑ Ah! // Esa // →ó // esa e→saw // ↑ ó //
13. ((*apontando para RN e seu SP*)) e→saw
14. **RN**: sobre o carro?
15. CF: ↓ não // e→saw // ((*e aponta para uma direção a sua esquerda*)) →é:: // →ah! ((*desânimo*))

16. RN: alguma coisa que a gente falou na viagem?
17. CF: ↑ é!// esa e→saw// →ó][eu preciso fa→lá! ((*indicando com o dedo a boca e olhando para MI*))
18. ((*o grupo ri*))
19. CF: ↑ saco!

No início do trecho ela indica que está se “preparando” para dizer algo através de *é::*. Os gestos acompanham sua produção oral, em uma tentativa de mostrar o que pretende dizer a partir do uso dessas semioses co-ocorrentes: a fala e o gesto. Depois de uma série de tentativas de se fazer compreender através do gesto e da fala (que não se constitui apenas do uso do automatismo, mas também de outros elementos que dão apoio à interpretação de sua fala, como o uso de *não* por exemplo), ela dá indícios de desânimo na produção de *ah!* (linha 15). Porém, na linha 16, RN encontra o ponto de referência que CF tentava explicitar, o que faz com que CF confirme o que foi dito por RN, complementando sua fala através da locução *ai eu preciso falou* (acompanhada também de gestos), que indica mais uma vez seu aborrecimento por não conseguir falar. Essa fala é complementada por uma reclamação de mesmo teor, produzida na linha 19.

Parece claro, então, se tomamos como base os exemplos ilustrados anteriormente que essas locuções também têm papel relevante na estruturação do discurso produzido por CF e na sua interpretação por seus interlocutores.

A observação do uso destas locuções por CF nos permite considerar que estes elementos – associados a outros que serão apontados a seguir – ganharam um caráter formulaico em sua produção. Isto é, pelo uso eles passaram a ter suas funções claramente reconhecidas por seus interlocutores e seu significado passou a fazer parte de um campo enunciativo e metafórico também reconhecido por seus interlocutores. Um exemplo bastante claro deste tipo de uso pode ser visto no trecho a seguir.

CF faz uso de algumas palavras que ganharam força no decorrer de sua produção e que atuam dentro de um campo enunciativo que é identificado por seus interlocutores, o que é sugerido pelos comentários de MI. O trecho faz parte da sessão de março de 1998, quando da chegada de uma nova integrante ao grupo, DA. Para conhecer um pouco sobre a vida de DA, os participantes estão fazendo algumas perguntas a ela. Vejamos:

Trecho 2-98

1. EM: ô CF... cinco
2. CF: ah// esaw// ah// ↑ olha! ((*manda um beijinho*)) E ↓ saw ((*tom afirmativo*)) ↑ ê//
3. →ah::! ((*vibrando*)) me→nino// peque ↓ ninho// ((*indicando com os braços qual seria o tamanho dos filhos*))
4. tamanho dos filhos))
5. SP: grande grande
6. CF: ande// ó ↑ senhor!
7. ((*pequeno trecho não visível na câmera*))
8. CF: ah// esaw e ↓ saw// ((*afirmativo*)) ↑ ah!// →é// me→nino// →é::// →nino
9. MI: ela qué sabê/
10. CF:→ é
11. MI: quantos homens... quantas mu...
11. CF: mu→lher

DA acaba de dizer que tem cinco filhos, o que deixa CF interessada em saber mais sobre o assunto. Na linha 2, ela indica ter gostado de saber que DA tem cinco filhos, o que fica claro através do gesto em que manda um beijo para DA e da vibração ê... ah::!.

Na seqüência do dado, CF introduz uma pergunta através de outros dois elementos que também se estabeleceram como uma espécie de “expressões cristalizadas” na produção de CF: a palavra *menino* e a palavra *pequeninho*. A função destes elementos na interação é reconhecida por SP, que responde *grande grande* (na linha 5). A fala seguinte de CF, em resposta a de SP, é um comentário ao que foi dito por SP. CF está abismada em saber que DA já tem filhos grandes e o tom exclamativo de sua produção, na linha 6, acompanhado do uso da locução interjectiva *ó senhor*, bastante reconhecida como elemento exclamativo de sua produção, caracteriza esta reação de CF.

Quando na linha 8 CF emprega mais uma vez a palavra *menino*, MI explicita a DA (recém-chegada ao grupo e, portanto, não fazendo parte ainda da comunidade lingüística que reconhece o uso dessas formas “cristalizadas”) o que significa o uso de *menino* na fala de CF. *Menino* pode ser utilizado tanto para indicar que se trata de uma criança quanto para questionar sobre o sexo da criança. *Pequeninho* é também bastante utilizado em sua fala

para indicar que está tratando de crianças ou bebês. Na linha 8, ao dar ênfase em *menino*, indica querer saber se são homens ou mulheres ou só homens, sentido que é confirmado por ela depois da interpretação de sua fala por MI (nas linhas 9 e 11).

A recorrência a palavras que pertencem ao mesmo campo semântico, como visto acima, é também utilizada como recurso quando CF tem intenção de fazer referência ao tempo, como é o caso da expressão *cinco anos*. Seu uso não indica necessariamente que se trata de cinco anos, mas de alguns anos vividos. Vejamos o dado abaixo, que apresenta a utilização deste enunciado por CF e sua interpretação por seus interlocutores. É importante apresentar este dado para mostrar que a interpretação do sentido nem sempre se dá da forma prevista entre os interlocutores. Neste caso, o grupo parece ter entendido o uso de *seis anos* por CF de forma literal, isto é, referente a seis anos exatos. Como tal comentário não se encaixava no tópico que discutiam, MI sugere que a ocorrência de seu AVC se deu há mais tempo, o que é confirmado por CF na linha 11. E ao dar continuidade a sua fala, demonstra mais uma vez que está fazendo referência a um período longo de tempo na linha 13. O *tempo* está indicado aqui de forma indeterminada.

Trecho 3-98

1. **MI**: quanto tempo faz que aconteceu com ela?
2. **DA**: é... é... é...
3. **CF**: é! um dois seis anos!
4. **DA**: ah...
5. ((o grupo comenta))
6. **CF**: ó
7. Grupo: seis anos
8. **CF**: esaw ((tom afirmativo))
9. **MI**: um pouco mais
10. **RN**: mais né CF?
11. **CF**: [é... é... esaw
12. **RN**: mais
13. **CF**: ó... um dois... ó
14. **EM**: uns nove anos?

15. CF: anos... ó... um dois... uh::! Senhor! ((*indicando que é muito tempo*)) Senhor! Ô::
16. senhor!
17. **MI**: bastante tempo (...)

3.5 O papel dos processos dialógicos na alteração da produção

Este movimento reconhecido na alteração da função do automatismo e de uma mudança de posição frente à sua utilização no discurso ou, ainda, o fato de CF passar a iniciar um tópico discursivo são modificações marcantes em sua atitude lingüística. Essas modificações podem estar atreladas também à sua recorrência aos processos dialógicos, a saber, a especularidade, a complementaridade e a reciprocidade, com o intuito de estruturar sua fala³⁰ e atuar de forma mais eficaz como interlocutora.

Tais recursos são reconhecidos como de fundamental importância no processo de aquisição da linguagem pela criança e seriam “adquiridos” de forma processual: primeiramente a criança se vale da especularidade, apoiando-se fortemente nos enunciados da mãe; um segundo estágio caracterizaria a complementação e expansão da produção da mãe; e no último estágio a criança produziria “sozinha” seu próprio enunciado, tendo atingido “independência” com relação à produção da mãe. No entanto, esse percurso não implica que os processos utilizados nos primeiros estágios são abandonados pela criança em sua “evolução”. O que ocorre é que através da utilização destes processos no decorrer de sua produção, ela alcança a independência enunciativa em relação ao discurso do outro, podendo construir seus próprios enunciados.

De forma semelhante à prevista na aquisição da linguagem, aqui também se observa uma crescente utilização dos processos dialógicos por CF, ancorada fortemente na presença e no papel do seu interlocutor. Nos primeiros anos de convivência no CCA, ela se vale mais constantemente da especularidade, apoiando-se na fala do outro para dar sentido e encadeamento à sua produção. Tendo sido “eficaz” o uso deste recurso em sua produção

³⁰ Em De Lemos (1982), a autora aponta três processos que seriam característicos do desenvolvimento da linguagem na criança: o processo de especularidade, momento em que a criança incorpora parte ou todo o enunciado do adulto; o processo de complementaridade inter-turnos, momento em que “a resposta da criança preenche um lugar “semântico”, “sintático” e “pragmático” instaurado pelo enunciado imediatamente precedente do adulto” (*op. cit.* 114) e o processo de complementaridade intra-turnos “em que o enunciado da criança resulta da incorporação de parte do enunciado adulto imediatamente precedente (...) e de sua combinação com um vocábulo complementar (...)” (*op.cit.* 114).

lingüística, em uma segunda etapa ela faz uso também da complementaridade, não somente se apoiando na fala do outro como também acrescentando seu próprio comentário à mesma fala; e por fim, é capaz de dar início a um novo tópico e tomar o turno de seu interlocutor.

Este movimento realizado por CF demonstra a importância das práticas lingüísticas significativas, dialógicas, para a alteração do quadro afásico do sujeito, no sentido de encontrar novas formas de expressão a partir daquilo que lhe restou e não em comparação a uma linguagem ideal e objetiva, que não permite falhas ou percalços no caminho que leva à compreensão e à produção do discurso.

O primeiro trecho a ser destacado a seguir trata da sessão em que CF trouxe um recorte de jornal que fala da recuperação de Christopher Reeve, ator britânico que havia sofrido um grave acidente que o deixara tetraplégico. Vejamos:

Trecho 1-95

1. EM: e continua internado?
2. CF: →nado
3. EM: con... ((*sugerindo que CF dê continuidade ao que começou a dizer*))
4. CF: con...ti...nu...a
5. EM: muito bem!
6. CF: →ô:// e→saw// ↑ ó// esaw e→saw ((*indica a nuca, para mostrar onde se localiza o*
7. *problema do ator*))
8. EM: mas tá melhorando?
9. CF: →rando ((*r vibrante*))
10. MI: tá melhorando?
11. CF: →ô// →ô!

As linhas 2 e 9 são exemplos claros da especularidade na constituição da interação por parte de CF. Nestes casos, ela se apóia na fala de seu interlocutor, se valendo do léxico ali produzido para responder aquilo que foi perguntado por EM. Observe que a especularidade não necessariamente se constitui a partir da reprodução de todo o enunciado dito por seu interlocutor. O que vemos nestes casos é a tomada da fala do outro a partir do *acento frasal*, o que sugere que CF se vale desta característica prosódica do enunciado para

dar início à sua produção. Somente quando EM incita que CF dê início a sua fala através de “continua” (na linha 15) é que ela retoma a partir deste trecho do enunciado. Esta característica pode nos levar a uma ponte entre os processos presentes na afasia e na aquisição da linguagem, tendo em vista que é com base nas proeminências da fala do outro que se dá a atenção e compreensão dessa fala pelo sujeito (afásico ou infante).

Outro aspecto relevante a apontar é que CF não se vale unicamente do processo de especularidade para dar continuidade ao turno. Ela também utiliza outros vocábulos, como o que ocorre na linha 11, para reafirmar o que já havia dito através do processo da especularidade.

Já o exemplo a seguir é característico do processo de complementaridade na constituição de seu enunciado. O que temos é um processo de construção conjunta (e dinâmica) do texto, sendo que seu interlocutor é quem dá início a tal processo, que tem seqüência na fala de CF. A fala do outro funciona como auxílio para dar início à sua produção. Vejamos:

Trecho 2-98

1. **MI:** ela qué sabê/
2. **CF:** →é
3. **MI:** quantos homens... quantas mu...
4. **CF:** mu→lher

Este trabalho conjunto de CF e seu interlocutor também pode ser observado nas linhas 3 e 4 do trecho 1-95, visto anteriormente, no qual EM inicia a fala e a continuidade é dada na fala de CF.

No trecho a seguir, CF se vale da fala do outro para produzir sua fala, no entanto, este elemento que ela “empresta” da fala de seu interlocutor é embuído de uma característica prosódica peculiar, o aumento na intensidade, caracterizando a ênfase no trecho (nas linhas 2 e 6). Este recurso faz com que CF ressignifique aquilo que foi dito por seu interlocutor, o que confere a ela a possibilidade de explicitar lingüisticamente traços argumentativos de sua opinião sobre o tema. Além disso, essa produção é complementada por comentários constituídos de *esaw*. Vejamos:

Trecho 8-93

1. EM: cê tá falando o quê? Das crianças que não tem o que comê
2. CF: co ↑ MÊ!// ↑ ô// ((*chamando a atenção do interlocutor para o assunto*)) esaw
e ↑ sa::w// esaw e ↑ esa::w ((*batendo palmas e dando ênfase ao seu ponto de vista*))
3. EM: ãhã
4. CF: ↓ pô
5. EM: depois vai crescendo
6. CF: [→CENdo// e→saw!³¹// esaw e→saw ((*confirmando o que foi dito por EM*))

Já o trecho disposto a seguir indica o momento em que CF é capaz de predicar sem levar em conta necessariamente partes do enunciado do outro. Neste trecho, ela mesma evoca o enunciado:

Trecho 2-99

1. CF: ↑ olha// esa e→saw][↑ hein?// olha ↑ hein?// ↑ olha// ↑ ê// ↑ olha! ((*falando com CFL*)) ↑ Olha!
2. MI: a letra?
3. CF: ↑ Letra!
4. MI: bonita né?
5. CF: ↑ o::lha!
6. MI: e o que ele tá escrevendo aqui CF?
7. CF: ↑ ó// →é::
8. MI: ele tá marcando o quê?
9. CF: →é::
10. CFL: os presentes
11. CF: SÁrio
12. MI: tá marcando os presentes ou o aniversário?

³¹ Neste trecho, ao iniciar a produção do primeiro *esaw*, a ênfase é dada pelo aumento da frequência em que é produzido o *esaw*. O nível está bastante acima quando comparado ao nível de frequência na produção de *CENdo*.

13. CF: [é::
14. CFL: presentes
15. CF: ↑ ente// ↑ hum!
16. **MI**: tá marcando os presentes... fazendo a lista de chamada

Como já apontado no início desta seção, o uso da especularidade, da complementaridade e da reciprocidade permite a CF se valer de outros elementos que não a produção do automatismo para produzir sentido. Isso faz com que CF relegue ao automatismo presente em sua fala papéis mais específicos, em termos de um estatuto lingüístico-enunciativo, que os previstos em sua chegada ao CCA.

Em sua chegada, poucos eram os elementos que compunham sua produção quando comparamos estes elementos aos que ela passa a incorporar com o passar dos anos. A partir de um trabalho enunciativo com a linguagem, a produção do automatismo parece se voltar mais para a *indicação* de algum aspecto que será enunciado a seguir, como se estivesse “preparando o terreno” para a produção destes outros elementos, isto é, a produção do automatismo tem caráter ora alavancador de um tópico, ora preenchedor de um comentário proferido por CF ou por seus interlocutores. Além disso, o uso de *esaw esaw* também parece se dar quando ela deseja complementar uma afirmação ou negação daquilo que foi dito por seu interlocutor. Assim, depois de produzir *sim* ou *não*, *esaw* surge como comentário final ao que foi inicialmente negado ou afirmado, tendo assim papel importante na progressão e organização textual de CF. Ou ainda, ele tem caráter de comentário *interrogativo* acerca de algum tópico, como *esaw hein?*, constituindo neste caso uma expressão cristalizada por CF, reconhecida por seus interlocutores como um comentário especulativo feito sobre o tema que está sendo desenvolvido, bem como a explicitação do engajamento de CF. Este tipo de uso mostra que ela se mantém no tópico conversacional, não apenas presente na situação enunciativa como ativamente presente, de forma colaborativa e negociada.

3.6 Sobre a função dos marcadores discursivos

Não só os elementos apontados anteriormente revelam facetas da linguagem que exercem importância fundamental na estrutura do discurso como também outros elementos que, lexicalizados ou não, estruturam e dão forma à interação entre os sujeitos. Os elementos aos quais fazemos referência aqui são chamados marcadores discursivos (que podem ainda ser chamados de marcadores conversacionais) e podem ser definidos como:

“(...) um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância de enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual interativa.” (Risso et al, 1996: 21)

Estes elementos são relevantes na análise lingüística da interação entre os sujeitos por marcarem aspectos como: a atenção de um sujeito perante a fala do outro; a concordância/ discordância do sujeito perante a fala de seu interlocutor; a hesitação do falante por falta de planejamento do que será dito; o preenchimento de pausas que expressam a manutenção do turno por parte do falante, além de servirem como forma de monitoramento do ouvinte diante da fala do outro.

O dito acima fica claro na afirmação de Urbano (1997):

“Para Castilho, os MDs (denominação usada para designar os marcadores conversacionais) exercem uma função comum e ampla: a função textual, ou seja, todos eles organizam o texto. Todavia, essa função mais geral comporta ela mesma, duas funções mais específicas: a função interpessoal e a função ideacional, às quais correspondem dois tipos de marcadores: os marcadores interpessoais e os marcadores ideacionais:(...)”(Urbano, 1997:91)

Dessa forma, os marcadores interpessoais administrariam os turnos conversacionais enquanto os marcadores ideacionais fariam parte da negociação do assunto a ser tratado e

de seu desenvolvimento (Castilho, 1989). É importante destacar que essa discriminação genérica acerca dos marcadores apresenta funções que a maior parte dos marcadores exercem, a depender do contexto de sua produção. Porém, não só o contexto de produção determina a função designada pelo marcador discursivo. Para que esta função esteja evidenciada, a *prosódia* tem papel fundamental, o que mostra mais uma vez que a mesma permeia todo o processo de construção da significação e da estruturação do discurso em conjunto com outros elementos.

A produção destes marcadores implica a atenção do sujeito diante da fala do outro e sua presença na fala de CF pode ser considerada mais um forte argumento em favor da consciência lingüístico-pragmática deste sujeito diante dos processos interacionais, o que significa afirmar que o sujeito faz parte do discurso, agindo sobre ele de forma ativa, indicando que compreende aquilo que lhe é dito e que é capaz de se mostrar presente no processo interacional. Passo agora à observação de dados que aponta para a utilização dos marcadores discursivos por CF, como forma de apoio e estruturação de sua produção lingüística.

O primeiro dado a que faço referência ocorreu no mês de abril do ano de 1991. Cada participante trouxe uma notícia de jornal que considerou interessante para ser apresentada ao grupo. CF está comentando a notícia que trouxe e um dos participantes, AF, tenta fazer a ela uma pergunta. Devido à dificuldade de AF em se expressar, EM o auxilia a construir a pergunta e retoma o que deveria ser dito. Neste momento, CF replica o que foi perguntado por EM através do marcador discursivo, mostrando que está de acordo com o que foi sugerido por EM.

Trecho 1-91

1. **EM:** á lá! Jóia... CF o seu AF vai fazê uma pergunta pra você... seu AF... ô seu AF...
2. então faça a respeito aí do...
3. AF: ((*vendo as fotos*)) ()
4. CF: [aj→ew]
5. AF: () é... como chama... é...
6. **MI:** peraí
7. **EM:** vai perguntá pra ela seu AF do que foi que ele morreu né?

8. CF: →é// esaw e→saw

Observe que o uso do marcador discursivo não implica apagamento do uso de *esaw*. Neste caso, ele é utilizado como complemento à afirmação introduzida por *é*, o que implica dizer que não há tentativa de supressão do mesmo por parte do sujeito. Este é reconhecido como parte constitutiva de seu discurso e, portanto, constitui-se como marca de subjetividade. A resposta imediata ao MD (como também são chamados os marcadores) introduzido por EM deixa claro que CF está acompanhando o planejamento da interação que está se dando e mostra que CF se vale dos recursos dados por seus interlocutores para mostrar sua participação na conversação. Isto é, na tentativa feita por EM de atestar a participação de AF na interação com CF (através de *né?*, na linha sete), é CF quem mostra sua atenção diante da proposta, concordando com este planejamento.

A seguir, em um outro trecho extraído da mesma sessão, os participantes do grupo estão tentando descobrir o cantor a que CF faz menção durante a sessão. Os participantes passam um período razoável tentando descobrir quem é o “cantor misterioso” e CF demonstra ter desistido de dizer quem ele é. É neste momento que MI, uma das pesquisadoras, pergunta mais uma vez (mostrando um nome escrito em um papel trazido por CF) se é aquele o cantor.

Trecho 3-91

1. **EM:** bom... o misterioso aquele lá era o Julio Iglesias pelo que eu entendi
2. **CF:** e→saw! ((*afirmativa*))
3. **MI:** e esse... quem é? É esse aqui?
4. **CF:** →é][→é][→é
5. **MI:** ess/ é esse cantor aqui?
6. **CF:** ↓ é// →ih::
7. **MI:** peraí/
8. **EM:** [vamo cantá um pouquinho pra vê como é que é tal... né?

Neste caso, através do uso do MD *ih*, acompanhado de alongamento da vogal, CF demonstra claramente sua postura com relação a este momento da interação. O uso do

marcador discursivo aqui é fundamental para marcar o incômodo do sujeito frente ao que foi sugerido mais uma vez como tópico. Percebe-se que seu uso foi funcional a considerar que, depois de marcado seu aborrecimento, é proposto por EM que se dê início a uma outra atividade, sendo o tópico do diálogo alterado.

Esse aborrecimento é declarado mais uma vez através do uso deste mesmo marcador quando mais uma vez se questiona a identidade do cantor a que CF fez referência no início da sessão. É importante declarar que este marcador é reconhecido pelos outros interlocutores por ser parte integrante do repertório lingüístico dos mesmos, isto é, não é um MD criado, mas sim um já reconhecido na variação dialetal destes falantes.

Trecho 3-91

1. **MI:** CF... este é o cantor?
2. **CF:** →é::][→ é:://→ ô// →ih::! ((*parece reclamar*))
3. **EM:** eu sei CF mas cê sabe... se/
4. **CF:** ↑ ó// eu pre ↑ ciso][→ó// ↑ olha// →eu//

Mais uma vez seu uso ficou bastante claro e pode ser percebido pela resposta proferida por EM, numa tentativa de justificar a importância da negociação do sentido e deste exercício com a linguagem. É importante observar mais uma vez que o MD não é produzido isoladamente, mas em conjunto com outros elementos constitutivos da produção de CF.

Sendo assim, pode-se observar o uso de um outro MD: o *é* alongado, que sugere o planejamento de CF diante daquilo que lhe foi perguntado. No entanto, por não produzir o enunciado que provavelmente gostaria de proferir como resposta à pergunta de MI, ela se vale do MD *ih* para indicar a falha no planejamento e conseqüente aborrecimento.

Já no caso a seguir, ocorrido em março de 1996, CF está conversando com IEF e faz uso de dois MDs que são bastante significativos – e recorrentes – em sua fala. O MD *ó* é utilizado para apontar que CF está tentando dizer algo, o que é compreendido por IEF que acompanha o turno, mostrando-se presente na interação através do MD *ãh*. O MD que o antecede indica que CF está planejando sua fala e mantendo seu turno até que processe e planeje aquilo que pretende dizer.

O que surge de novo neste caso é que, ao realizar o planejamento, CF, além de fazer uso do MD, traz para sua fala o tópico da conversa, falando *Mércia* (neste caso, o nome da professora que a auxiliaria a iniciar um trabalho com crianças em um colégio). Em reação à sua produção, faz uso de *olha!* chamando a atenção para o que disse e indicando estar contente por ter falado. Aqui, faz-se importante destacar o papel da prosódia na constituição deste comentário de CF. A subida no contorno entoacional indica a surpresa e satisfação diante de sua produção, além de caracterizar a subjetividade de CF. Os aspectos relativos ao papel da prosódia foram abordados com maior destaque na seção 3.1.

Dando continuidade ao comentário proferido por CF, IEF comenta as mudanças em sua produção. CF demonstra sua satisfação mandando um beijo para a investigadora.

Trecho IEF/CF

((*caí a caixa da fita cassete no chão*))

1. **IEF:** ai! caiu! Que que você trouxe aí?

2. CF: →é::

3. **IEF:** obrigada ((*CF entrega a ela a caixa da fita que havia caído no chão*))

4. CF: →ó

5. **IEF:** ãh

6. CF: →é::][→Mércia][↑ ai][↑ ércia!// ↑ Olha! ((*contente por ter falado*))

7. **IEF:** [mas CF você tem observado como é que você tá...

8. CF: →ai// e ↓ saw

9. **IEF:** ...soltando a tua fala sem o *prompting* CF!

10. CF: ((*manda beijo*))

Essa análise, ainda que não exaustiva, já permite sugerir que o uso dos MDs assinala com bastante solidez a postura de CF no decorrer da interação. O seu uso, por ser reconhecido semântico-pragmaticamente pela comunidade linguística a qual pertence, faz com que ele tenha sua função maximizada em decorrência dos problemas enfrentados por CF, relativos à sua afasia. Seu emprego, tal como aparece na produção de CF, indica que sua competência relativamente à linguagem não está em absoluto deteriorada, e por serem investidos de sentido, esses MDs, uma vez reconhecidos por seus interlocutores, permitem

que CF seja compreendida, o que confere a eles importância fundamental na reorganização do processamento lingüístico e na estruturação do discurso.

Capítulo V

Considerações finais

O presente estudo teve o intuito de voltar o olhar do pesquisador para a importância de uma análise enunciativo-pragmática na área de Neurolingüística, capaz de promover uma refinada descrição dos fenômenos que constituem o quadro semiológico das afasias.

Para tanto, considerou-se primeiramente a descrição disponível na literatura neuropsicológica sobre o automatismo, um dos fenômenos intrigantes que constituem o quadro semiológico das afasias, e assim teve início uma análise que pareceu bastante diferenciada no que tange à constituição do *corpus* e à consideração do automatismo em meio às atividades e situações enunciativas.

Esta perspectiva teórica permitiu que uma série de características levantadas pelos estudos tradicionais acerca do automatismo fosse questionada, uma vez que o estudo realizado com base em dados de fala espontânea e de caráter longitudinal nos permitiu observar uma série de *movimentos* presentes e identificados na produção do fenômeno e que são importantes para sua compreensão. Esses *movimentos* se deram em função da constante tentativa do sujeito de investir sua fala de significação, processo que passa pela valorização de fenômenos enunciativos e pragmáticos, bem como de elementos lingüísticos (segmentais e suprasegmentais) e paralingüísticos (como a expressão fisionômica e o gesto) a eles vinculados.

Dessa forma, a prosódia parece desenvolver um papel marcadamente relevante na constituição da produção de CF. Se levarmos em conta que sua produção lingüística é distinta da produção de sujeitos não afásicos, a maneira como pôde empregar os recursos

prosódicos não só foi importante na constituição da significação e na reconfiguração de sua produção, como foi fundamental para a constituição da subjetividade.

A reconstituição da subjetividade se deu aqui através do constante processo de construção do sentido realizado por CF e seus vários interlocutores, cumprindo assinalar o reconhecimento, por parte deles, da importância destes elementos prosódicos para a constituição lingüística de sua fala. É isto essencialmente que permite a CF que continue se valendo destes elementos para falar e se fazer compreender, transformando o estatuto neurolingüístico do automatismo ao longo dos anos e servindo-se dele para retomar sua condição de falante.

Isto, porém, não implica dizer que a produção de CF tem se “desenvolvido” no sentido de suprimir o uso do automatismo ou ainda, de superá-lo (no sentido de erradicá-lo). Como sugerido no capítulo IV, o que parece se dar é o preenchimento de alguns ambientes por outros elementos lingüísticos. Dessa forma, o automatismo passa a ser mais significativo em outros contextos como, por exemplo, na construção de comentários frente à sua produção (ou, ainda, da produção do outro), e também como auxiliar na construção de narrativas.

Porém, cumpre salientar que não só a prosódia desempenha este papel de constante reconfiguração da produção. Neste caso, podemos dizer que a prosódia foi fundamental na organização das estruturas presentes na produção de CF, empreendendo-as de significação. Nesse sentido, este trabalho se alinha às reflexões desenvolvidas de maneira pioneira por Jakobson. Ainda que haja muito a dizer sobre a relevância da Fonética no entendimento do funcionamento lingüístico, Jakobson, ao refletir sobre o papel simbólico da forma fônica da linguagem, demarcou a importância desse campo nos estudos da linguagem.

Com relação às características postuladas pelos estudos tradicionais sobre o automatismo, temos que além da desconsideração da prosódia como elemento estruturador da fala do sujeito afásico, há outras características que são bastante destacadas por estes estudos, que aqui receberam outra interpretação. Dentre essas características essenciais, destaco a consideração de que o sujeito monofásico não se vale em sua produção oral de outro elemento que não o automatismo. O que se viu neste trabalho é que a produção de CF está recheada de outros elementos que são bastante produtivos e importantes em sua produção. Tais elementos, como as locuções interjectivas e o vocativo, têm papel

fundamental na constituição da fala do sujeito, o que nos permite concluir que é a partir do uso produtivo destes elementos, ou seja, em instâncias interlocutivas nas quais o sujeito é impelido a realizar vários processos lingüístico-discursivos, que CF passa a utilizar os automatismos constituintes de sua fala em contextos mais específicos. Dentro desse quadro é que podemos compreender a possibilidade de reconfiguração do sistema lingüístico. Se CF serviu-se de toda uma riqueza prosódica em seu favor, é porque esteve inserida em diferentes situações interativas, as quais envolvem, de maneira dinâmica, vários processos lingüístico-discursivos. Este movimento de valorização dos recursos prosódicos, entre outras coisas, permitiu que CF passasse a integrar à sua produção oral um maior número de enunciados.

Levando em conta os aspectos apontados acima, parece bastante plausível afirmar que a pesquisa que observa e investiga o automatismo com base nos atos de enunciação apresenta maior capacidade de explicitar as características do fenômeno, dando fôlego novo à sua descrição. Assim, é possível concluir que a abordagem sugerida pelos estudos tradicionais, realizados basicamente através da aplicação de testes padronizados, considerando a linguagem mero instrumento de análise de determinada patologia, é insuficiente não só na caracterização deste fenômeno, como também o é na descrição do funcionamento da linguagem de uma maneira geral.

Estes apontamentos sugerem ainda que este trabalho não somente permite uma nova reflexão acerca do automatismo no campo dos estudos neurolingüísticos, como pode também ser importante para uma teorização lingüística que pretende analisar dados de fala espontânea, avaliando o papel da prosódia nesses contextos. Dificilmente se vê na literatura da área de Lingüística estudos dedicados a investigar a prosódia que levem em consideração os atos enunciativos como dados para sua análise. Dessa forma, espera-se que este trabalho possa lançar luz sobre a teorização lingüística acerca da prosódia realizada a partir de dados de fala espontânea, considerando ainda todas as suas circunstâncias.

Deve-se ressaltar, no entanto, que as conclusões a que podemos chegar não são de forma alguma exaustivas, o que implica dizer que há certamente muito por dizer acerca do automatismo na perspectiva adotada. Dado o recorte estabelecido para este estudo, não foi possível contemplar com detalhe uma série de aspectos importantes na compreensão do automatismo. Dentre esses aspectos, apontamos para o papel das vogais na produção do

sujeito CF. Como o nível fônico não se encontra preservado, as vogais adquirem um papel relevante em sua produção, como pode ser observado, por exemplo, na produção de locuções interjectivas. Um trabalho posterior extremamente interessante seria descrever e analisar o papel das vogais na produção de CF. Estaria a escolha de CF pelos elementos que constituem o seu vocabulário atrelada à articulação fonética destes elementos? Se sim, como se daria esta escolha?

Outro aspecto que mereceria uma análise mais detalhada seria o que observa detalhadamente se há uma relação entre a produção que se dá a partir do processo de especularidade com a alta frequência destes enunciados na língua do falante. Dessa forma, caberia questionar, quanto a isso, qual o papel de palavras familiares no uso do processo de especularidade na formulação do discurso de CF. Ainda sobre o processo de especularidade, parece igualmente importante compreender a importância do acento para a produção especular de CF. Isto porque os enunciados produzidos com base neste processo se estruturam em torno do acento frasal, isto é, somente são repetidas as sílabas a partir desse tipo de acento.

Certamente, detalhamentos como os apontados acima poderiam corroborar e estender a análise realizada aqui. Além disso, o estudo destes aspectos seria fundamental para reafirmar a importância da Fonética para a análise lingüística, o que traria benefícios não somente para os estudos ligados à afasia, como também para os estudos do funcionamento da linguagem de uma forma geral.

Nesse sentido, o presente trabalho não só procurou lançar luzes sobre uma série de reflexões que podem vir a ser abordadas no futuro, como também possibilitou o reconhecimento de uma série de características do automatismo (inclusive sua rica e dinâmica realidade lingüística) que não são contempladas pelos estudos tradicionais. Todo este trabalho somente foi possível a partir de um enfoque enunciativo-pragmático da prosódia e demais processos lingüísticos, levando em conta uma análise qualitativa das diversas circunstâncias de uso efetivo da linguagem.

É com este espírito que encerro esta Dissertação, reforçando ainda a importância de estudos que reconheçam a relevância de se considerar os diversos processos (lingüísticos e não lingüísticos) que atuam de maneira solidária na constituição do funcionamento da linguagem.

Anexo

O presente anexo visa apresentar as observações realizadas acerca de alguns dos aspectos prosódicos atuantes no funcionamento da linguagem. O intuito desta apresentação é reforçar a idéia já apresentada ao longo do capítulo IV sobre a relevância da interação entre alguns dos elementos que constituem a prosódia, a saber, a curva entoacional e a duração. Ainda que não seja o escopo desta Dissertação a construção de uma análise estatística robusta sobre os aspectos duracionais e entoacionais do funcionamento da linguagem, parece bastante interessante mostrar a variação na produção destes aspectos dentro dos vários contextos analisados aqui. Tal procedimento se justifica porque ao dar maior visibilidade ao fenômeno da variação duracional dos segmentos dentro de uma variedade de “contextos entoacionais”, faz-se possível reconhecer algumas das diversas estratégias lingüísticas que são arranjadas para a construção do sentido. Parece claro então que se propôs mostrar, na presente Dissertação, a inter-relação entre elementos que constituem a prosódia, inter-relação que se dá com o intuito de auxiliar na produção do sentido. Dessa forma, a prosódia é reconhecida como elemento de relevância no funcionamento da linguagem.

Está claro, porém, que este trabalho não se volta para a confirmação estatística de uma expectativa que é *perceptual*, o que faz com que sejam dispostos aqui apenas alguns dados correspondentes à duração dos segmentos produzidos por CF. Fica para trabalho futuro a possibilidade de um estudo apurado da importância da inter-relação entre a duração e a curva entoacional, e a intensidade. Assim, a realização de uma análise acústica e estatística mais apurada fica a cargo daqueles que se sentirem instigados em percorrer os caminhos da Fonética Acústica e Segmental para atestar a importância dessas estruturas para o funcionamento da linguagem.

A seguir, tem início a apresentação dos valores das durações dos segmentos analisados no capítulo IV. Os dados referentes às análises serão dispostos no interior de cada seção com o intuito de contextualizar a produção das variações na duração.

1. Trecho 3-92

1. LM: eu voto... lá em Minas
2. CF: →ah:// esaw e→sa::w?
3. MI: o título dele é lá em Minas então...
4. CF: →ah:// esaw e→saw ((*afirmativa*))
5. LM: [complicô né?
6. CI: complicô
7. CF: e↓saw
8. EM: é perto de Pouso Alegre... num vô nem fazê a pergunta
9. CF: [→ah// esaw e↑saw?

A seguir tem-se um pequeno quadro que apresenta a diferença na duração do encontro vocálico final *aw* no enunciado *ah esaw esaw* nas linhas 2, 4 e 9. Este quadro esboça o valor da duração deste encontro vocálico em três contextos distintos: a afirmação (linha 4), a interrogação sem subida na curva entoacional (linha 2) e a interrogação com subida na curva entoacional (linha 9).

ENCONTRO VOCÁLICO (LINHA 4, TRECHO 3-92) AFIRMAÇÃO	ENCONTRO VOCÁLICO (LINHA 2, TRECHO 3-92) INTERROGAÇÃO (SEM SUBIDA NA CURVA ENTOACIONAL)	ENCONTRO VOCÁLICO (LINHA 9, TRECHO 3-92) INTERROGAÇÃO (COM SUBIDA NA CURVA ENTOACIONAL)
0,134s	0,28s	0,128s

Tabela 1. Duração da seqüência *aw* em três diferentes contextos.

Observou-se também que não só o encontro vocálico referente ao enunciado *ah esaw esaw* tem variação em sua duração. O marcador discursivo que antecede a produção de *esaw esaw* também parece sofrer alterações a depender da modalidade do enunciado que se vai produzir e da direção da curva constituinte do enunciado. Isso pode ser percebido no pequeno quadro abaixo, que aponta os valores do MD em dois diferentes contextos: a afirmação e a interrogação sem subida na curva entoacional. Parece fundamental que a

duração do MD se altere para imprimir ao enunciado o caráter de *afirmação* ou *interrogação* nos casos em que não há subida da curva entoacional. Cabe salientar que a apresentação destes valores tem caráter ilustrativo frente à expectativa perceptual inicial de que há variação significativa na duração. Somente uma análise estatística robusta, que leve em conta um número maior de dados, será capaz de confirmar a expectativa inicial deste trabalho.

MD (LINHA 4, TRECHO 3-92) AFIRMAÇÃO	MD (LINHA 2, TRECHO 3-92) INTERROGAÇÃO (SEM SUBIDA NA CURVA ENTOACIONAL)
0,072s	0,262s

2. Trecho 3-93

1. MF: ...então você disse: “eu não posso ficar”
2. CF: →é
3. MF: ...por que que você não pode ficá?
4. AF: aula... aula
5. CF: [→é:::// ↑ai// esaw e→saw// e↓saw//
6. MF: porque eu tenho...
7. AF: aula
8. MF: porque eu...
9. CF: [que eu
10. MF: ...tenho...
11. CF: [tenho
12. MF: ...aula
13. CF: [aula// ↓ é:::// e↓saw// ((*afirmando*))

Neste caso, o que se observa é a variação duracional na produção de *é*. Tal variação teria explicação na diferenciação da modalidade de cada um dos enunciados. Sendo assim, será a duração – associada ao contexto de produção do enunciado – que nos permitirá saber

se sua produção tem caráter de planejamento (linha 5), afirmação (linha 2) ou afirmação enfática (linha 13).

É (LINHA 2, TRECHO 3-93)	É (LINHA 5, TRECHO 3-93)	É (LINHA 13, TRECHO 3-93)
AFIRMAÇÃO	PLANEJAMENTO	AFIRMAÇÃO ENFÁTICA
0,118s	0,572s	0,344

Há ainda outras observações que devem ser feitas sobre o presente dado. A duração do encontro vocálico *aw* em *esaw*, nas respostas proferidas em dois pontos diferentes do dado, tem características semelhantes. Sua ocorrência na linha 13 pode ser definida como *conclusiva*, dando fim ao tópico. A duração de *aw* neste ponto foi de 14ms, valor baixo quando comparamos tal duração à duração dos mesmos encontros vocálicos que são produzidos neste trecho. Na linha 5, na última produção de *esaw* (de caráter conclusivo também) o encontro vocálico *aw* teve duração de 19,1ms, o que ainda pode ser considerado um valor bastante baixo, tendo em vista que a mediana referente às produções de *esaw* no final do grupo entoacional foi de 31,1ms neste trecho da sessão.

O uso da mediana permitiu que se encontrasse um número representativo, que caracterizou o centro da distribuição dos dados sem ser afetado pelos possíveis valores extremos da duração de um segmento, o que aconteceria caso fizéssemos uso da média. Dessa forma, foi possível comparar o valor da mediana com o valor de cada um dos segmentos e avaliar se tais valores poderiam ser tidos como altos ou baixos no trecho.

Cabe destacar, porém, que essas observações não são exaustivas e têm caráter ilustrativo. O presente trabalho não pretende estabelecer um modelo de análise da duração dos segmentos, tampouco criar um parâmetro geral que avalie a variação das durações. Sabe-se que a duração é um elemento de análise bastante variável, o que nos leva a crer que não parece plausível estabelecer um valor ideal que represente o limite da duração para a afirmação ou para a interrogação. É dessa forma que se justifica o uso da mediana nos trechos analisados, com o intuito de comparar somente naquele trecho a produção duracional de CF.

Bibliografia

- ALBANO, E. C. (1990) Da fala à linguagem: tocando de ouvido. São Paulo: Martins Fontes.
- AXER, H., Jantzen, J., Berks, G., Südfeld, G., Keyserlingk, D.G. (2000). "The Aphasia Database on the Web: Description of a Model for Problems of Classification in Medicine." Proc. ESIT.
- BLANKEN, G. (1991) The functional basis of speech automatism (recurring utterances). *Aphasiology*, vol. 5, nº2, 103-127.
- _____, Dittman, J. & Wallesch, C. (1992) *Studies on the "Speechless Man": The Case of Speech Automatism*. In Brogyanyi, B. (edt). Prehistory, History and Historiography of Language, Speech, and Linguistic Theory. John Benjamins Publishing Company.
- _____ & Marini, V. (1997) Where do lexical speech automatism come from? *Journal of Neurolinguistics*, Vol. 10, nº1, 19-31.
- BRAIT, B. (1997) *O processo interacional*. In: Preti, D. (org) Análise de textos orais. São Paulo: Humanitas, 3ª edição.
- BROCA, P. (1861) *Notes on the side of the faculty of articulated language, followed by an observation of aphemia*. In: Eling, P. (edt). Reader in the History of Aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind. John Benjamins Publishing Company.
- BUSATO, V. (2001) A noção de metalinguagem no campo da neurolinguística: um estudo enunciativo. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP.
- CALVINO, I. (1994) Palomar. São Paulo: Cia das Letras.
- CAPLAN, D. (1998) *Neurolinguistics and linguistic aphasiology: an introduction*. Cambridge University Press. (original 1987)
- CEGALLA, D.P. (1976) *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 14ª edição.
- CÉSAR, G. (1977) Sistema do imperfeito e outros poemas. Porto Alegre: Globo.
- CODE, C. (1997) Can the right hemisphere speak? *Brain and Language*, 57, 38-59.
- _____ (1994) Speech automatism production in aphasia. *Journal of Neurolinguistics*, vol. 8, nº2, 135-148.

- COUPER-KUHLEN, E. (2001) Interactional Prosody: high onsets in reason-for-the-call turns. *Language in Society*, 30, 29-53.
- COUPER-KUHLEN, E. & SELTING, M. (1999) *Towards an interactional perspective on prosody and a prosodic perspective on interaction*. In: Couper-Kuhlen, E. & Selting, M. *Prosody in Conversation – Interactional Studies*. Cambridge: Cambridge University Press (original 1996)
- CRUTTENDEN, A. (1997) *Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2ª edição.
- DE BLESER, R. & POECK, K. (1985) Analysis of prosody in the spontaneous speech of patients with CV-recurring utterances. *Cortex*, 21, 405-416.
- DUBOIS, J. *et al.* (1997). *Dicionário de lingüística*. São Paulo, Cultrix.
- DUCROT, O. (1972) *Princípios de Semântica Lingüística (dizer e não dizer)*. São Paulo: Editora Cultrix.
- _____ (1980) *Analyses pragmatiques*. *Communications*, 32.
- FEDOSSE, E. (1999) *Da relação linguagem e praxia: estudo neurolingüístico de um caso de afasia*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP.
- FOUCAULT, M. (1994) *Doença Mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- GEBARA, E. (1976) *Alguns aspectos da intonação no português*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP.
- GOLDSTEIN, K. (1948) *Language and Language Disturbances*. New York: Grune & Stratton.
- _____ (1995) *The Organism: a holistic approach to biology derived from pathological data in man*. New York: Zone Books.
- GUMPERZ, John J. (1992) *Discourse strategies*. Cambridge University Press. (original 1982)
- HECAEN, H. & ALBERT, M. (1986) *Human Neuropsychology*. Robert E. Krieger Publishing Company. (original 1978)
- JACKSON, H. (1880) *On Affections of Speech from Disease of the Brain*. In: Eling, P. (edt). *Reader in the History of Aphasia: from Franz Gall to Norman Geschwind*. John Benjamins Publishing Company.
- JAKOBSON, R. (1972) *Child Language, Aphasia and Phonological Universals*. Mouton.

- _____ (1988) *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- KOCH, I. V. (2001). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Editora Contexto.
- LEBRUN, Y (1986) Aphasia with recurrent utterance: a review. *British Journal of Disorders of Communication*, 21, 3-10.
- LEMOS, C. (1982) Sobre aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da ABRALIN*, 3, 97-126.
- LIBERMAN, M. & SAG, I. (1974) Prosodic form and discourse function. Paper from the Tenth Regional Meeting, Chicago Linguistic Society, 416-127.
- LURIA, A. (1973) *The Working Brain – An Introduction to Neuropsychology*. Penguin Publishers.
- _____ (1977) *Neuropsychological studies in aphasia*. Amsterdam: Swets & Zeitlinger B.V.
- _____ (1986) *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- MAIA, E. A. M. (1985) Estratégias de sustentação do diálogo e a concepção adulta do desenvolvimento fonológico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 9, 115-121.
- MARCUSCHI, L. A. (1986) *Análise da Conversação*. São Paulo: Editora Ática.
- MARTINS, E. J. (1990) *Enunciação e diálogo*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- MORATO, E. M. (2000) *As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)lingüística à questão social*. In: Lopes da Silva & Melo Moura, H. M. O *Direito à Fala: a questão do preconceito lingüístico*. Insular.
- _____ (2001) *Neurolingüística*. In: Mussalim, F. & Bentes, A. C. (org) *Introdução à Lingüística 2 – domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez editora.
- MORATO, E. (coord.). (1997) *Centro de Convivência de Afásicos: práticas discursivas, processos de significação e propriedades interativas*. Projeto de Pesquisa.
- NOVAES-PINTO, R. (1999) *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de Doutorado. IEL/UNICAMP.
- PARRET, H. (1988) *Enunciação na Pragmática*. Editora da UNICAMP, Campinas.

- PIERREHUMBERT, J. & HIRSCHBERG, J. (1992) *The meaning of intonational contours*. In: Cohen, P., Morgan, J. & Pollack, M. (org.) *Intentions in Communication*. Cambridge: MIT Press.
- POECK, K., DE BLESER, R. & VON KEYSERLINGK, D. G. (1984) Neurolinguistic status and localization of lesion in aphasic patients with exclusively consonant-vowel recurring utterances. *Brain*, 107, 199-217.
- PRETI, D. (2002) *Alguns problemas interacionais da conversação*. In: Preti, D. (org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP.
- RISSO, M., SILVA, G. M. & URBANO, H. (1996) *Marcadores Discursivos: traços definidores*. In: Castilho, A. & Basílio, M. *Gramática do Português Falado*, vol. IV: Estudos Descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP, São Paulo: FAPESP.
- SCARPA, E. M. (2001) Abordagens prosódicas à linguagem de sujeitos cérebro-lesados. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 31.
- _____ (2000) O recuso a níveis prosódicos superiores na aquisição e na escrita. *Revista Palavra*, nº6, 48-62.
- _____ (1985) A emergência da coesão intonacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 8, p. 31-43.
- SPENCER, H. (1937) *First Principles*. Londres: Watts & CO.
- URBANO, H. (1997) *Marcadores Conversacionais*. In: Preti, D. (org) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 3ª edição.
- VOGT, C. (1989) *Estrutura e Função da Linguagem*. In: *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. São Paulo: Editora HUCITEC.
- WALLESCH, C-W. & BLANKEN, G. (2000) Recurring Utterances – How, Where and Why are They Generated? *Brain and Language*, 71, 255-257.